VOLUME 8.º N.º 1 JUNHO DE 1960

# Revista de Antropologia

SUMÁRIO

P. H. SALDANHA, O. FROTA-PESSOA, PHYLLIS EVELETH, F. OTTENSOOSER, ALDA B. CUNHA e MARINA A. A. CAVALCANTI: Estudo genético e antropológico de uma colônia de holandeses do Brasil ..... 1

GERMÁN FERNÁNDEZ GUIZZETTI: Proyecciones filosóficas de algunas teorías etnolingüísticas contemporaneas ..... 43

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ: Aspectos gerais do messianismo ..... 63

NOTICIÁRIO • BIBLIOGRAFIA • PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

DIRETOR: EGON SCHADEN, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

A *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, órgão oficial da *ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA* e da *SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA*, publica-se duas vêzes por ano, em junho e dezembro.

Preço da assinatura anual: Cr$ 100,00; para o estrangeiro: US$ 2,50.

Os autores são responsáveis pelo conteúdo de seus trabalhos.

De cada artigo se tiram 80 separatas.

* * *

Tôda correspondência deve ser enviada ao

**Prof. Dr. Egon Schaden**

**Caixa Postal 5459**

**São Paulo, Brasil**

# REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Volume 8.º Junho de 1960 N.º 1


## ESTUDO GENÉTICO E ANTROPOLÓGICO DE UMA COLÔNIA DE HOLANDESES DO BRASIL [1]


**P. H. Saldanha [2], O. Frota-Pessoa [3], Phyllis Eveleth [3], F. Ottensooser [2], Alda B. Cunha [2] e Marina A. A. Cavalcanti [2].**

com a colaboração [4] de

**M. Abramowicz, B. Beiguelman, Alda de M. Bruno, H. C. Carvalho, Dagmar M. Casanova, Regina L. R. Castro, E. Covarrubias, A. Freire-Maia, Hebe G. Leme, N. Leon, Lucia W. Mello, A. C. E. Oliveira, L. D. Patrício e Lucy I. S. Peixoto.**


A população brasileira presta-se especialmente para pesquisas raciais e de genética das populações, pois, tendo-se originado de três troncos raciais bem distintos, recebeu, a partir da segunda metade do século passado, mais de cinco milhões de imigrantes vindos da Europa e do Japão (CARNEIRO, 1950). Sem dúvida isso condicionará importantes modificações na estrutura genética e antropológica do nosso povo, especialmente nos Estados do sul que têm recebido o maior contingente de imigrantes. De fato a migração é o fator que mais vem atuando, modernamente, na evolução das populações humanas.

Para se avaliar o efeito dessa mistura de raças é necessário investigar sistemàticamente a composição genética e antropológica dos grupos recém-chegados. Tais estudos são pràticamente inexistentes no Brasil, a não ser em relação a alguns caracteres especiais, como grupos sangüíneos (revisão em OTTENSOOSER, 1955) e sensibilidade à feniltiouréia (SALDANHA, 1958, 1959; SALDANHA e BEÇAK, 1959, FREIRE-MAIA e col., no prelo).

O presente trabalho tem a finalidade de registrar dados genéticos e antropológicos referentes a cêrca de 200 holandeses que chegaram ao Brasil nos últimos dez anos e fazem parte da colônia de Holambra (Cooperativa Agro-Pecuária "Holambra") localizada no Município de Jaguariúna, perto da cidade de Campinas, no Estado de São Paulo. Análises mais detalhadas dos dados obtidos serão publicadas posteriormente.

---


1) Trabalho realizado com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas e da Fundação Rockefeller.



2) Laboratório de Genética Humana do Depart. de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina da U.S.P., Caixa Postal 2921.

3) Laboratório de Genética Humana do Depart. de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., Caixa Postal 8105.

4) Os colaboradores foram alunos do Curso de Genética Humana dado pelos Departamentos de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

## CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

A colônia de Holambra é constituída por 113 casais e seus filhos. A amostra estudada compõe-se de 196 holandeses (100 homens e 96 mulheres), casados, que viviam em Holambra em outubro de 1959. As mulheres tinham idades entre 23 e 59 anos (idade média 35 anos) e os homens entre 25 e 75 anos (idade média 41 anos). Todos os indivíduos são holandeses natos e de religião católica; muitos vêm da região meridional da Holanda. Foram excluídas da amostra duas mulheres brasileiras casadas com holandeses estudados. Além dêsses dois casamentos mistos, houve apenas mais um em tôda a história da colônia: o de uma holandesa que se casou com brasileiro e foi morar fora de Holambra. Entre os casais estudados havia um casal de primos em 1.º grau, um de primos em 4.º grau e um de primos em 6.º grau (para o sentido dessa nomenclatura, veja FROTA-PESSOA e FILGUEIRAS, 1957). Dentre os indivíduos incluídos na amostra, havia vários grupos de irmãos, a saber: 5 irmandades de 2 indivíduos, 5 de 3, 11 de 4 e 3 de 7. Além disso, havia um par de primos em 1.º grau. Como certos indivíduos não foram estudados quanto a todos os caracteres, o número de indivíduos estudados quanto a cada caráter varia ligeiramente.

## OS CARACTERES ESTUDADOS

Os dados referentes ao local de nascimento e à idade foram obtidos do fichário dos associados mantido pela Cooperativa. Os demais dados foram obtidos por inquérito ou exame direto.

Estudaram os seguintes caracteres:

1. Grupos sangüíneos
2. Sensibilidade à feniltiouréia
3. Daltonismo
4. Pêlos falangiais
5. Hiperextensibilidade do polegar
6. Lobo auricular
7. Comprimento relativo dos dedos
8. Enrolamento da língua
9. Anomalias congênitas dos incisivos
10. Fosseta auricular
11. Redemoinho dos cabelos
12. Cruzamento das mãos
13. Cruzamento dos braços
14. Aderência da orelha
15. Estatura
16. índice cefálico
17. índice facial

18. índice nasal
19. Distância bigonial
20. Altura do acrômio
21. Altura do dactílio
22. Comprimento do braço
23. Altura tronco-cefálica
24. Côr do cabelo
25. Forma do cabelo
26. Côr dos olhos
27. Prega palpebral
28. Ângulo dos olhos
29. Estrabismo
30. Côr da pele
31. Forma do nariz
32. Eixo das narinas
33. Prognatismo
34. Oclusão dos maxilares
35. Cáries dentárias

Os primeiros dentre êsses caracteres (até o de n.º 14) têm sido usados em estudos genéticos. Os seis primeiros têm tipos de herança mais bem conhecidos. Os caracteres restantes, com exceção do último, são comumente estudados em investigações antropológicas. Seu tipo de herança é mais complexo. Os de número 15 a 23 são métricos, e os de 24 a 34 são qualitativos. O último caráter tem maior significação higiênica do que genética ou antropológica.

Os métodos de observação e análise de cada caráter são descritos abaixo, juntamente com os resultados. Nas Tabelas 14 a 17 e 19 a 22, cada intervalo de classe é indicado pela parte inteira comum a todos os valores incluídos na classe. Por exemplo, a classe 119, na Tabela 19, inclui os valores de 119,0 a 119,9. O centro da classe é, portanto, 119,5. Na Tabela 18. cada intervalo de classe é indicado pelo respectivo centro de classe.

## 1. Grupos sangüíneos

Colheu-se sangue de 192 holandeses. Cêrca de 3 ml de sangue oxalatado de cada indivíduo foram mantidos em geladeira por 48 horas no máximo, desde a coleta até a chegada ao laboratório, onde as provas foram realizadas por F. Ottensooser e Alda B. Cunha. O transporte do sangue foi feito por automóvel, também em geladeira. Em cada amostra de sangue determinaram-se os antígenos $A_1$, $A_2$, B, M, N e $Rh_0$ (D). A técnica foi a seguinte:

**Sistema ABO** — A pesquisa dos antígenos A e B foi feita em lâmina, com sôros anti-A e anti-B do Banco de Sangue S. Paulo. Uma gôta gran-

TABELA 1

Distribuição dos grupos sangüíneos ABO, MN e Rh (D-d) de 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | O | | $A_1$ | | $A_2$ | | A (int.) | | B | | n.º | % |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | $A_1B$ | |
| Homens | 40 | 40,40 | 39 | 39,39 | 10 | 10,10 | 2 | 2,02 | 5 | 5,05 | 3 | 3,03 |
| Mulheres | 38 | 40,86 | 37 | 39,78 | 10 | 10,75 | 1 | 1,08 | 4 | 4,30 | 3 | 3,23 |
| Total | 78 | 40,63 | 76 | 39,58 | 20 | 10,42 | 3 | 1,56 | 9 | 4,69 | 6 | 3,13 |

| | M | | N | | MN | | Rh+ | | Rh− | | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Homens | 32 | 32,32 | 27 | 27,27 | 40 | 40,40 | 81 | 81,82 | 18 | 18,18 | 99 |
| Mulheres | 20 | 21,51 | 25 | 26,88 | 48 | 51,61 | 79 | 84,94 | 14 | 15,05 | 93 |
| Total | 52 | 27,08 | 52 | 27,08 | 88 | 45,83 | 160 | 83,33 | 32 | 16,67 | 192 |

de de sôro era misturada, em escavação de placa de Kline, com uma gotícula do sangue oxalatado. A primeira leitura era feita após alguns minutos e a segunda após 30 minutos, à temperatura ambiente (cêrca de 20° C). Os antígenos $A_1$ e $A_2$ foram pesquisados com reativos vegetais extraídos de uma parte de pó de sementes em 10 partes de solução fisiológica, durante uma hora, à 37° C. O reativo anti-$A_1$ era de **Crotolaria falcata**, cujas sementes contêm anti-$A_1$, de acôrdo com pesquisas ainda não publicadas de F. Ottensooser e L. C. Mônaco. Seu extrato dá reação semelhante ao de **Crotolaria striata** (MÄKELÄ, 1957). As reações foram comparadas em alguns casos com as de lectina anti-$A_1$ dos Hyland Laboratories. O antígeno $A_2$ foi pesquisado com anti-$A_2$ de **Ulex europeus**. Misturavam-se, em escavações de placa de Kline, uma gôta de extrato com uma gôta de hemácias lavadas duas vêzes e suspensas em solução fisiológica a 2%. O extrato de **Crotolaria falcata** aglutinou hemácias $A_1$ e $A_1B$ após 1 a 2 minutos. O extrato de **Ulex europeus** aglutinou hemácias $A_2$ após 1 a 2 minutos e $A_2B$ após 3 a 4 minutos, e não aglutinou $A_1$ ou $A_1B$, mesmo após 10 minutos. Três amostras que deram reações intermediárias entre $A_1$ e $A_2$ são referidas como **A (int.)** na Tabela 1.

**Sistema MN** — A pesquisa do antígeno M foi realizada com sôro anti-M humano excepcionalmente forte e específico (OTTENSOOSER e FARIA, 1956). O antígeno N foi pesquisado com anti-N de **Vicia graminea** (OTTENSOOSER e SILBERSCHMIDT, 1953; OTTENSOOSER, 1958). A concentração do extrato era de 1/50 em relação ao pó das sementes. As provas foram efetuadas em tubos com suspensões de glóbulos em salina. A leitura era feita para anti-M, após 10 minutos, à temperatura ambiente; e para anti-N, após 20 minutos à 37° C.

**Sistema Rh** — O antígeno $Rh_0$ (D) foi pesquisado com sôro anti-$Rh_0$ (D) do Banco de Sangue S. Paulo, em lâminas, sôbre uma câmara iluminada.

Os resultados das determinações estão sumarizados na Tabela 1.

A variação da freqüência dos grupos sangüíneos em diferentes populações foi detalhadamente discutida por MOURANT (1954) e MOURANT e col. (1958), que apresentam tabelas muito completas dessas freqüências. As freqüências observadas na presente investigação não diferem sensìvelmente das citadas por êsses autores para populações da Holanda.

## 2. Sensibilidade à feniltiouréia

Excetuando-se os grupos sangüíneos, a sensibilidade à feniltiouréia pode ser considerada como o caráter genético mais importante em estudos populacionais. A insensibilidade gustativa à feniltiouréia é determinada por um gen recessivo principal em homozigose (SNYDER, 1932; DAS, 1958; MERTON, 1958). Existe também ampla variação individual quanto à sensibilidade a soluções de feniltiouréia de diferentes concentrações. Supõe-se

TABELA 2

Distribuição dos limites gustativos e freqüência de insensíveis à feniltiouréia em 190 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | INDIVÍDUOS COM LIMITE GUSTATIVO DE NÚMERO | | | | | | | | | | | | | | | | INSENSÍVEIS | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | n.º | % |
| Homens | 97 | 13 | 5 | 4 | 2 | 3 | 1 | 3 | 5 | 24 | 20 | 9 | 2 | 4 | 1 | 1 | — | 28 | 28,87 |
| Mulheres | 93 | 2 | 12 | 5 | 3 | 2 | 1 | 2 | 4 | 13 | 28 | 15 | 5 | 1 | — | — | — | 25 | 26,88 |
| Total | 190 | 15 | 17 | 9 | 5 | 5 | 2 | 5 | 9 | 37 | 48 | 24 | 7 | 5 | 1 | 1 | — | 53 | 27,89 |

Anti-moda: 5/6.

Diferença sexual (freqüência de "insensíveis"): $\chi^2 = 0{,}10$; $P = 0{,}86$.

que isso é causado por um conjunto de gens modificadores que atua sôbre a expressividade do gen principal. Como a distribuição dos limites individuais é bimodal, classificam-se os indivíduos em "sensíveis" e "insensíveis" conforme seus limites se situem antes ou depois da antimoda.

Foram testados 190 holandeses pela técnica de HARRIS e KALMUS (1949), que inclui um teste de escolha **(sorting test)**. Usam-se 15 soluções de feniltiouréia com diferentes concentrações, numeradas de 1 a 15. A solução 1 é a mais concentrada (1,3 g por litro d'água). A solução 2 tem a metade da concentração da solução 1; a solução 3, a metade da concentração da solução 2, e assim por diante (para detalhes veja SALDANHA, 1955). O indivíduo prova as diferentes soluções, em ordem, partindo da mais fraca (n.º 15) para a mais concentrada (n.º 1), até declarar que sentiu um gôsto diferente do de água. Com a solução em questão, faz-se o teste de escolha, para confirmação. O indivíduo prova o conteúdo de 8 copinhos, contendo 4 dêles a solução, e os outros 4 contendo água. Se consegue separar corretamente os dois tipos de copinhos, considera-se a solução em questão como marcando o seu limite gustativo. Caso contrário, executa-se novo teste de escolha com a solução seguinte mais concentrada. Os indivíduos insensíveis mesmo à solução n.º 1 foram colocados na classe n.º 0 (Tabela 2).

A Tabela 2 mostra a distribuição dos limites gustativos e a freqüência de insensíveis na amostra estudada. A antimoda situou-se entre os limites 5 e 6. A diferença na freqüência de insensíveis entre os sexos, não foi estatìsticamente significante.

Esta é a primeira determinação da freqüência de insensíveis à feniltiouréia em holandeses. A freqüência em nossa amostra fica entre a encontrada por MOHR (1951), em dinamarqueses (34,08%) e a que ocorre entre europeus mediterrâneos, que não ultrapassa 25% (PONS, 1955; CUNHA e ABREU, 1956).

## 3. **Daltonismo**

Entre os tipos de anomalias de visão das côres, a visão dicromática ou tricromática defeituosa quanto ao vermelho e verde, constitui o tipo de maior importância em genética de populações. A incapacidade de distinguir o vermelho do verde é determinada por um gen recessivo ligado ao sexo.

Testaram-se 193 holandeses utilizando as tabelas de ISHIHARA (1954). Distinguiram-se os seguintes tipos de daltonismo: 1) deuteranomalia (d); 2) deuteranopia (D); 3) deuteranopia-protanopia (DP); 4) deuteranopia-protanomalia (Dp). A Tabela 3 dá a distribuição dêsses tipos de daltonismo e a freqüência de daltônicos de todos os tipos, classificados pelo sexo.

Como se trata de herança ligada ao sexo, a freqüência de homens daltônicos deve corresponder à raiz quadrada da freqüência de mulheres daltônicas na população. O desvio observado ($\sqrt{0{,}0312} - 0{,}1546' = 0{,}022 \pm 0.048$)

não é significantemente diferente de zero (desvio/e. p. = 0,46; P > 0,60). Este cálculo sugere que a população não esteja muito afastada do equilíbrio genético. A freqüência gênica, estimada pelo método da máxima verossimilhança **(maximum likelihood)**, é 16,26% ± 2,17.

TABELA 3

Distribuição dos tipos de daltonismo e freqüência de daltônicos em 193 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | TIPOS DE DALTONISMO | | | | DALTÔNICOS | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | d | DP | D | Dp | n.º | % |
| Homens | 97 | 9 | 1 | 2 | 3 | 15 | 15,46 |
| Mulheres | 96 | 2 | — | 1 | — | 3 | 3,12 |
| Total | 193 | 11 | 1 | 3 | 3 | 18 | — |

Freqüência gênica (máxima verossimilhança): 0,1626 ± 0,0217

d — dêutero-anomalia. Dp — deuteranopia e protanopia.
D — deuteranopia. Dp — deuteranopia e proto-anomalia.

BOYD (1950) apresenta a freqüência de daltônicos em diferentes populações. Os valores obtidos em nossa amostra de holandeses constituem os mais altos já observados em qualquer população.

## 4. Pêlos falangiais

DANFORTH (1921) sugeriu que a ausência de pêlos nas falanges médias dos dedos é condicionada por gens recessivos. Provàvelmente o número de dedos afetados (0 a 4) é determinado por polialelos (BERNSTEIN e BURKS, 1942).

Examinaram-se os dedos de 191 holandeses, através de lupa de bolso e registrou-se a presença ou ausência de pêlos falangiais em cada dedo de ambas as mãos de cada indivíduo. Os resultados (Tabela 4) foram tabu-

TABELA 4

Distribuição dos tipos de pêlos falangiais em 191 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | SEM PÊLOS | | COM PÊLOS | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | $E_0$ | | $E_1$ | | $E_2$ | | $E_3$ | | $E_4$ | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 96 | 20 | 20,83 | 22 | 22,92 | 13 | 13,54 | 20 | 20,83 | 21 | 21,88 |
| Mulheres | 95 | 31 | 32,63 | 23 | 24,21 | 18 | 18,95 | 19 | 20,00 | 4 | 4,21 |
| Total | 191 | 51 | 26,70 | 45 | 23,56 | 31 | 16,23 | 39 | 20,42 | 25 | 13,09 |

Diferença sexual (freqüência de "sem pêlos"): $\chi^2 = 3,40$; P = 0,07.

lados de acôrdo com o número de dedos com pêlos na mão esquerda: $E_0$ indica ausência de pêlos nos 4 dedos; $E_1$, pêlos em um único dedo; $E_2$, em dois dedos; $E_3$, em três dedos; $E_4$, nos 4 dedos.

A diferença sexual na freqüência de indivíduos sem pêlos falangiais não é estatìsticamente significante. Contudo, diferença significante já foi registrada em outras populações (cf. SALDANHA, 1959). A freqüência de indivíduos sem pêlos falangiais varia amplamente em diferentes populações (cf. BOYD, 1950; BERNSTEIN, 1949). A freqüência em nossa amostra concorda com a observada entre alemães (MATSUNAGA, 1956) e suecos (BECKMAN e BÖÖK, 1959).

## 5. **Hiperextensibilidade do polegar**

GLASS e KISTLER (1953) demonstraram que a hiperextensibilidade distal do polegar deve ser herdada como caráter recessivo. Para classificar os indivíduos, aquêles autores mediram o ângulo formado pela falangeta com a falange, na máxima extensão da primeira sôbre a segunda. Os indivíduos em que êsse ângulo é igual ou superior a 50°, em uma ou ambas as mãos, são classificados como capazes de hiperextensibilidade.

Mediram-se, com um transferidor transparente, os polegares de ambas as mãos de 192 holandeses (98 homens e 94 mulheres). Um único indivíduo da amostra, do sexo feminino, apresentou o caráter (em ambas as mãos). As freqüências são, pois, zero para os homens, 1,06% para as mulheres e 0,52 para o total (diferença sexual não significante). Êsse resultado é extremamente curioso, pois em amostras da população dos Estados Unidos( única até agora estudada, GLASS e KISTLER, 1953) a freqüência entre brancos é de 24,7% (N = 895) e, entre negros, de 35,6% (N = 56).

## 6. **Lobo auricular**

O lobo auricular livre comporta-se como caráter dominante (POWELL e WHITNEY, 1937), mas seu modo de herança não está definitivamente estabelecido (WIENER, 1937), embora o caráter seja indubitàvelmente hereditário (KLOEPFER, 1946).

TABELA 5

Distribuição dos tipos de lobo auricular em 193 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | TIPOS | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | LIVRE | | MÉDIO | | PRÊSO | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 69 | 70,41 | 19 | 19,39 | 10 | 10,20 |
| Mulheres | 95 | 51 | 53,69 | 32 | 33,68 | 12 | 12,63 |
| Total | 193 | 120 | 62,18 | 51 | 26,42 | 22 | 11,40 |

Diferença sexual (freqüência de "prêso"): $\chi^2 = 0{,}28$; $P = 0{,}60$.

Examinaram-se 193 holandeses, classificando-se o lobo auricular em três tipos: 1) livre; 2) médio; 3) prêso. A distribuição dêsses tipos é apresentada na Tabela 5. A freqüência de indivíduos com lobo prêso não difere estatìsticamente entre os sexos.

Êsse caráter não tem sido amplamente estudado em diferentes populações. Os dados disponíveis para as populações brancas (GLASS e col., 1952; SALDANHA, 1959) indicam que o caráter deve exibir variação populacional. A freqüência observada em nossa amostra é nìtidamente inferior à de outras populações brancas.

## 7. Comprimento relativo dos dedos

A distribuição intra-familiar do comprimento relativo dos 2.º e 4.º dedos das mãos sugere que o caráter é hereditário (KLOEPFER, 1946).

Observou-se o caráter em ambas as mãos de 187 holandeses. A Tabela 6 apresenta os resultados para a mão esquerda, de acôrdo com uma classificação em três tipos: 1) 4.º dedo maior do que o 2.º ($E_4$); 2) 2.º dedo maior que o 4.º ($E_2$); 3) 2.º e 4.º dedos de tamanho igual ($E_2 = E_4$). A diferença observada entre os sexos é altamente significativa ($\chi^2 = 14{,}5$; $P = 0{,}0003$).

TABELA 6

Distribuição do comprimento relativo dos 2.º e 4.º dedos da mão esquerda em 187 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | TIPOS | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | $E_4$ | | $E_2$ | | $E_2 = E_4$ | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 95 | 90 | 94,74 | 4 | 4,21 | 1 | 1,05 |
| Mulheres | 92 | 69 | 75,00 | 21 | 22,83 | 2 | 2,17 |
| Total | 187 | 159 | 85,03 | 25 | 17,37 | 3 | 1,60 |

Diferença sexual (freqüência de "$E_4$"): $\chi^2 = 14{,}50$; $P = 0{,}0003$.

## 8. Enrolamento da língua

STURTEVANT (1940) sugeriu que a habilidade de enrolar para cima as bordas laterais da língua seja determinada por um gen dominante. Contudo, observações posteriores não estão completamente de acôrdo com esta hipótese (KOMAI, 1951).

A capacidade de enrolar a língua foi observada em 192 holandeses. A Tabela 7 mostra os resultados, classificados em três tipos: 1) enrolamento completo (ENROLA); 2) ligeira capacidade de enrolar (MÉDIO); 3) incapacidade de enrolar (NÃO ENROLA). A diferença verificada entre os sexos não é significante.

TABELA 7

Distribuição dos tipos de enrolamento de língua em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | TIPOS | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | ENROLA | | MÉDIO | | NÃO ENROLA | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 97 | 64 | 65,98 | 12 | | 21 | 21,65 |
| Mulheres | 95 | 63 | 66,31 | 7 | 7,37 | 25 | 26,32 |
| Total | 192 | 127 | 66,15 | 19 | | 46 | 23,96 |

Diferença sexual (freqüência de "enrola"): $\chi^2 = 0{,}002$; $P > 0{,}90$.

A habilidade de enrolar a língua foi estudada entre chineses (LIU e HSU, 1949); a freqüência obtida (62,2%; N = 649) não difere muito da apresentada por nossa amostra.

9. **Anomalias congênitas dos incisivos**

Há possibilidade de que a freqüência de anomalias dos incisivos varie em diferentes populações (WHEELON, 1925; KEELER, 1935; MONTAGU, 1940). Examinaram-se 121 holandeses e registraram-se as ausências ou atrofias congênitas de incisivos laterais superiores (Tabela 8). A diferença sexual não é estatìsticamente significante.

TABELA 8

Distribuição dos tipos de anomalias congênitas dos incisivos laterais superiores em 121 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | TIPOS | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | NORMAL | | ESQUERDO RESIDUAL | | DIREITO RESIDUAL | | ESQUERDO AUSENTE | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 64 | 62 | 96,88 | 1 | 1,56 | — | — | 1 | 1,56 |
| Mulheres | 57 | 56 | 98,25 | — | — | 1 | 1,75 | — | — |
| Total | 121 | 118 | 97,52 | 1 | 0,83 | 1 | 0,83 | 1 | 0,83 |

Diferença sexual (freqüência de "normal"): $\chi^2 = 0{,}99$; $P = 0{,}30$.

## 10. Fosseta auricular

A presença de uma fosseta (**fístula auris congenita**), ou depressão puntiforme na região ab-auricular anterior, parece ser hereditária e relativamente rara (WHITNEY, 1939). O exame dessa região auricular foi efetuado em 192 holandeses. A Tabela 9 mostra a freqüência de indivíduos com fosseta, em uma orelha e em ambas. Os dados não exibem diferença sexual significante.

TABELA 9

Incidência de fosseta auricular em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | PRESENTE | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | AUSENTE | | DIREITA | | ESQUERDA | | AMBAS | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 97 | 95 | 97,94 | 1 | 1,03 | — | — | 1 | 1,03 |
| Mulheres | 95 | 94 | 98,95 | — | — | 1 | 1,05 | — | — |
| Total | 192 | 189 | 98,44 | 1 | 0,52 | 1 | 0,52 | 1 | 0,52 |

Diferença sexual (freqüência de "presente"): $\chi^2 = 0{,}0003$; $P = 0{,}99$.

## 11. Redemoinho dos cabelos

A direção do redemoinho dos cabelos na região occipital exibe uma variação intra-familiar genèticamente condicionada (KLOEPFER, 1946). Em relação a êsse caráter, os indivíduos podem ser classificados em: 1) com redemoinho no sentido horário; 2) com redemoinho em sentido anti-horário; 3) sem redemoinho; 4) com redemoinho duplo (em sentidos opostos). A distribuição dêsses tipos de redemoinho observados entre 177 holandeses é representada na Tabela 10. A diferença entre os sexos não é estatìsticamente significante.

TABELA 10

Distribuição dos tipos de redemoinhos em 177 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | TIPOS | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | HORÁRIO | | ANTI-HORÁRIO | | AUSENTE | | OPOSTO | |
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 87 | 74 | 85,06 | 8 | 9,19 | 3 | 3,45 | 2 | 2,30 |
| Mulheres | 90 | 73 | 81,11 | 13 | 14,45 | 4 | 4,44 | — | — |
| Total | 177 | 147 | 83,05 | 21 | 11,86 | 7 | 3,96 | 2 | 1,13 |

Diferença sexual (freqüência de "horário"): $\chi^2 = 0{,}49$; $P = 0{,}40$.

## 12. Cruzamento das mãos

Há certas indicações de que o modo de cruzar as mãos, colocando-se os dedos da mão direita sôbre os da esquerda, ou vice-versa, depende também de uma componente hereditária (FREIRE-MAIA e col., 1958). O exame desta característica foi efetuado em 192 holandeses. A Tabela 11 mostra a distribuição dos dois tipos de cruzamento de mãos em cada sexo e no total. A diferença sexual não é estatìsticamente significante.

TABELA 11

Distribuição dos tipos de cruzamento de mãos em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DEDOS CRUZADOS POR CIMA | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Direitos | | Esquerdos | |
| | | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 44 | 44,90 | 54 | 55,10 |
| Mulheres | 94 | 49 | 52,13 | 45 | 47,87 |
| Total | 192 | 93 | 48,44 | 99 | 51,56 |

Diferença sexual: $\chi^2 = 1{,}00$; $P = 0{,}30$.

Os dois tipos ocorrem com freqüências próximas às das amostras do norte da Europa, de Dahlberg (1926) e Rothschild (cf. FREIRE-MAIA e col., 1958). Ocorre, porém, variação racial: no Brasil, os negros apresentam 69% do tipo Direito, os mulatos 61% e os brancos 55% (FREIRE-MAIA e col., 1958).

TABELA 12

Distribuição dos tipos de cruzamento de braços em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | ANTEBRAÇO CRUZADO POR CIMA | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | Direito | | Esquerdo | |
| | | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 38 | 38,78 | 60 | 61,22 |
| Mulheres | 94 | 36 | 38,30 | 58 | 61,70 |
| Total | 192 | 74 | 38,54 | 118 | 61,46 |

Diferença sexual: $\chi^2 = 0{,}003$; $P > 0{,}90$.

## 13. Cruzamento de braços

A variação intra-familiar do modo de cruzar os braços, com o antebraço direito sôbre o esquerdo ou vice-versa, sugere que o caráter possa ter uma componente hereditária (FREIRE-MAIA e col., no prelo). Estudaram-se, quanto a isso, 192 holandeses (Tabela 12). A freqüência do caráter nos dois sexos é sensìvelmente a mesma. As investigações populacionais indicam que o caráter não varia em diferentes grupos raciais.

## 14. Aderência da orelha

O tipo de aderência da orelha é um caráter hereditário (KLOEPFER, 1946) de mecanismo genético ainda obscuro. Examinaram-se 192 holandeses, classificando-se as orelhas nos seguintes tipos (Tabela 13): 1) aderente; 2) média; 3) saliente **(ear flare)**. Apenas um indivíduo tinha a orelha direita de tipo diferente do da esquerda (representado na Tabela 13 como "aderente e média"). A diferença sexual não foi significante.

TABELA 13

Distribuição dos tipos de aderência da orelha em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | ADERENTE | | MÉDIA | | SALIENTE | | ADERENTE E MÉDIA | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 97 | 19 | 19,59 | 64 | 65,98 | 13 | 13,40 | 1 | 1.03 |
| Mulheres | 95 | 58 | 61,05 | 36 | 37,90 | 1 | 1,05 | — | — |
| Total | 192 | **77** | **40,10** | 100 | 52,08 | 14 | 7,29 | 1 | 0,52 |

## 15. Estatura

A estatura é um dos caracteres mais comumente investigados em estudos antropológicos. Estudos clássicos (FISHER, 1918; cf. SALDANHA, 1959), mostram que a estatura do adulto é preponderantemente determinada por poligens. Na presente investigação a estatura de 192 holandeses foi medida com um antropômetro de Martin. O valor registrado para cada indivíduo foi a média de três medidas consecutivas. Êsse critério, que diminuiu os erros, foi também adotado para tôdas as demais medidas efetuadas. A distribuição, a média, a variância e o coeficiente de variabilidade da estatura são apresentados na Tabela 14.

A estatura média masculina dos holandeses aumentou de 164 cm, em 1863-67, para 171 cm, em 1921-25; contudo deve ocorrer marcada variação regional (cf. COON, 1939). Os limites extremos são encontrados no sul (168 cm) e no norte (172 cm). O valor observado na presente investigação (173,7 cm, para os homens) situa-se entre os valores mais elevados.

TABELA 14

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação da estatura em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DA ESTATURA (em cm) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 148 | 149 | 150 | 151 | 152 | 153 | 154 | 155 | 156 | 157 | 158 | 159 | 160 | 161 | 162 | 163 | 164 | 165 | 166 | 167 | 168 |
| Homens | 98 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 3 | 3 | 1 | 1 | 4 | 2 |
| Mulheres | 94 | 2 | — | 1 | 3 | 4 | 1 | 1 | 5 | 3 | 5 | 7 | 4 | 5 | 10 | 4 | 11 | 3 | 1 | 5 | 6 | 5 |

| SEXO | 169 | 170 | 171 | 172 | 173 | 174 | 175 | 176 | 177 | 178 | 179 | 180 | 181 | 182 | 183 | 184 | 185 | 186 | 187 | 188 | 189 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Homens | 8 | 4 | 2 | 7 | 10 | 4 | 7 | 7 | 2 | 5 | 6 | 3 | 1 | 3 | 1 | 1 | 3 | — | 1 | 1 | 1 |
| Mulheres | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — |

| SEXO | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 173,66 ± 0,67 | 43,85 | 3,81 ± 0,27 |
| Mulheres | 161,51 ± 0,60 | 33,69 | 3,60 ± 0,26 |

## 16. **Índice cefálico**

Outra medida antropométrica importante é o índice cefálico, comumente usado na caracterização racial das populações. Calcularam-se os índices cefálicos de 178 holandeses, a partir dos diâmetros cefálicos transversal e longitudinal, medidos com um compasso antropométrico, de fabricação suíça (Gneupelin). A Tabela 15 mostra os resultados.

TABELA 15

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação do índice cefálico de 178 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DO ÍNDICE CEFÁLICO | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 71 | 72 | 73 | 74 | 75 | 76 | 77 | 78 | 79 | 80 |
| Homens | 98 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 3 | 7 | 5 | 13 | 12 |
| Mulheres | 80 | — | — | — | — | 2 | — | 9 | 5 | 7 | 15 |

| | | 81 | 82 | 83 | 84 | 85 | 86 | 87 | 88 | 89 | 90 | 91 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Homens | | 7 | 10 | 8 | 5 | 2 | 7 | 3 | 2 | 4 | — | 1 |
| Mulheres | | 11 | 7 | 7 | 6 | 8 | 1 | 2 | — | — | — | — |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 81,42 ± 0,42 | 17,45 | 5,13 ± 0,37 |
| Mulheres | 81,45 ± 0,31 | 7,73 | 3,44 ± 0,27 |

O índice cefálico em nossa amostra (81,1) não difere pràticamente do valor médio observado na Holanda (80,3), mas há uma ampla variação geográfica do caráter naquele país (cf. COON, 1939).

## 17. Índice facial

Calcularam-se os índices faciais de 188 holandeses, usando-se a distância bizigomática e a altura da face, medidas com um compasso antropométrico. A Tabela 16 mostra os resultados. Os valores médios observados mostram que o grupo masculino é leptoprósopo.

TABELA 16

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação do índice facial de 188 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DO ÍNDICE FACIAL | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 75 | 76 | 77 | 78 | 79 | 80 | 81 | 82 | 83 | 84 | 85 | 86 | 87 |
| Homens | 98 | 1 | — | — | 1 | 2 | 2 | 2 | 3 | 5 | 9 | 8 | 11 | 5 |
| Mulheres | 90 | 2 | 2 | 1 | 1 | 5 | 6 | 1 | 11 | 8 | 7 | 10 | 7 | 2 |
| | | 88 | 89 | 90 | 91 | 92 | 93 | 94 | 95 | 96 | 97 | 98 | 99 | 100 |
| Homens | | 5 | 5 | 11 | 7 | 1 | 2 | 3 | 4 | 4 | 2 | 1 | 2 | 2 |
| Mulheres | | 8 | 3 | 4 | 4 | 3 | 2 | 1 | — | — | 2 | — | — | — |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 88,63 ± 0,51 | 25,55 | 5,71 ± 0,41 |
| Mulheres | 85,37 ± 0,49 | 21,98 | 5,49 ± 0,41 |

## 18. Índice nasal

Mediram-se a altura e a largura do nariz de 192 holandeses e calcularam-se os índices nasais de cada indivíduo. A Tabela 17 mostra os resulta-

## TABELA 17

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação do índice nasal de 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DO ÍNDICE NASAL | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 49 | 50 | 51 | 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 59 | 60 | 61 | 62 | 63 | 64 | 65 | 66 | 67 |
| Homens | 98 | — | 1 | 1 | — | 4 | 2 | 2 | 4 | 1 | 5 | 4 | 5 | 6 | 4 | 4 | 7 | 4 | 7 | 5 |
| Mulheres | 94 | 1 | — | — | — | — | 2 | 2 | 2 | 2 | 6 | 2 | 11 | 3 | 8 | 9 | 3 | 4 | 2 | 3 |

| | 68 | 69 | 70 | 71 | 72 | 73 | 74 | 75 | 76 | 77 | 78 | 79 | 80 | 81 | 82 | 83 | 84 | 85 | 86 | 87 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Homens | 1 | 10 | 6 | 3 | 2 | — | — | 5 | 2 | 1 | — | — | — | 1 | — | — | — | — | 1 | — |
| Mulheres | — | 5 | 6 | 2 | 4 | 2 | — | 2 | 2 | 2 | 1 | — | 2 | — | — | 1 | — | — | — | 1 |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 64,94 ± 0,69 | 46,95 | 10,55 ± 0,75 |
| Mulheres | 65,34 ± 0,73 | 49,71 | 10,79 ± 0,79 |

dos. Os valores médios observados indicam que o grupo é tìpicamente leptorrino e concordam com as observações realizadas na Holanda (cf. COON, 1939).

### 19. Distância bigonial

A distância bigonial de 190 holandeses foi medida com um compasso antropométrico. A Tabela 18 apresenta os resultados.

No norte da Holanda (Frísia) os valores médios da distância bigonial variam de 10,8 a 11,0 cm (cf. COON, 1939), o que concorda pràticamente com os da nossa amostra.

### 20. Altura do acrômio

Mediram-se, com um antropômetro, a altura do acrômio de 192 holandeses. A Tabela 19 mostra a distribuição, a média, a variância e o coeficiente de variabilidade respectivos.

TABELA 18

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação da distância bigonial em 190 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DA DISTÂNCIA BIGONIAL (em cm) | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 9,25 | 9,75 | 10,25 | 10,75 | 11,25 | 11,75 |
| Homens | 97 | 1 | 3 | 18 | 34 | 8 | 1 |
| Mulheres | 93 | 13 | 29 | 37 | 12 | 2 | — |

| SEXO | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 10,87 ± 0,05 | 0,28 | 4,95 ± 0,36 |
| Mulheres | 10,04 ± 0,05 | 0,23 | 4,78 ± 0,35 |

### 21. Altura do dactílio

A medida da altura do dactílio foi efetuada com antropômetro, em 192 holandeses. A Tabela 20 apresenta os resultados.

### 22. Comprimento do braço

O comprimento do braço de 192 holandeses foi obtido pela diferença entre a altura do acrômio e a do dactílio de cada indivíduo. A Tabela 21

TABELA 19

Distribuição, valores médio, variância e coeficiente de variação da altura do acrômio em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DA ALTURA DO ACRÔMIO (em cm) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 119 | 120 | 121 | 122 | 123 | 124 | 125 | 126 | 127 | 128 | 129 | 130 | 131 | 132 | 133 | 134 | 135 | 136 | 137 | 138 | 139 |
| Homens | 98 | — | — | — | — | — | 1 | — | — | — | — | 2 | — | 2 | 2 | 3 | 2 | 2 | 1 | 8 | 7 | 3 |
| Mulheres | 94 | 1 | — | — | 2 | 4 | 2 | 3 | 3 | 1 | 5 | 5 | 12 | 10 | 6 | 4 | 3 | 6 | 8 | 7 | 5 | 2 |

| | 140 | 141 | 142 | 143 | 144 | 145 | 146 | 147 | 148 | 149 | 150 | 151 | 152 | 153 | 154 | 155 | 156 | 157 | 158 | 159 | 160 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Homens | 7 | 7 | 9 | 6 | 1 | 6 | 7 | 6 | 3 | 1 | 2 | 3 | 2 | — | 2 | 1 | 1 | — | — | — | 1 |
| Mulheres | 2 | — | 2 | 1 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 142,44 ± 0,70 | 47,74 | 4,86 ± 0,35 |
| Mulheres | 132,38 ± 0,53 | 25,77 | 3,85 ± 0,28 |

## TABELA 20

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação da altura do dactílio em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DA ALTURA DO DACTÍLIO (em cm) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 59 | 60 | 61 | 62 | 63 | 64 | 65 | 66 | 67 | 68 | 69 | 70 | 71 |
| Homens | 98 | — | — | 2 | — | 3 | 6 | 4 | 7 | 7 | 10 | 12 | 7 | 10 | 10 | 7 | 4 | 3 | 3 | 1 | 2 |
| Mulheres | 94 | 1 | 1 | 2 | 1 | 6 | 7 | 13 | 14 | 9 | 12 | 7 | 6 | 5 | 8 | — | 1 | — | 1 | — | — |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 62,96 ± 0,38 | 13,89 | 5,91 ± 0,42 |
| Mulheres | 60,53 ± 0,33 | 9,98 | 5,22 ± 0,38 |

TABELA 21

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação do comprimento do braço em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DO COMPRIMENTO DO BRAÇO (em cm) | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 59 | 60 | 61 | 62 | 63 | 64 | 65 | 66 | 67 | 68 | 69 | 70 | 71 | 72 | 73 | 74 | 75 | |
| Homens | 98 | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 | — | — | 1 | — | 1 | 4 | 5 | 8 | |
| Mulheres | 94 | 1 | 1 | — | — | — | — | 2 | 2 | 3 | 3 | 14 | 11 | 9 | 13 | 13 | 5 | 5 | |

| | 76 | 77 | 78 | 79 | 80 | 81 | 82 | 83 | 84 | 85 | 86 | 87 | 88 | 89 | 90 | 91 | 92 | 93 | 94 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Homens | 8 | 4 | 13 | 8 | 12 | 12 | 8 | 4 | 2 | 4 | 2 | — | — | — | — | — | — | — | 1 |
| Mulheres | 3 | 5 | 2 | 2 | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 79,35 ± 0,39 | 14,82 | 4,84 ± 0,34 |
| Mulheres | 71,97 ± 0,36 | 12,55 | 4,90 ± 0,36 |

TABELA 22

Distribuição, média, variância e coeficiente de variação da altura tronco-celáfica, em 192 holandeses, segundo o sexo

| SEXO | N | DISTRIBUIÇÃO DA ALTURA TRONCO-CEFÁLICA (em cm) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 78 | 79 | 80 | 81 | 82 | 83 | 84 | 85 | 86 | 87 | 88 | 89 | 90 | 91 | 92 | 93 | 94 | 95 | 96 | 97 | 98 | 99 | 100 |
| Homens | 98 | — | — | — | 1 | — | 3 | 2 | 3 | 5 | 4 | 14 | 6 | 11 | 12 | 14 | 9 | 5 | 4 | 2 | 1 | 1 | — | 1 |
| Mulheres | 94 | 2 | 2 | 1 | 6 | 7 | 11 | 16 | 12 | 12 | 8 | 11 | 2 | 2 | 1 | — | 1 | — | — | — | — | — | — | — |

| | MÉDIA | VARIÂNCIA | COEF. VARIAÇÃO |
|---|---|---|---|
| Homens | 90,71 ± 0,35 | 12,09 | 3,82 ± 0,27 |
| Mulheres | 85,28 ± 0,29 | 7,81 | 3,30 ± 0,24 |

TABELA 23

Distribuição da côr dos cabelos em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | CASTANHO ESCURO | | CASTANHO CLARO | | CASTANHO AVERMELHADO | | LOURO DOURADO | | LOURO ACINZENTADO | | VERMELHO | | GRISALHO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 10 | 10,20 | 28 | 28,57 | 3 | 3,06 | 2 | 2,04 | 26 | 26,53 | 3 | 3,06 | 26 | 26,53 |
| Mulheres | 94 | 9 | 9,57 | 29 | 30,85 | 1 | 1,06 | 12 | 12,76 | 26 | 27,66 | 0 | 0,00 | 17 | 18,09 |
| Total | 192 | 19 | 9,90 | 57 | 29,69 | 4 | 2,08 | 14 | 7,29 | 52 | 27,08 | 3 | 1,56 | 43 | 22,40 |

| SEXO | N | ESCURO | | CLARO | | COM VERMELHO | | SEM VERMELHO | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | |
| Homens | 72 | 41 | 56,94 | 31 | 43,06 | 6 | 8,33 | 66 | 91,67 | Diferença sexual (freqüência de "claro"): $\chi^2 = 0{,}59$; $P = 0{,}60$ |
| Mulheres | 77 | 39 | 50,65 | 38 | 49,35 | 1 | 1,30 | 76 | 98,70 | Diferença sexual (freqüência de "com vermelho"): $\chi^2 = 9{,}10$; $P < 0{,}005$ |
| Total | 149 | 80 | 53,69 | 69 | 46,31 | 7 | 4,70 | 142 | 95,30 | |

apresenta a distribuição, a média, a variância e o coeficiente de variação do comprimento do braço dos indivíduos de acôrdo com o sexo.

### 23. Altura tronco-cefálica

A altura tronco-cefálica varia em diferentes grupos raciais, sendo, por conseguinte, de valor antropológico. A altura tronco-cefálica de 192 holandeses foi medida com um antropômetro, estando os indivíduos sentados em uma mesa, com os pés sôbre um banco, de modo a ficarem os ísquios em contacto com a mesa. A Tabela 22 mostra os resultados.

### 24. Côr dos cabelos

A côr dos cabelos é um caráter hereditário, cujo mecanismo genético não está claramente definido. Todavia, parece certo que a tonalidade vermelha é devida a um fator genético independente dos que determinam as demais côres.

Classificou-se a côr dos cabelos de 192 holandeses nos seguintes tipos (Tabela 23): 1) prêto **(black)**; 2) castanho-escuro **(dark brown)**; 3) castanho-claro **(light brown)**; 4) castanho-avermelhado **(red-brown)**; 5) louro-dourado **(gold blonde)**; 6) louro-acinzentado **(ash blonde)**; 7) vermelho **(red)**; 8) grisalho **(gray)**. Como nenhum indivíduo apresentou cabelos pretos êsse tipo não figura na Tabela 23. Na parte inferior da tabela estão as freqüências de indivíduos de cabelos escuros ("escuro": soma das freqüências dos tipos de 2 a 4), de cabelos claros ("claro": soma das freqüências dos tipos 5, 6 e 7), de cabelos com alguma tonalidade de avermelhado ("com vermelho": soma das freqüências dos tipos 4 e 7) e de cabelos sem tonalidade vermelha ("sem vermelho": soma dos tipos 2, 3, 5 e 6). Os indivíduos de cabelos grisalhos (tipo 8) não foram levados em conta no cálculo dessas freqüências por não ser possível determinar nêles, com rigor, a côr original dos cabelos. A diferença sexual quanto a "cabelos escuros" ou "cabelos claros" não foi significante, mas as freqüências de cabelos "com vermelho" ou "sem vermelho" mostram uma diferença sexual significante ($\chi^2 = 9{,}10$; $P = 0{,}003$).

A freqüência de "cabelos escuros" na presente amostra é maior que a freqüência na Holanda como um todo (cf. COON, 1939), mas se aproxima da freqüência no sul da Holanda, de onde provêm muitos dos colonos de Holambra.

### 25. Forma dos cabelos

A forma dos cabelos é um caráter hereditário (KLOEPFER, 1946), cujo mecanismo genético não está definitivamente esclarecido. Contudo, há indicações de que os cabelos lisos dependem da presença de gens recessivos. Classificou-se a forma dos cabelos de 192 holandeses de acôrdo com os seguintes tipos: 1) liso **(straight)**; 2) com ondas leves **(light wave)**; 3) com ondas fortes **(deep wave)**; 4) crespo **(curly)**. Excluiram-se da amostra

60 mulheres (63,8% do total de mulheres) que tinham cabelos com ondulação artificial, o que baixou o tamanho da amostra para 132 indivíduos (Tabela 24). Como as mulheres que se submetem a ondulação artificial têm, na maioria, cabelos lisos, essa exclusão certamente influi para tornar a freqüência de mulheres de cabelos lisos que figura na tabela bem inferior à dos homens de cabelos lisos. Incluindo-se as 60 mulheres com ondulação artificial no grupo das de cabelos lisos, a freqüência de "cabelos lisos" entre as mulheres (84,0%) se torna maior que entre os homens. Como isso pode ser devido a ocorrerem mulheres de cabelos naturalmente um tanto ondulados entre as que se submeteram a ondulação artificial, nossos dados não se prestam a uma avaliação da proporção entre os sexos quanto a êste caráter.

TABELA 24

Distribuição das formas dos cabelos em 132 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | LISOS | | ONDAS LEVES | | ONDAS FORTES | | CRESPO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 73 | 74,49 | 22 | 22,45 | 1 | 1,02 | 2 | 2,04 |
| Mulheres* | 34 | 19 | 55,88 | 14 | 41,18 | — | — | 1 | 2,94 |
| Total | 132 | 92 | 69,70 | 36 | 27,30 | 1 | 0,76 | 3 | 2,27 |

* 60 mulheres com ondulação artificial foram excluídas.

## 26. Côr dos olhos

Em estudos genéticos e antropológicos a côr dos olhos é comumente registrada, por ser um caráter conspícuo e nìtidamente hereditário. Seu mecanismo genético não é simples, embora o exame de genealogias sugira que "olhos escuros" sejam dominantes sôbre "olhos claros" (DAVEMPORT, 1927). Todavia, BRUES (1946) mostrou que a côr dos olhos é determinada pela interação de vários pares de gens.

Observou-se a côr dos olhos de 192 holandeses (Tabela 25). O caráter foi classificado do seguinte modo: 1) prêto **(black)**; 2) castanho escuro **(dark brown)**; 3) castanho claro **(light brown)**; 4) verde acastanhado **(hazel)**; 5) azul-acastanhado **(blue brown)**; 6) cinza **(gray)**; 7) azul **(blue)**. Como não ocorreu nenhum indivíduo de olhos pretos, êsse tipo não foi representado na tabela. Os tipos 2, 3 e 4 foram grupados na classe "escuros", e os demais (5, 6 e 7), na classe "claros". A diferença sexual quanto à freqüência de olhos claros ou escuros não foi estatìsticamente significante.

TABELA 25

Distribuição da côr dos olhos de 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | CASTANHO-ESCURO | | CASTANHO-CLARO | | VERDE ACASTA-NHADO | | AZUL-ACAS-TANHADO | | CINZA | | AZUL | | ESCURO | | CLARO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | — | — | 2 | 2,04 | 16 | 16,33 | 21 | 21,43 | 1 | 1,02 | 58 | 59,18 | 18 | 18,37 | 80 | 81,63 |
| Mulheres | 94 | 1 | 1,06 | 5 | 5,32 | 22 | 23,40 | 20 | 21,28 | — | — | 46 | 48,94 | 28 | 29,78 | 66 | 70,22 |
| Total | 192 | 1 | 0,52 | 7 | 3,65 | 38 | 19,79 | 41 | 21,35 | 1 | 0,52 | 104 | 54,17 | 4 6 | 23,96 | 146 | 76,04 |

Diferença sexual: (freqüência de "escuros"): $\chi^2 = 1{,}31$; $P = 0{,}20$.

A freqüência de olhos azuis puros ou misturados na Holanda, varia entre 70 e 80% (cf. COON, 1939). A freqüência na presente amostra (76,04%) concorda com êsse valor.

### 27. Prega palpebral

Classificaram-se 192 holandeses quanto à prega palpebral, de acôrdo com os seguintes tipos: 1) interna; 2) média; 3) externa; 4) ausente. A distribuição dêsses tipos é dada na Tabela 26, omitindo-se o tipo 1 por não ter ocorrido. A freqüência de indivíduos com prega palpebral (de qualquer tipo) não é estatìsticamente diferente nos dois sexos.

TABELA 26

Distribuição dos tipos de prega palpebral em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | MÉDIA | | EXTERNA | | MÉDIA E EXTERNA | | AUSENTE | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 15 | 15,31 | 19 | 19,39 | 8 | 8,16 | 56 | 57,14 |
| Mulheres | 94 | 18 | 19,15 | 15 | 15,96 | 8 | 8,51 | 53 | 56,38 |
| Total | 192 | 33 | 17,19 | 34 | 17,71 | 16 | 8,33 | 109 | 56,77 |

Diferença sexual: (freqüência de "ausente"): $\chi^2 = 0{,}01$; $P > 0{,}90$.

### 28. Ângulo dos olhos

O ângulo formado pelo eixo das pálpebras com o eixo longitudinal da face, observado em 191 holandeses, foi classificado em: 1) reto; 2) oblíquo. Apenas um homem apresentou o tipo oblíquo. Os demais indivíduos examinados tinham ângulo reto.

### 29. Estrabismo

Foram examinados 192 holandeses, em relação à presença ou ausência de estrabismo. Ocorreu apenas 1 homem estrábico dentre 192 indivíduos examinados.

### 30. Côr da pele

A variação da côr da pele é provàvelmente condicionada por poligens, mas o caráter é apreciàvelmente influenciado por fatôres ambientais. E' caráter de grande valor antropológico, por exibir grande variação populacional.

A côr da pele de 192 holandeses foi classificada, após simples observação da testa, de acôrdo com os seguintes tipos: 1) claro **(pale)**; 2) rosado **(pink)**; 3) moreno-claro **(brunette)**. A freqüência de indivíduos de pele clara é significantemente diferente nos dois sexos ($\chi^2 = 7{,}81$; P = 0,005).

TABELA 27

Distribuição da côr da pele de 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | CLARO | | MORENO-CLARO | | ROSADO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 27 | 27,55 | 11 | 11,22 | 60 | 61,22 |
| Mulheres | 94 | 45 | 47,87 | 2 | 2,13 | 47 | 50,00 |
| Total | 192 | 72 | 37,50 | 13 | 6,77 | 107 | 55,73 |

Diferença sexual (freqüência de "claro"): $\chi^2 = 7{,}81$; P = 0,005.

31. **Forma do nariz**

Classificou-se a forma do nariz de 192 holandeses, nos seguintes tipos: 1) reto; 2) côncavo; 3) convexo; 4) côncavo-convexo. A Tabela 28 apresenta a distribuição dêsses tipos, de acôrdo com o sexo dos indivíduos. A freqüência de indivíduos com nariz reto não difere estatìsticamente entre os sexos.

TABELA 28

Distribuição dos tipos de nariz em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | RETO | | CÔNCAVO | | CONVEXO | | CÔNCAVO-CONVEXO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| **Homens** | 98 | 68 | 69,39 | 1 | 1,02 | 24 | 24,49 | 5 | 5,10 |
| **Mulheres** | 94 | 57 | 60,64 | 13 | 13,83 | 9 | 9,57 | 15 | 15,96 |
| **Total** | 192 | 125 | 65,10 | 14 | 7,29 | 33 | 17,19 | 20 | 10,42 |

Diferença sexual (freqüência de "reto"): $\chi^2 = 1{,}62$; P $\cong$ 0,20.

### 32. Eixo das narinas

O eixo das narinas de 192 holandeses, foi classificado em: 1) oblíquo; 2) vertical; 3) horizontal. A Tabela 29 mostra as freqüências encontradas, com omissão das referentes ao tipo 3, por não ter ocorrido. Não houve diferença sexual significante.

TABELA 29

Distribuição dos tipos de eixo das narinas em 192 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | OBLÍQUO | | VERTICAL | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 98 | 61 | 62,24 | 37 | 37,75 |
| Mulheres | 94 | 64 | 68,09 | 30 | 31,91 |
| Total | 192 | 125 | 65,10 | 67 | 34,90 |

Diferença sexual: $\chi^2 = 0{,}07$; $P > 0{,}90$.

### 33. Prognatismo

Foram examinados 192 holandeses, em relação à presença de prognatismo médio-facial. O caráter mostrou-se totalmente ausente na amostra estudada.

### 34. Oclusão dos maxilares

Examinou-se o modo de oclusão dos maxilares em 158 holandeses, incluindo na amostra apenas os que não usavam dentaduras postiças. Examinava-se a posição dos dentes fronteiros da arcada superior, em relação

TABELA 30

Distribuição dos tipos de oclusão dos maxilares em 158 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | SUP. SEPARADO | | SUP. JUNTO | | IGUAL | | INFERIOR | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Homens | 80 | 10 | 12,50 | 38 | 47,50 | 27 | 33,75 | 5 | 6,25 |
| Mulheres | 78 | 13 | 16,67 | 36 | 46,15 | 28 | 35,90 | 1 | 1,28 |
| Total | 158 | 23 | 14,56 | 74 | 46,84 | 55 | 34,81 | 6 | 3,80 |

Diferença sexual (freqüência de "sup. junto"): $\chi^2 = 0{,}24$; $P = 0{,}68$.

aos da arcada inferior, quando o indivíduo juntava normalmente os maxilares. Adotou-se a seguinte classificação (Tabela 30): 1) dentes superiores para frente dos inferiores e separados dêstes por um espaço (SUP. SEPARADO); 2) dentes superiores para a frente dos inferiores, mas encostados nestes (SUP. JUNTO); 3) dentes superiores e inferiores tocando-se pelas bordas (IGUAL); 4) dentes inferiores para a frente dos superiores (INFERIOR).

A freqüência do tipo SUP. JUNTO, não difere significantemente nos dois sexos.

## 35. Cáries dentárias

Os dentes de 150 holandeses foram examinados por um dentista do nosso grupo (Alda de M. Bruno). Não foram incluídas na amostra as pessoas que já tinham perdido todos os dentes. Um estudo detalhado dos resultados será objeto de outra comunicação. Aqui apresentam-se, apenas, as freqüências dos dentes, classificados em: 1) íntegros; 2) cariados; 3) ausentes (Tabela 31). As percentagens se referem ao total de dentes examinados e não ao total de pacientes. A freqüência de dentes íntegros é significantemente maior nos homens ($\chi^2 = 18{,}45$; $P < 0{,}0001$).

TABELA 31

Incidência de dentes íntegros, cariados ou ausentes em 150 holandeses, segundo o sexo.

| SEXO | N | ÍNTEGROS | | CARIADOS | | AUSENTES | | TOTAL DE DENTES |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | n.º | % | n.º | % | n.º | % | |
| Homens | 74 | 526 | 23,73 | 692 | 29,22 | 1114 | 47,04 | 2368 |
| Mulheres | 76 | 454 | 18,66 | 653 | 26,85 | 1325 | 54,48 | 2432 |
| Total | 150 | 1016 | 21,16 | 1345 | 28,02 | 2439 | 50,81 | 4800 |

Diferença sexual (freqüência de "íntegros"): $\chi^2 = 18{,}45$; $P < 0{,}0001$.

## DISCUSSÃO

Ao tentarmos interpretar os resultados mais interessantes dessa pesquisa, devemos levar em conta certas características importantes do material estudado. Nossa amostra inclui 87% dos componentes casados da colônia de Holambra. Os 23% restantes não se apresentaram para os exames

por impedimentos diversos que, òbviamente, não estavam relacionados com os caracteres a serem estudados. Portanto, a amostra representa perfeitamente a totalidade dos casais da colônia. Representa ela, porém, a população da Holanda, como um todo? Em certo sentido, tôda migração é migração diferencial: migram os indivíduos de um certo estrato econômico-social, de determinada profissão, de um credo político ou religioso especial. Para Holambra migraram exclusivamente católicos, que, na quase totalidade, pertenciam a famílias de tradição agrícola e habitantes da zona rural da Holanda. Não foi feita uma apuração da localidade de origem de cada imigrante, mas é voz corrente em Holambra que a maioria dos colonos proveio do sul da Holanda. Como, evidentemente, há certo isolamento, dentro da Holanda, entre o sul e o norte, entre católicos e protestantes, entre os integrantes dos diversos tipos de profissões e entre os habitantes da zona rural e os das cidades, é de esperar-se que as freqüências de certos gens na população de Holambra se afastem significantemente das que caracterizam a população da Holanda, como um todo. Por outro lado, os imigrantes tendem a deslocar-se em grupos familiares, para o mesmo local. Em Holambra havia, na amostra estudada, 24 grupos de irmãos casados, dos quais 3 eram constituídos de sete irmãos cada, 11 de quatro irmãos, 5 de três e 2 de dois. Assim, 90 indivíduos estudados (quase a metade do total) tinham um ou mais irmãos também incluídos na amostra. Êsse acúmulo de indivíduos aparentados na amostra pode fazer com que as freqüências encontradas se afastem das que caracterizam a população da Holanda. O afastamento tende a ser mais drástico em relação aos caracteres que dependem de um único par de gens (monogênicos), do que em relação aos caracteres poligênicos; e tende também a afetar mais os caracteres raros do que os que têm, na população original, freqüências gênicas próximas de 50%. Tendo êsses fatos em mente, é interessante comparar as freqüências de alguns caracteres na colônia de Holambra com as freqüências correspondentes na população da Holanda.

As freqüências dos grupos sangüíneos investigados na amostra concordam bem com as da Holanda (cf. MOURANT, 1954). Os fatôres acima apontados não atuaram, nesse caso, de maneira perceptível, o que se explica, em parte, por serem êsses grupos sangüíneos determinados por gens de freqüências relativamente altas. A Tabela 32 apresenta as freqüências dos gens que determinam os grupos sangüíneos investigados. As correspondentes ao sistema ABO foram calculadas pelas fórmulas de BERNSTEIN (cf. MOURANT, 1954). Para o sistema MN calcularam-se as freqüências gênicas "obtidas" extraindo-se a raiz quadrada das freqüências dos homozigotos e as freqüências "corrigidas" pela "contagem dos gens". Obteve-se a freqüência do gen **d** extraindo-se a raiz quadrada da freqüência dos indivíduos Rh-negativos. Só para os sistemas ABO e MN foi possível fazer um teste que verifique se as freqüências gênicas estão na situação de equilíbrio típica

TABELA 32

Freqüências dos gens que determinam os grupos sangüíneos dos sistemas ABO, MN e Rh, entre holandeses.

| SISTEMA | Freqüências gênicas obtidas | | | desvio ± e. p. | d/ e. p. | Freqüências gênicas corrigidas | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| ABO | p | q | r | | | p' | q' | r' |
| | 0,327 | 0,040 | 0,637 | 0,004±0,007 | 0,548 | 0,326 | 0,039 | 0,634 |
| Subgrupos de A (1) | $p_1$ | $p_2$ | | | | $p'_1$ | $p'_2$ | |
| | 0,239 | 0,079 | | | | 0,240 | 0,079 | |
| MN | m | n | | 0,041±0,036 | 1,138 | m' | n' | |
| | 0,520 | 0,520 | | | | 0,500 | 0,500 | |
| Rh | d | D | | | | | | |
| | 0,408 | 0,592 | | | | | | |

1 — Para o cálculo destas freqüências gênicas, foram excluídos os 3 indivíduos A (int.).

das populações em panmixia; porque, dentre os caracteres estudados, só se pode apurar diretamente as freqüências dos heterozigotos no caso dêsses sistemas sangüíneos. Para o sistema Rh só se utilizou o sôro anti-$Rh_0$ (D) e, por isso, não é possível fazer o teste de equilíbrio.

A freqüência gênica de O varia na Holanda de 63% a 71% (cf. MOURANT e col., 1958). A freqüência observada na presente amostra inclui-se entre os valores mais baixos, obtidos no sul da Holanda (Venlo e N. O. de Limburg). O mesmo ocorre com a freqüência gênica de A. Em relação às freqüências gênicas do sistema MN, poucas investigações foram realizadas na Holanda (cf. MOURANT, 1954). As freqüências observadas por HEIDE, MAGNÉE e LOGHEN (1951), 51,8 % de M e 48,2% de N, indicam excepcional concordância com os valores por nós obtidos (52,6% e 47,4%), respectivamente).

Como mostra a Tabela 32, as freqüências dos gens dos sistemas ABO e MN apresentam desvios insignificantes em relação ao equilíbrio gênico esperado em panmixia. Isto indica que, quanto a êsses sistemas sangüíneos, nossa amostra deve ser representativa da população da Holanda, a qual deve estar em panmixia. De fato, seria pouco provável que a população holandesa não estivesse em panmixia e que, por acaso, nossa amostra apresentasse exatamente o desvio necessário para que as freqüências nela encontradas fôssem compatíveis com o equilíbrio gênico esperado em panmixia. Ainda mais, essa concordância entre os valores encontrados e os esperados em panmixia comprova a eficiência da técnica usada nas determinações.

A Tabela 33 resume as freqüências de 13 caracteres estudados em Holambra. Com a possível exceção da freqüência de daltônicos, parece que essas são as únicas determinações já feitas em holandeses. A freqüência de alguns dêsses caracteres podem, porém, ser comparadas com a de outros povos europeus. Assim, a freqüência de insensíveis à feniltiouréia em Holambra fica entre as freqüências observadas nos povos do norte da Europa, comumente chamados de "nórdicos", e as encontradas nos povos mediterrâneos (cf. SALDANHA, 1958).

A freqüência de homens daltônicos em Holambra (15,46%) é a mais alta já encontrada em qualquer população e corresponde a cêrca do dôbro das freqüências comuns entre os povos europeus. Êsse acentuado desvio é causado, em parte, pelo alto grau de parentesco existente entre os homens incluídos em nossa amostra. De fato, uma verificação preliminar revelou que há dois pares de irmãos daltônicos entre os 15 homens diagnosticados como tal. E' possível que investigações futuras indiquem ainda maior parentesco entre os daltônicos de Holambra, no caso de certas famílias já terem tido entrecruzamentos em gerações passadas, na Holanda. Merece lembrar que não é possível atribuir a defeitos de técnica a alta freqüência encontrada pois sòmente os casos típicos e não sujeitos a dúvida foram con-

TABELA 33

Freqüências, em percentagens (seguidas dos respectivos erros padrões), de treze caracteres genéticos, na amostra de holandeses estudada, segundo o sexo e em total.

| CARÁTER | HOMENS | MULHERES | TOTAL |
|---|---|---|---|
| Insensibilidade à feniltiouréia | 28,87 ± 4,60 | 26,88 ± 4,59 | 27,89 ± 3,26 |
| Daltonismo | 15,46 | 3,12 | — |
| Pêlos falangiais ausentes | 20,83 ± 4,14 | 32,63 ± 4,81 | 26,70 ± 3,18 |
| Hiper-extensibilidade do polegar | — | 1,06 ± 1,06 | 0,52 ± 0,52 |
| Lobo auricular prêso | 10,20 ± 3,06 | 12,63 ± 3,41 | 11,40 ± 2,29 |
| 4.º dedo maior que o 2.º | 94,74 ± 2,29 | 75,00 ± 4,51 | 85,03 ± 2,61 |
| Capacidade de enrolar a língua | 65,98 ± 4,81 | 66,31 ± 5,05 | 66,15 ± 3,41 |
| Incisivos laterais anormais | 3,12 ± 2,18 | 1,75 ± 1,74 | 2,48 ± 1,41 |
| Fosseta auricular presente | 2,06 ± 1,67 | 1,05 ± 1,05 | 1,56 ± 0,89 |
| Redemoinho horário | 85,06 ± 3,82 | 81,11 ± 4,13 | 83,05 ± 2,82 |
| Dedos da mão direita por cima, ao cruzar as mãos | 44,90 ± 5,02 | 52,13 ± 5,15 | 48,44 ± 3,61 |
| Antebraço direito por cima, ao cruzar os braços | 38,78 ± 4,92 | 38,30 ± 5,01 | 38,54 ± 3,51 |
| Orelhas salientes | 13,40 ± 3,45 | 1,05 ± 3,31 | 7,29 ± 1,88 |

siderados daltônicos. No total da amostra estudada existiam homens e mulheres que erraram na leitura de um ou outro número (de menor significação) das estampas de ISHIHARA, mas foram considerados normais. Planeja-se um reestudo das famílias de daltônicos de Holambra visando a possibilidade de determinar a freqüência de mulheres heterozigotas.

Outro resultado surpreendente se refere à hiperextensibilidade do polegar. A freqüência dêsse caráter na presente amostra foi pràticamente nula

(Tabela 33). Os únicos outros dados disponíveis se referem a 895 brancos e 56 negros de Baltimore (Estados Unidos), nos quais as freqüências encontradas (GLASS e KISTLER, 1953) foram, respectivamente, 24,7% e 35,3%. Não parece que os fatôres apontados no início dessa discussão pudessem produzir um afastamento tão extremo. Na ausência de dados sôbre a população da Holanda, podemos apenas levantar a hipótese de que a freqüência do caráter é realmente baixa entre holandeses.

As investigações antropológicas realizadas na Holanda têm salientado, especialmente, os caracteres métricos, que foram investigados em diversas regiões do país, evidenciando grande heterogeneidade (discussão em COON, 1939, págs. 529-535 e RAMOS, 1947, vol. II). Assim, por exemplo, a estatura média das populações setentrionais (especialmente Província da Frísia) é superior à das populações meridionais (especialmente Província de Limburg). Em relação ao índice cefálico, nota-se um quadro semelhante: as populações do norte são mais braquicéfalas do que as do sul. A Tabela 34 apresenta um resumo das médias de tôdas as medidas antropométricas realizadas na presente investigação. No conjunto, os valores médios não diferem dos encontrados na população da Holanda, como um todo. Entretanto, a estatura e o índice cefálico médios observados no presente material mais se aproximam dos das populações setentrionais da Holanda.

TABELA 34

Médias (seguidas dos respectivos erros padrões) das medidas correspondentes a nove caracteres antropométricos, efetuadas na amostra de holandeses estudada, segundo o sexo e em total.

| CARÁTER | HOMENS | MULHERES |
|---|---|---|
| Estatura | 173,66 ± 0,67 | 161,51 ± 0,60 |
| Índice cefálico | 81,42 ± 0,42 | 81,45 ± 0,31 |
| Índice facial | 88,63 ± 0,51 | 85,37 ± 0,49 |
| Índice nasal | 64,94 ± 0,69 | 65,34 ± 0,73 |
| Distância bigonial | 10,87 ± 0,05 | 10,04 ± 0,05 |
| Altura do acrômio | 142,44 ± 0,70 | 132,38 ± 0,53 |
| Altura do dactílio | 62,96 ± 0,38 | 60,53 ± 0,33 |
| Comprimento do braço | 79,35 ± 0,39 | 71,97 ± 0,36 |
| Altura tronco-cefálica | 90,71 ± 0,35 | 85,28 ± 0,29 |

Também a intensidade da pigmentação exibe ampla heterogeneidade por tôda a Holanda. A freqüência de indivíduos de cabelos louros, olhos

claros e pele clara ou rosada, nas províncias do norte, é maior que nas províncias do sul. A Tabela 35 apresenta um resumo das freqüências de vários caracteres antropológicos (atributos), observados no presente material. Especialmente quanto à pigmentação, para a qual há dados disponíveis, as freqüências observadas na presente investigação concordam com os valores médios das populações holandesas, especialmente as do sul.

TABELA 35

Freqüências, em percentagens (seguidas dos respectivos erros padrões), de doze caracteres antropológicos, na amostra de holandeses estudada, segundo o sexo e em total.

| CARÁTER | HOMENS | MULHERES | TOTAL |
|---|---|---|---|
| Cabelos claros | 43,06 ± 5,84 | 49,35 ± 5,70 | 46,31 ± 4,09 |
| Cabelos com vermelho | 8,33 ± 3,26 | 1,30 ± 1,29 | 4,70 ± 1,74 |
| Cabelos lisos | 74,49 ± 4,40 | — | — |
| Olhos claros | 97,96 ± 1,43 | 93,62 ± 2,52 | 95,83 ± 1,44 |
| Prega palpebral presente | 42,86 ± 5,00 | 43,62 ± 5,11 | 43,23 ± 3,58 |
| Ângulo do ôlho oblíquo | 1,03 ± 1,03 | — | 0,52 ± 0,52 |
| Estrabismo | 1,02 ± 1,02 | — | 0,52 ± 0,52 |
| Côr da pele clara | 88,77 ± 3,19 | 97,87 ± 1,49 | 93,23 ± 1,81 |
| Nariz reto | 60,30 ± 4,66 | 60,64 ± 5,04 | 65,10 ± 3,44 |
| Eixo das narinas reto | 37,76 ± 4,90 | 31,91 ± 4,81 | 34,90 ± 3,44 |
| Prognatismo facial | — | — | — |
| Dentes superiores por fora dos inferiores e tocando-os, na oclusão | 47,50 ± 5,58 | 46,15 ± 5,64 | 46,84 ± 3,97 |

As diferenças regionais encontradas na distribuição dos caracteres antropométricos e outras características raciais na Holanda concordam com os dados arqueológicos, que indicam duas componentes raciais fundamentais nas populações holandesas atuais. Essas componentes estão relacionadas a duas áreas, separadas pelo vale do Reno, e correspondem a dois grupos lingüísticos fundamentais. Na Frísia (norte), onde é comumente

falado o idioma frísio, ocorrem os tipos mais nìtidamente "nórdicos", embora com vestígios de mistura com grupos paleolíticos neandertalóides (braquicéfalos). Êste tipo, que não corresponde exatamente ao nórdico clássico, se distribui por tôda a costa do mar do Norte, até a Dinamarca, incluindo o norte da Alemanha. Ao sul do vale do Reno, as populações estão ìntimamente relacionadas com os flamengos e falam o holandês moderno. Êste grupo, que se originou de povos normandos (batavos), se distribui em região arqueològicamente relacianada à Bélgica. A sudeste da Holanda, há vestígios de grupos extremamente braquicéfalos, provàvelmente de origem alpina.

As diferenças regionais encontradas nas populações da Holanda, provàvelmente se têm preservado e fixado por influência de barreiras culturais, como a religião. As populações meridionais são predominantemente católicas e as setentrionais, protestantes. Nesta situação muitas características, primitivamente diversas nos dois grupos, poderiam acentuar sua heterogeneidade, pelo isolamento. Naturalmente, a intensidade das diferenças depende do tipo de herança de cada caráter. Os caracteres simples (monogênicos) podem diversificar-se no decurso de apenas algumas gerações de isolamento. Ao contrário, as diferenças quanto a caracteres métricos (poligênicos) só se estabelecem após isolamento prolongado e refletem melhor a história evolutiva para períodos longos. As populações do norte e do sul da Holanda diferem quanto a caracteres poligênicos, tais como a estatura e a pigmentação geral. Isso indica que estão há muito tempo submetidos a um isolamento considerável.

Podemos agora chegar a certas conclusões que, embora baseadas no estudo da colônia de Holambra, podem ser generalizadas para as migrações modernas, em geral.

O núcleo de Holambra proveio de uma população já por si bastante heterogênea. Certas características genéticas, como as métricas (por serem poligênicas) e as referentes aos sistemas sangüíneos (por dependerem de gens cujas freqüências são relativamente altas) não sofreram desvio perceptível, de modo que, quanto a tais caracteres, Holambra representa bem a população da Holanda. Certos caracteres monogênicos, especialmente o daltonismo e provàvelmente, em parte, a hiperextensibilidade dos polegares, apresentaram em Holambra afastamentos consideráveis em relação às freqüências na população de origem. Provàvelmente, foi simples obra do acaso que êsses, e não outros caracteres monogênicos, tenham sofrido os maiores desvios.

Em outras colônias holandesas do Brasil é bem provável que os maiores desvios incidam sôbre outras características. De qualquer modo, os fatôres salientados no início dessa discussão, e especialmente a grande incidência de parentesco entre os imigrantes de uma mesma colônia, fazem

com que colônias diversas, provenientes do mesmo país, possam contribuir com fluxos gênicos bem diferentes para as populações locais com que acabarão por se miscigenar.

Enquanto a colônia não se dilui, por entrecruzamentos com as populações circunvizinhas, atravessa uma fase em que se comporta como um **isolado**, e pode sofrer drásticas alterações de freqüências gênicas em virtude da oscilação genética (veja GLASS e col., 1952; FROTA-PESSOA, 1959).

Desde o início da imigração até a assimilação genética total, as colônias de imigrantes se mantêm em evolução contínua. Sua contribuição final à população receptora pode ser bem diversa da que traria uma amostra perfeitamente representativa da população de origem que se miscigenasse de imediato.

## AGRADECIMENTOS

A elaboração do presente trabalho tornou-se possível em virtude da compreensão e apoio dos diretores e membros da Cooperativa Agro-Pecuária "Holambra", aos quais somos profundamente gratos. Queremos agradecer nominalmente ao Dr. João Litjens, Diretor Econômico, que, além de nos pôr em contacto com os demais Diretores da Cooperativa e seu Presidente, nos auxiliou constantemente durante a realização do trabalho. Ao Dr. Arlindo Jacob, médico da colônia de Holambra, somos gratos pelo entusiasmo com que acolheu o projeto. Às enfermeiras locais, Da. Mathilda de Gruyter, Da. Catharina Plagge, Sra. Anita Kieuvitsbosch e Sra. Elly Paulussen, estamos especialmente agradecidos por nos terem ajudado na tarefa de coleta e acondicionamento dos sangues e contacto com os colonos que não falavam português.

Finalmente, somos bastante gratos ao Dr. Otávio Teixeira Mendes, diretor da Hospedaria dos Imigrantes, de São Paulo, que foi o responsável por nosso contacto inicial com os Diretores de Holambra; e ao Sr. Otávio Del Rey, funcionário do Departamento de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pela constante e efetiva ajuda no transporte da equipe de pesquisadores e de colonos durante todo o período de realização da investigação.

## SUMMARY

A colony of Dutch immigrants ("Holambra" colony, with 113 families), established 10 years ago near Campinas (São Paulo State) was studied from a genetic and anthropological viewpoint. About 200 married men and women constituted the sample studied. Among them there were 5 sibships of 2 individuals, 5 of 3, 11 of 4 and 3 of 7. There was also a pair

of first cousin. The following characteristics were studied: 1. Blood groups. 2. Taste sensitivity to phenilthiourea. 3. Colour blindness. 4. Middle-phalangeal hair. 5. Hyperextensibility of the thumbs. 6. Ear lobe. 7. Relative length of 2nd and 4th fingers. 8. Curling of the tongue. 9. Congenital anomalies of the incisors. 10. Ear pit. 11. Hair whirl. 12. Hand clasping. 13. Arm folding. 14. Ear flare. 15. Stature. 16. Cephalic index. 17. Facial index. 18. Nasal index. 19. Bigonial width. 20. Acromium height. 21. Dactylion height. 22. Arm length. 23. Sitting height. 24. Hair colour. 25. Hair form. 26. Eye colour. 27. Eye fold. 28. Eye angle. 29. Strabismus. 30. Skin colour. 31. Nose form. 32. Nose axis. 33. Prognatism. 24. Dental occlusion. 35. Dental caries.

The frequencies, in the sample, for the qualitative traits, according to sex, are presented in the tables. For the metrical traits, the distribution, the mean, the variance and the coefficient of variability are given (Tables 14 to 22). The gene frequencies for the blood groups were estimated (Table 32). Apparently the frequencies of characteristics 2 and 4 to 14 in the Dutch people were determined here for the first time. The frequency of colour blindness was surprisingly high (15,46% among men), and the frequency of cases of hyperextensibility of the thumbs, surprisingly small (0,52%, against 24,7% among white americans). Concerning the anthoropological traits (Tables 34 and 35) the sample seems to represent well the population of Holland. The gene frequencies for the ABO and MN blood groups proved to be in equilibrium (panmixis) as shown in Table 32.

The data are discussed and the importance of modern immigration in the evolution of local populations is emphasized.

## REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, M. E., 1949 — The middigital hair genes, their inheritance and distribution among the White race. J. Hered. 40: 127-131.

BERNSTEIN, M. E. e B. S. BURKS, 1942 — The incidence and mendelian transmission of mid-digital hair in man. J. Hered. 33: 45-53.

BECKMAN, B. e J. A. BÖÖK, 1959 — Distribution and inheritance of mid-digital hair in Sweden. Hereditas 45: 215-220.

BOYD, W. C., 1950 — Genetics and the races of man. Little, Brown Co., Boston.

BRUES, A., 1946 — A genetic analysis of eye colour. Am. J. Phys. Anthrop. n. s., 4: 1.

CARNEIRO, J. F. 1950 — Imigração e colonização no Brasil. Publ. avulsa n.º 2, Cadeira de Geografia do Brasil, Fac. Nac. Filosofia, Universidade do Brasil. Rio de Janeiro.

COON, C. S., 1939 — The races of Europe. Macmillan, New York.

CUNHA, A. X. da e M. D. A. ABREU, 1956 — A sensibilidade gustativa da feniltiocarbamida em Portugueses. Contr. Antrop. Portug. 5: 85-96.

DANFORTH, C. D., 1921 — Distribution of hair on the digits of man. Am. J. Phys. Anthrop. 4: 189-204.

DAS, S. R., 1958 — Inheritance of the P. T. C. taste character in man: an analysis of 126 Rárhi Bráhmin families of West Bengal. Ann. hum. Genet. 22: 200-212.

DAVENPORT, C. B., 1927 — Heredity of human eye color. Bibliogr. genet. 3: 443-463.

FISHER, R. A., 1918 — The correlation between relatives on the supposition of mendelian inheritance. Trans. Roy. Soc. Edinb. 52: 399-433.

FREIRE-MAIA, N., A. QUELCE-SALGADO e A. FREIRE-MAIA, 1958 — Hand clasping in different ethnic groups. Human Biol. 30: 281-291.

FREIRE-MAIA, A., N. FREIRE-MAIA e A. QUELCE-SALGADO (no prelo) — Genetic analysis in Russian immigrants (PTC sensitivity, color vision, hand clasping, and arm folding).

FROTA-PESSOA, O., 1959 — Uma reformulação do conceito de isolado. Anais I Reunião Brasil. Genét. Humana, pp. 112-119, Curitiba.

FROTA-PESSOA, O. e P. FILGUEIRAS, 1957 — Nota sôbre casamentos consangüíneos em Goiás. Rev. Bras. Biol. 17: 73-75.

GLASS, B., M. S. SACHS, E. F. JAHN e C. HESS, 1952 — Genetic drift in a religious isolate: an analysis of the causes of variation in blood group and other gene frequencies in a small population. Am. Natur. 86: 145-159.

GLASS, B. e J. C. KISTLER, 1953 — Distal hyperextensibility of the thumbs. Acta Genet. 4: 192-206.

HARRIS, H. e H. KALMUS, 1949 — The measurement of taste sensitivity to phenylthiourea. Ann. Eugen. 15: 24-31.

HEIDE, H. M. van der, W. MAGNÉE e J. J. van LOGHEM, 1951 — Blood group frequencies in the Netherlands. Am. J. Hum. Genet. 3: 344-347.

ISHIHARA, S. 1954 — Tests for colour-blindness. London.

KEELER, C. E., 1935 — Heredity in dentistry. Dent. Cosmos. 77: 1147-1163.

KLOEPFER, H. W., 1946 — An investigation of 171 possible linkage relationships in man. Ann. Eugen. 13: 35-71.

KOMAI, T., 1951 — Notes in lingual gymnastics. J. Hered. 42; 293.

LIU, T. T. e T. C. HSU, 1949 — Tongue-folding and tongue-rolling in a sample of the Chinese population. J. Hered. 40: 19-21.

LOGHEM, J. J. van e J. T. ERKHOUT, 1948 — De verdeling der bloedgroepen ABO, MN, P, en Rhesusfactoren bij de Nederlandse bevolking. Ned. Tijdschr. Geneesk. 92: 1152-1156 (citado por Mourant, 1954).

MÄKELÄ, O. 1957 — Studies in hemagglutinins of Leguminoseae seeds. Ann. Med. Exp. Fenniae 35, suppl. n.º 11.

MATSUNAGA, E., 1956 — Erbbiologische Untersuchung der Fingermittelgliedbehaarung bei Japanern und Deutschen. Z. Menschl. Vererb.- u. Konstitutionslehre, 33: 465-469.

MERTON, B., 1958 — Taste sensitivity to PTC in 60 Norwegian families with 176 children. Confirmation of the hypothesis of single gene inheritance. Acta Genet. 8: 114-128.

MOHR, J., 1951 — Taste deficiency to phenylthiourea in Denmark. Ann. Eugen. 16:282-286.

MONTAGU, M. F. A., 1940 — The significance of the variability of the upper lateral incisor teeth in man. Human Biol. 12: 325-358.

MOURANT, A. E., 1954 — The distribution of the human blood groups. Blackwell, Oxford.

MOURANT, A. E., A. C. KOPEC e K. DOMANIEWSKASOBCZAK, 1958 — The ABO blood groups. Comprehensive tables and maps of world distribution. Blackwell, Oxford.

OTTENSOOSER, F., 1955 — Grupos sangüíneos e raça. Rev. Antrop. 3: 46-63.

OTTENSOOSER, F., 1958 — Anti-N vegetal: origem, preparo e contrôle. An. Acad. Bras. Ci. 30: 65-73.

OTTENSOOSER, F. e R. FARIA, 1956 — Sôro humano anti-N, de título elevado em meio salino. Arq. Biol. 40: 63-80.

OTTENSOOSER, F. e L. C. MÔNACO — Dados não publicados.

OTTENSOOSER, F. e K. SILBERSCHMIDT, 1953 — Haemagglutinin anti-N in plant seeds. Nature 172: 914-915.

PONS, J., 1955 — Taste sensitivity to phenylthiourea in Spaniards. Human Biol. 27: 153-160.

POWELL, E. F. e D. D. WHITNEY, 1937 — Ear lobe inheritance. J. Hered. 28: 184-186.

SALDANHA, P. H., 1955 — Pesquisas com feniltiouréia em genética humana. Ciência e Cultura 7: 137-145.

SALDANHA, P. H., 1958 — Taste thresholds for phenylthiourea among Japanese. Ann. Hum. Genet. 22: 380-384.

SALDANHA, P. H., 1959 — Efeito da migração sôbre a estrutura genética de uma comunidade paulista. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo.

SALDANHA, P. H. e W. BEÇAK, 1959 — Taste thresholds for phenylthiourea among Ashkenazic Jews. Science 129: 150-151.

SNYDER, L. H., 1932 — The inheritance of taste deficiency in man. Ohio J. Sci. 32: 433-440.

STURTEVANT, A. H., 1940 — A new inherited character in man. Proc. Nat. Acad. Sci. 26: 100-102.

WHEELON, H., 1925 — Clinical significance of the congenital absence of the upper lateral incisor teeth. Endocrinology 9: 35-60.

WHITNEY, D. O., 1939 — Three generations of ear pits. J. Hered. 30: 323-324.

WIENER, A. S., 1937 — Complications in ear genetics. J. Hered. 28: 425-426.

# PROYECCIONES FILOSÓFICAS DE ALGUNAS TEORÍAS ETNOLINGÜíSTICAS CONTEMPORANEAS

**Germán Fernández Guizzetti**
(Instituto Libre Pro-Universidad Católica, Santa Fe)

## 1a. PARTE

El texto del presente ensayo es el desarrollo de los puntos de vista expuestos en una conferencia que, sobre el mismo tema, pronuncié el 7 de agosto de 1959 en la Facultad de Historia y Letras del Salvador, a invitación de su Decano R. P. doctor Avelino Ignacio Gómez Ferreyra S. J.

Los aspectos que en ella trato y las conclusiones extraídas deben mucho al contacto personal y a las enseñanzas de dos maestros estadounidenses: el doctor David Bidney, de la Universidad de Indiana, cuya teoría totalista de la cultura me ha proporcionado el esquema teorético más amplio, dentro del cual habría de integrar mi pensamiento etnolingüístico, y cuyas doctrinas constituyen la espina dorsal de mis búsquedas empíricas y de mis especulaciones; y el doctor Sol Saporta, de quien aprendí, los aspectos fundamentales del moderno estructuralismo lingüístico en sus últimos hallazgos y proyecciones teórico-prácticas.

La experiencia de primera mano adquirida en el estudio de las cosmovisiones, a partir de material lingüístico, lo fué gracias a largas y pacientes jornadas de trabajo con mis dos principales informantes nativos de habla guaraní: el escritor Néstor Romero Valdovinos, natural de Asunción y el contador público Rigoberto Baez, natural de Carapeguá.

Una Fellowship for Advanced Studies de la Fundación Rotaria posibilitó mis estudios en la Universidad de Indiana (E.E.U.U. de N.A.), vaya el testimonio de mi gratitud.

En una anterior monografía [1] caracterice a la Etnolingüística como "una ciencia social que investiga los productos de cultura y las resultantes de los contactos **y cambios** culturales mediante una interpretación comprensiva de las estructuras idiomáticas y su evolución" [2]. Quizás sea interesante señalar que en la expresión "estructura idiomática" se incluyen, en este caso, solamente el léxico y la morfosintaxis, mientras que el material fonológico no da tema para establecer ninguna correlación entre el idioma y la cultura [3].

En aquel trabajo [4], destacaba el carácter interdisciplinario de la Etnolingüística, en cuanto dicha disciplina halla su "status" epistemológico, precisamente, entre la Lingüística y la Etnología.

El origen histórico de nuestra ciencia debe buscarse en un cambio, más o menos recíproco y simultáneo, en la actitud que los antropólogos habían adoptado frente a los lingüístas y viceversa.

Por regla general, los etnólogos de hasta principios de siglo veían en el idioma de un pueblo, al mismo tiempo, una vía de comunicación con sus miembros y un obstáculo que era necesario superar para llevar a cabo la encuesta. El idioma, si bien implícitamente considerado o más bien aceptado, como hecho cultural, no era estudiado en cuanto tal, ni incluído en las descripciones de los grupos humanos.

Esta actitud, producto puro y simple de la ley del menor esfuerzo, es importante para nuestro tema pues, como se verá más adelante, desencadenó, en algunos lingüístas que captaron el problema, una reacción en sentido contrario; reacción que, prácticamente, concluyó por convertir a la totalidad de la cultura en un mero epifenómeno de lo idiomático.

Es preciso destacar que no toda la culpa de aquel pecado epistemológico debe recaer en los cultores de la Etnología. Los lingüístas, surgidos por reacción metodológica contra las actitudes típicas de los filólogos clásicos, no por ello dejaron de verse influenciados por todo su lastre de etnocentrismo clasicista, y, en la práctica, solamente renovaron métodos y ampliaron los campos de investigación: así nacieron la lingüística indoeuropea y la románica. Sin embargo, no supieron adquirir plena conciencia de que, más allá de lo indoeuropeo, existían idiomas diversos, irreductibles a los esquemas gramaticales de aquel grupo, y que, si tales idiomas eran hablados por pueblos de cultura no occidental, resultaba más que posible la existencia de una correlación entre las diversidades lingüísticas y las culturales. Una vez más en la historia de las ciencias, el poder mágico de las palabras proporcionaría una seudo solución al problema: se escribía, por entonces, acerca de "pueblos primitivos" que hablaban "lenguas exóticas".

Si bien los orígenes de la Etnolingüística deben buscarse en la obra de Guillermo de Humboldt "Sobre las diversidades del lenguaje humano y su influjo en la evolución espiritual de la humanidad", tres son los movimientos que, en el terreno específico de lo antropológico, han dado pie al desarrollo de esta nueva disciplina que estudia al idioma como hecho de cultura (ya se verá más adelante cuál es el alcance de este punto de vista) significativo de los demás fenómenos culturales. Ellos son: el gestado en Viena bajo la dirección del P. Schmidt, quien concretó en su libro "Kultur- und Sprachenkreise der Erde" su estudio de las relaciones idioma-cultura enfocándolas desde el punto de vista de su posible aporte a la historia cultural; el que en los Estados Unidos encabezara Franz Boas y que culminó con la elaboración de lo que se ha dado en llamar la hipótesis Sapir-Whorf; y, finalmente, los estudios realizados por Bronislaw Malinowski que, si bien llenos de sugestiones y posibilidades para la Etnolingüística, no han tenido la misma repercusión, en esta rama de las ciencias antropológico-sociales, que la lograda en las demás: el funcionalismo no se proyecta como escuela en el terreno de la Etnolingüística.

He mencionado antes el hecho de que nuestra ciencia implica una concepción del idioma como hecho cultural que, a su vez, simboliza cultura. Esta característica de lo idiomático hace que, a partir de los datos lingüísticos, puedan ser investigadas la casi totalidad de las concreciones culturales: tanto los artefactos, cuanto los sociofactos y mentefactos, se hallan documentados en la paradigmática de un idioma; la cual puede revelarnos más de un aspecto insospechado de los rasgos culturales tanto en su ser actual como en su diacronia. Así, el estudio de los términos de parentesco nos da la clave para la comprensión de la organización social de la comunidad; el léxico referente a la tecnología constituye, muchas veces, la mejor forma de situar un artefacto dado, sea en su función actual en el contexto, sea en su historia dentro de la cultura; y, finalmente, y ello será el tema principal de esta exposición, el análisis de las estructuras o pautas morfosintácticas permite investigar aspectos de la cosmovisión que, de otra manera, no podrían ser indagados [5].

## I

## CULTURA, ETNIA E IDIOMA

Es preciso que estudiemos con algún detalle la relación existente entre el concretarse en idioma de la función simbólica y las comunidades culturalmente diferenciadas o etnias, y, por lo tanto, entre aquel y esa entidad pluridimensional y polifacética; conjunto de pautas y procesos, síntesis de lo individual en lo social, que es la cultura [6].

Ello nos lleva al problema del idioma en cuanto hecho cultural.

Ante todo, cabe preguntarse qué es un hecho cultural.

La caracterización más acertada, por su punto de partida eminentemente humanista, que de los hechos culturales se haya efectuado hasta el presente, es la que encontramos en la concepción totalista de la cultura de David Bidney.

Bidney considera a la cultura como algo natural y humano; especie de resultante de un diálogo progresivo y continuado del hombre consigo mismo, con los demás hombres y con la naturaleza cósmica; concretarse actual de un diálogo ancestral mantenido a través de la historia, que se proyecta normativamente hacia el futuro en la escala de valores a que tiende el hombre individual y societario. Hombre que es naturaleza triple en su unidad compleja: naturaleza biológica, naturaleza síquica y naturaleza social. De allí que los hechos humanos sean, en sí, biológicos, síquicos y sociales, o, mejor dicho, bio-sico-sociales.

Lo "en sí" es el hombre y no la cultura, como sostienen los diversos tipos de supraorganicismos. Pero la cultura es algo inherente al hombre, tanto individual como social, pues el hombre real y concreto es un hombre-en-la-cultura; es un "cultured man", un "man-in-culture" [7], aunque

no por ello ahogado por el peso superimpuesto de lo cultural. Es un hombre libre, a la vez heredero, creador y trasmisor de cultura. La cultura se concreta objetivamente en artefactos, sociofactos y mentefactos. Pero ese objetivarse del hombre en la creación cultural, tiene en éste su causa eficiente y también su causa final. No se dan hechos culturales en sí, sino **hechos naturales bio-sico-sociales** configurados por la cultura. Por ello, como veremos más adelante, la función cultural del idioma es la significación de lo individual y de las estructuras sico-sociales y sociales, en cuanto ellas se diferencian según los pueblos; en cuanto la cultura — pauta y proceso; herencia, actualidad e ideal de futuro — modifica lo universalmente común a lo humano, en cuanto realidad diferenciada, en su actuarse en una pluralidad de productos; pluralidad que refleja lo mejor del hombre: su libertad inherente, hecha concretarse histórico.

"No puede haber — escribe Bidney — ninguna frontera terminante entre la esfera de la cultura, por un lado, y la de los fenómenos orgánicos y sicológicos, por el otro. La cultura es un atributo de la conducta humana y, por lo tanto, debe ser estudiada como parte integrante de dicha conducta" [8].

Por ello rechaza, asimismo, la posición de quienes oponen "el carácter evolutivo de la conducta objetivada, al no-evolutivo de los procesos sicológicos subjetivos que, de alguna manera, subyacen al contenido de la cultura"; pues, "se puede considerar el carácter acumulativo de la cultura como un fenómeno sicocultural que implica los productos epistémicos del proceso cognoscitivo". "Los fenómenos culturales son, al mismo tiempo, subjetivos y objetivos; son tanto síquicos, cuanto epistémicos, sociales e históricos. Tanto las experiencias sicológicas como los fenómenos culturales, pueden ser históricamente adquiridos por la simple razón de que ambos procesos son, en la práctica, inseparables" [9].

"En síntesis, todo fenómeno cultural se halla compuesto de dos elemento dispares, a saber: el de la naturaleza humana, concebida en términos físicos, biológicos, síquicos o sociales, y el elemento de la humana creatividad y elección. Existem fenómenos puramente naturales, pero no los hay que lo sean exclusivamente culturales; susceptibles de ser concebidos en sí, en cuanto tales. Todos los hechos de cultura son fenómenos naturales modificados por el esfuerzo humano y por la interacción"[10].

Así, tenemos que los productos del lenguaje (o función simbólica) son esencialmente individuales o sociales, o, mejor dicho, al mismo tiempo individuales y sociales, y, como tales, configurables y configurados por la cultura.

En una monografía que escribiera en carácter de comunicación al Primer Congreso Argentino de Psicología [11] — cuando el estudio de la cultura en sus relaciones con el idioma recién comenzaba a atraer mi atención — afirmé que la función simbólica en el hombre, se concretaba en

un producto, que califiqué de indiferenciado: la lengua; en cuyo producto era dable distinguir dos aspectos: el del habla, o aspecto individual, y el del idioma, o concresión social de la función simbólica. Uno y otro tipo del objetivarse del simbolizar humano responden al doble papel que cabe a la función simbólica: el de expresar y el de comunicar, el de la significación de lo individual, en cuanto tal, y de lo sico-social, la cual implica un transcender del individuo para establecer y mantener relaciones entre los miembros de un grupo, y, aún, para originar el grupo mismo; esto es, para generar y conservar los procesos de interacción.

El lenguaje, sus sub-funciones y sus productos (indiferenciado y diferenciado), eran allí concebidos como conjunto de procesos síquicos, el primero, y, estos últimos, como resultantes sistematizadas de procesos de índole sicoindividual y sicosocial.

A lo anterior agregaré hoy que es preciso destacar, además, que lo sicosocial en el hombre, se da diferenciadamente según la cultura, y que, al considerar al idioma en cuanto hecho cultural, no estoy negando su naturaleza social, sino, por el contrario, afirmando que dicho hecho social será diverso según las circunstancias. Y las circunstancias son aquí las etnias o grupos culturalmente diferenciados; diferenciados por su historia, por su ser actual y por su proyectarse hacia el futuro; por su ser pautado y por los tipos de procesos sicosociales que en ellos se dan diversamente y que distinguen, del resto de la humanidad, al conjunto de sus miembros y a cada uno de ellos individualmente.

Por ello, cuando hablo del idioma como hecho de cultura, o del aspecto cultural del concretarse de la función simbólica, y de una ciencia: la Etnolingüística, que estudia dicho hecho cultural en cuanto tal, es decir, en cuanto relacionado con los demás fenómenos culturales; tan solo afirmo que el idioma es una objetivación social diferenciada de un complejo de procesos físico-bio-síquicos inherentes a la peculiar naturaleza del hombre.

En síntesis, considero al idioma como un mentefacto cuya función dentro de los grupos sociales culturalmente diferenciados: las etnias, es, además de las fundamentalmente sociales anotadas más arriba, la de simbolizar la totalidad de la cultura en sus pautas, procesos y concresiones de los mismos; sean estas artefactos, sociofactos u otros mentefactos (este último es el caso de la cosmovisión). Se trata, pues, de una realidad cultural que refleja otras realidades culturales; realidad actual recibida por tradición, modificable por obra de la creación individual grupalmente aceptada y que se proyecta hacia el futuro al igual que los demás hechos de cultura, de los cuales se diferencia por su mayor complejidad y por su índole esencialmente sistemática y estructurada.

Al estudiar al idioma dentro de la cultura, los etnolingüístas sólo realizan, en su terreno específico, lo mismo que ya han llevado a cabo

sicólogos al convertirse en etnosicólogos para investigar comparativamente los tipos de personalidad (la cual es una noción eminentemente sicológica o sicosocial), es decir, para estudiarlos en cuanto ellos se dan dentro de las culturas y diferenciados según las mismas.

## II

## EL RELATIVISMO CULTURAL

### Sus orígenes en el pluralismo cultural

El hecho de la diferenciación entre los hombres según su cultura, que se sigue como lógico corolario de la existencia de una pluralidad de culturas, nos lleva al segundo punto de este ensayo: el del relativismo cultural, del que es un caso particular la posición de Benjamin Lee Whorf en el terreno específico de lo lingüístico, en cuanto tal y en sus relaciones con el complejo cultural.

Dos son las circunstancias que explican el origen del relativismo cultural: una de ellas es el momento de la historia del pensamiento en que aparece dicha teoría; la otra es la filosofía que impregna el pensar científico-filosófico del país en que se origina.

Según muestra claramente Bidney en su monografía "El concepto de valor en la antropología moderna" [13], el relativismo cultural no es sino un llevar a extremo, extrayendo conclusiones a las cuales no autorizan los hechos, la reacción que, contra los evolucionistas unilineares, se originara en los Estados Unidos bajo la influencia de Franz Boas. Así, al empíricamente defendible pluralismo cultural de éste, que se concretara en una forma más sistemática en la obra de Ruth Benedict "Las pautas culturales" [14], habríale de suceder, en gran parte debido al pragmatismo que impregna un amplio sector del pensamiento norteamericano, un **relativismo cultural** que halla su exppresión más acabada en el libro de Melville Herskovits "El hombre y sus obras" [15].

La posición de los evolucionistas unilineares encabezada por Morgan y que, aunque haciendo gala de un mayor sentido común, también representaron Tylor y Frazer, era fundamentalmente diacrónica (nótese que si no la califico de histórica, ello se debe al uso que muchos de ellos hicieron de preconceptos epistemológicos y a su abuso de las reconstrucciones sin base actual); se basaba principalmente en la teoría comteana del progreso; y, por lo tanto, implicaba una valoración de los diversos estudios de la evolución cultural [16]. El hecho apuntado más arriba, de que dicha valoración haya sido producto de esquemas apriorísticos y de preconceptos carentes de fundamento empírico (como en el caso de la interpretación negativa o, en el mejor de los casos, utilitarista que los evolucionistas unilineares hacen de lo religioso) no impide que hayan basado su teoría, aún

a pesar de ellos, en una concepción metafísica del hombre. Para los evolucionistas el hombre, o más exactamente la humanidad, era un ser-en-la-historia; ser teleológicamente caracterizable por una tendencia a evolucionar en una determinada dirección, de modo que cada estadio evolutivo constituye la superación del anterior; tendencia que se concreta históricamente en lo que llamamos progreso. Lo importante para nuestro tema, es que, en la concepción positivista, dicho progreso consistía en la realización de cierta escala de valores, entre los cuales, la sustitución de la creencia por el pensar científico ocupaba lugar prominente.

Tres movimientos surgieron como reacción contra esta postura: el primero de ellos, de carácter fundamentalmente diacronicista, es el constituído por la escuela histórico-cultural de Viena, cuyas tesis no serán expuestas en detalle porque no hacen al origen del relativismo lingüístico. La característica fundamental de los histórico-culturalistas es la de destacar, frente a la noción de evolución de los hechos de cultura, la de su difusión; y frente al monismo histórico de los evolucionistas, la de una pluralidad de culturas desarrollándose en el tiempo y difundiendo sus rasgos en un espacio geo-cultural. Culturas agrupables en lo que dicha escuela ha dado en llamar círculos culturales. Desde un punto de vista sincrónico, interesa destacar que sus cultores no han prestado la debida atención al hecho de la integración interna de las culturas particulares; integración hoy concebida en términos teleo-funcionales.

La segunda reacción pura y, aún, furibundamente sincronista es la que encabeza e inicia Bronislaw Malinowski. Este autor, debido a las enseñanzas de sus valiosas experiencias entre los trobrianos, opuso el estudio de cada sociedad en particular, al de la humanidad como un todo; y un punto de vista descriptivo, al histórico de sus predecesores en la tradición antropológica inglesa. Acentúa, además, el hecho de que cada cultura constituye un todo integrado de rasgos interrelacionados; totalidad unitaria y compleja estudiable en sí y por sí. Finalmente, buscó el porqué de dicha integración en lo que, para él, constituía la naturaleza biosíquica del hombre: un conjunto de impulsos que requieren satisfacción; cuya satisfacción se da diversamente según las culturas.

Se podría, quizás, sostener que en la posición de Bronislaw Malinowski hallamos mucho de relativismo cultural. No creo que ello pueda ser afirmado en cuanto el relativismo cultural presupone un estudio comparativo de los diversos ethos, estudio que jamás interesó al fundador del funcionalismo.

La tercera reacción antiunilinearista fué la de Franz Boas, en los Estados Unidos. Ella es la que nos interesa actualmente, pues nos da las premisas de las que, más adelante, habría de ser extraída la conclusión relativista, tanto en su aspecto general, como en el particular del relativismo lingüístico.

Según Bidney, "La Antropología era entendida (por Boas) más como un estudio de las culturas particulares, concebidas como todos funcionales e integrados, que como el de la evolución de la cultura de la humanidad como un todo. En oposición a la teoría monista de la evolución cultural que implicaba esta última concepción, tanto Boas como sus seguidores en Norteamérica, prefirieron una teoría pluralista de la historia de las culturas. La noción, aceptada por Tylor, de que nuestra civilización europea y occidental representa el más alto grado de desarrolo cultural, parecíale evidentemente etnocéntrica, y prefería, por lo tanto, la alternativa de la pluralidad de las culturas y de su relatividad" [17]. Nótese que Bidney habla aquí de **relatividad de las culturas**, que no es lo mismo que la erección de dicha relatividad en primer principio epistemológico y última norma valorativa, como habría de suceder en la sistematización relativista de Melville Herskevits.

"Boas — concluye Bidney — temía que la tendencia a valorar nuestra forma de civilización como superior a las del resto de la humanidad — tendencia que él identificaba con las acciones etnocéntricas del hombre primitivo — condujera a un nacionalismo prepotente" [18], es decir, a lo que los latinoamericanos estamos acostumbrados a denominar imperialismos.

## El pluralismo sistemático de Ruth Benedict

La formulación sistemática del pluralismo cultural se halla expuesta, como ya he apuntado, en la obra de Ruth Benedict sobre "Las pautas culturales".

Ruth Benedict postula un pluralismo cultural debido doblemente a la diversidad de rasgos o hechos culturales, y a la de las relaciones entre hechos culturales sistematizables en pautas diversas. "Estas interpenetraciones de rasgos ocurren y desaparecen de tal modo, que la historia de la cultura es, en grado considerable, la historia de su naturaleza, sus azares y sus asociaciones. Sin embargo, la conexión genética que vemos tan fácilmente es un rasgo complejo y nuestro horror ante cualquier perturbación de sus relaciones internas, es, en gran medida, ilusorio. Existe un sinfín de diversas combinaciones posibles, y los ordenamientos sociales adecuados pueden constituírse en forma indiscriminada, en base a la gran variedad de estos fundamentos" [19]. "Aspectos de la vida que nos parecen de la mayor importancia, han sido pasados por alto, con muy poca consideración, por pueblos cuya cultura, aunque orientada en diferente dirección de la nuestra, ha estado muy lejos de ser pobre" [20]. "La verdad en esta materia consiste, más bien, en aceptar que las instituciones y motivaciones humanas posibles son innumerables en todos los planos dables dentro de la simplicidad y complejidad de las culturas, y que lo sabio es una tolerancia, progresivamente acrecentada, de sus divergencias. Nadie puede participar acabadamente de una cultura a menos que haya sido edu-

cado y vivido según sus formas; lo cual no habrá necesariamente de impedirlo el poder conceder, a los miembros que integran los otros grupos culturales, la misma significación que él reconoce a los del suyo" [21].

"Toda diversidad cultural no resulta solamente de la facilidad con que las sociedades elaboran o rechazan sus posibles aspectos existenciales. Por el contrario, ella es debido a un más complejo entretejerse de los rasgos culturales. Como hemos dicho, la forma final de toda institución tradicional va mucho allá del impulso originario. En gran medida, dicha forma final depende de la forma según la cual un rasgo se ha mezclado con otros pertenecientes a campos de experiencia diferentes.

"Por ejemplo, un rasgo ampliamente difundido puede, en un pueblo, hallarse saturado de creencias religiosas y, por lo tanto, funcionar como un aspecto importante de su religión; mientras que, en otra región, es posible que sea materia de mero canje económico y, por lo tanto, resulte uno de los aspectos de las convenciones monetarias: existe, pues, un sinfín de posibilidades y las adaptaciones resultan a menudo desconcertantes. La naturaleza de un rasgo ha de ser bastante diferente en áreas diversas, según los elementos con que se haya combinado.

"Es importante que esto quede bien en claro pues, de otra manera, caeríamos fácilmente en la tentación de generalizar en una única ley social, los resultados de un entremezclarse local de rasgos culturales, o bien daríamos por sentado que su unión constituye un fenómeno universal" [22].

Para fundar estas afirmaciones, Ruth Benedict nos muestra cómo un mismo hecho biológico: la crisis vital que implica el pasaje a la pubertad a la adolescencia, adquiere significación diversa según el área cultural a que pertenezcan quienes sufren dicha crísis vital, que en algunos casos, hasta puede llegar a no serlo [23].

En lo referente a la ejemplificación de los complejos típicos de pautas culturales, nuestra autora toma tres culturas [24], relativamente aisladas del resto de la humanidad, para mostrarnos cómo los diversos rasgos culturales pueden integrarse en complejos que respondan a una característica diferencial dominante; dando, así, un peculiar estilo a la cultura.

Si bien es cierto que en la posición resumida más arriba se trata más bien de un pluralismo culturológico; dicho pluralismo llega por momentos a convertirse en relativismo, cuando Ruth Benedict roza el problema de los juicios de valor en materia cultural. A veces, sus observaciones, aunque impregnadas de ese relativismo implícito, resultam por demás acertadas. Por ejemplo, cuando escribe acerca de la guerra y sus motivaciones:

"Si justificamos la guerra, es porque todos los pueblos justifican siempre los rasgos que ellos encuentran integrando su cultura y no porque la guerra en cuanto tal pueda resistir un examen crítico de sus beneficios" [25].

Por supuesto, en este caso la conclusión relativista y la humanista coinciden. Por eso, la veracidad de lo afirmado no radica en cómo se lle-

gó a ello; no debe buscarse en las premisas, sino en el contenido de la conclusión misma.

En otras ocasiones, y es precisamente en ellas donde su relativismo implícito se hace más evidente, Ruth Benedict llega a negar toda posibilidad de valoración en casos en que, por afectar la naturaleza humana, un juicio de valor se hace imperativo. Tal sucede con el suicidio [26], el homicidio [27], y con ciertos cambios en las pautas culturales norteamericanas que, no por explicables, pueden resultar deseables para la comunidad. Así, sostiene que "los cambios menores que hoy ocasionan tanto escándalo, tales como el aumento de los divorcios, la creciente secularización de nuestras ciudades (se refiere a las norteamericanas), la moda de las 'petting parties' [23], y muchos más, podrían ser aceptadas con bastante facilidad dentro de una pauta cultural apenas diversa de la nuestra. Una vez que llegaran a ser tradicionales, adquirirían la misma riqueza de contenido, la misma importancia y valor que las viejas pautas tuvieron para otras generaciones" [29].

Más adelante estas observaciones adquieren formulación teórica al afirmar que "una cultura, lo mismo que un individuo, constituye un esquema más o menos consistente de pensamiento y acción. Dentro de cada cultura llegan a aparecer propósitos no necesariamente compartidos por otros tipos de sociedad" [30].

Este aserto es fundado por su autora en una concepción de la **norma social** de índole meramente utilitarista: la de radicar la validez de dicha norma, pura y simplesmente, en su mayor o menor contribución al mantenimiento de la integración sociocultural del grupo. Para una tal concepción, evidentemente entroncable con el pragmatismo que impregna más de un aspecto del pensar científico norteamericano, la norma es sólo un instrumento de equilibrio; tiene su causa final en la estabilidad del grupo, y no en el proveer los medios para que el grupo en sí, y cada uno de sus miembros individuales, por su parte, desarrolle la plenitud de sus potencialidades, sin lesionar lo que en otros grupos o individuos es el concretarse en cultura de su inherente libertad de existir diversamente, siempre y cuando ello no afecte lo que, en el hombre, constituye su realidad diferenciada; su realidad "en sí"; su realidad de hombre en cuanto hombre.

Según sintetiza F. S. C. Northrop en su monografía sobre "Los valores culturales", esta postura pragmatista "convierte el llevar a un estado de equilibrio los diversos elementos que compiten en una situación social dada, en el criterio de lo bueno y del valor cultural en general" [31]. No es otra cosa lo que afirma Ruth Benedict al sostener que "cada pueblo consolida progresivamente su experiencia; y, en proporción directa a la urgencia de sus impulsos, los elementos heterogéneos de la conducta toman una forma cada vez más congruente. Asimilados por una cultura bien integrada, los actos más desordenados llegan a ser característicos de sus

peculiares objetivos, a menudo, merced a la más improbable de las metamórfosis" [32]. De aquí a la posición de Herskovits sólo hay un paso: el de la formación sistemática, que Ruth Benedict se abstiene prudentemente de dar.

## Caracterización del relativismo cultural

Como ya dije anteriormente, el relativismo cultural debe ser considerado dentro de, y por referencia a una actitud mental típica de la ciencia yanqui, al entroncarse directamente con una concepción pragmatista de la Filosofía Moral. Tal concepción reduce la razón de ser de una conducta moral, o de una norma jurídica, a su ser-medio-para. Más adelante veremos — muy especialmente al desarrollar los últimos puntos de vista de Melville Herskovits y al analizar las tesis relativistas de la etnolingüística whorfiana — cuáles son las últimas consecuencias de esta actitud, fundamentalmente ética en sus orígenes, cuando es llevada al plano de lo epistémico y de lo metafísico.

Con referencia a dicha actitud utilitarista, cabe agregar lo apuntado por Bidney respecto al positivismo implícito en el relativismo cultural. Este autor, cuya teoría antropológica constituye la reacción más seria, dentro de los ambientes científicos estadounidenses, contra todo tipo de simplismo reduccionista en el estudio de la cultura, afirma: "Apesar de que los antropólogos norteamericanos se mostraron críticos respecto a la teoría del progreso de la cultura, continuaron pensando en términos de una filosofía de la ciencia de índole positivista e inductiva, y miraron con poca simpatía toda sistematización filosófica de la historia cultural, así como todo tipo de concepto y de norma de naturaleza metafísica. En la práctica, llevaron a cabo investigaciones de campo y aplicaron su conocimiento acerca de la cultura, fundándose en el romántico presupuesto de una irreductible pluralidad de tipos culturales, cada uno de los cuales poseía un valor intrínseco propio. De allí que, en principio, no realizaron intento alguno tendiente a la valoración comparativa de las culturas" [33].

En este estado de cosas, puede afirmarse que el relativismo cultural extrae, del hecho innegable de la pluralidad existencial de las culturas, conclusiones éticas, gnoseológicas, y hasta metafísicas, que no pueden justificarse ni pretender que se hallen fundadas en los datos etnográficos. Más adelante, al analizar el pensamiento de Herskovits, veremos como tal postura se evidencia en la actitud que este autor adopta frente a los valores y a los universales culturales.

Esquematizando podemos caracterizar al relativismo cultural como:

a) una reacción contra el etnocentrismo

b) llevada a cabo en términos de una filosofía utilitarista, y que, en modo alguno, se halla implicada en

c) el pluralismo cultural. Este último no tiene, en sí, nada que conduzca necesariamente ni a la negación de la universalidad de los valores, ni a la del fundamentar dicha universalidad en la peculiaridad de lo humano. Por lo tanto,

d) el concluir lo uno de lo otro, constituye lo que es dable llamar la "falacia relativista". Así puede, en síntesis, afirmarse que

e) el relativismo cultural nace de la carencia de una concepción totalista y unitaria del hombre como eje de la cultura; del ignorar la importancia de la naturaleza humana en los dominios de la cultura, es decir, la importancia que posee el tener en cuenta lo que el hombre es "en sí", en cuanto realidad diferenciada. Realidad en la que, a su vez, es posible distinguir múltiples planos jerárquicos que la configuran: el de lo físico, el de lo biológico, el de lo síquico (que culmina en la realidad última del espíritu), y el de lo social (que implica la existencia de la cultura). Planos, todos ellos, diferenciables, pero no separables porque no se dan sino como diversos aspectos de una misma realidad; de modo que, entre uno y otro, existan necesariamente planos intermedios interrelacionados. Así, la satisfacción de una necesidad biológica: la de alimentarse, se da diferentemente según las culturas. Lo mismo puede afirmarse de los procesos de endoculturación, conducentes a la adecuación de los sujetos individuales a la cultura de su grupo; pero que, en última instancia, concurren al pleno cultivo y desarrolo de las posibilidades de cada hombre en particular.

## El relativismo sistemático de Melville Herskovits

La posición relativista en el terreno de lo cultural, adquiere formulación sistemática explícita con Melville Herskovits, cuya obra la ilustra en su forma más acabada.

Si bien es cierto que "El hombre y sus obras" es posterior a los trabajos de Benjamin Lee Whorf y, por lo tanto, no pudo influir en estos el paralelismo entre las tesis culturales de Herskovits y las metalingüísticas de Whorf, es tan evidente que nos sirve para situar la obra whorfiana dentro de una teoría general de la cultura de cuño relativista [34]. Esto no es de extrañar si tenemos en cuenta que ambas posturas, genéticamente inconexas, surgen de los mismos presupuestos epistemológicos empírico--pragmatistas.

En "El hombres y sus obras", Herskovits presta especial atención al problema de la valoración de las culturas, que desarrolla en su capítulo sobre "El relativismo cultural".

Para nuestro tema, que centra su atención en el problema epistemológico y no en el normativo, es también importante considerar lo que podría llamarse el "status" ontológico de los universales culturales y que nuestro autor trata en capítulo aparte [35].

Herskovits comienza por criticar lo que él denomina la actitud etnocéntrica; según la cual todo hombre tiende a valorar las culturas diversas de la propia tomando, como punto de referencia, la escala de valores que él ha recibido en el proceso de su endoculturación. Ahora bien, puesto que las culturas son múltiples, diversas, y aún contradictorias, resultaría una "falacia etnocentrista" [37] el sólo hecho de pretender valorar los hechos culturales. En ningún párrafo muestra nuestro autor con más claridad su postura, que al referirse a los tipos de matrimonio. "Así, pues, — escribe — la poligamia, cuando se mira desde el punto de vista de los que la practican, muestra valores que no son visibles desde afuera. La misma defensa puede hacerse de la monogamia, cuando es atacada por los que están endoculturados en un diferente género de estructura familiar [38]. Y lo que es verdad para una fase particular de la cultura, tal como ésta, lo es tambiéen para otras. Las valoraciones son **relativas** al fondo cultural del cual surgen" [39].

Herskovits, que rechaza toda fundamentación absoluta (yo diría, más bien, ontológica) de los **universales culturales,** sin embargo, fundamenta su anterior postura en una explícita referencia a la común naturaleza humana en su aspecto sicosocial. El que los juicios de valor hayan de ser relativos, se basa precisamente en un universal bio-sico-social, concebido en términos de criterio absoluto: el ser el hombre una realidad culturalmente diferenciable en la cual lo síquico no se da, en sus esferas superiores, separadamente de lo social. Así, funda su principio del relativismo cultural en las experiencias llevadas a cabo por Sherif [40] en el terreno de la Sicología social. "La base sicológica de las normas sociales establecidas — concluye Sherif — tales como estereotipias, modas, convenciones, costumbres y valores, es la formación de marcos de referencia comunes como resultado del contacto de individuos. Una vez que se han establecido tales marcos de referencia y han sido incorporados al individuo entran como factores importantes a determinar o modificar sus reacciones a las que hará frente posteriormente — sociales, e incluso a veces no sociales —, en especial si el campo del estímulo no está bien estructurado", "esto es, si la experiencia es tal que carece de antecedentes en la conducta acostumbrada" [41].

Esta imposibilidad de valorar los hechos culturales, se da, pues, en todos los planos en que el hombre se proyecta en su ser-en-la-cultura.

Así como hemos visto ya que, para Herskovits, era imposible juzgar acerca de la moralidad de la poligamia, también lo es establecer escalas comparativas entre los sistemas musicales que posibilite juicios estéticos; juzgar acerca de la normalidad o anormalidad de una conducta dada [42], y, lo que es más importante para nuestro tema, juzgar, en el plano de lo epistémico, la validez de las múltiples cosmovisiones, especialmente en cuanto ellas se revelan en las estructuras lingüísticas. Nuestro autor plantea, púes

el problema en términos de una pluralidad de captaciones sistemáticas de la realidad exterior, cada cual de cuyas captaciones no es ni más ni menos valedera que las demás. Esto impide, por de pronto, establecer una diferencia en el "valor de la verdad" que encierran las cosmovisiones de los pueblos no-occidentales, y las construcciones teóricas de nuestros hombres de ciencia; los cuales, por razones fortuitas o no, pertenecen todas a la cultura occidental, o se occidentalizan en cuanto hombres de ciencia. El metafísico hopi de que nos habla Benjamin Lee Whorf [44], no es sino el resultado de una reconstrucción imaginativa, por otra parte, llevada a cabo por un hombre de ciencia occidental; pero que no se dió nunca en la historia cultural de los hopi.

Sostengo, por el contrario, y en ello baso parcialmente mi **transcendentalismo crítico** al que me referiré más adelante, que la historia de las ciencias desde sus orígenes hasta nuestros días nos muestra que, en el plano de lo contingente, el conocer empírico progresa hacia una mayor captación de la realidad exterior a que el hombre ha llegado merced a las sucesivas aproximaciones simbólicas, producto de su pensar teorético.

Este aspecto gnoseológico de su teoría de la cultura, es precisamente uno de los que Herskovits acentúa en su reciente artículo "Algo más sobre el relativismo cultural" [45], al insistir en el carácter integral de su postura. "El relativismo seguirá siendo tema de estéril debate, a menos que sólo nos conformemos con la aceptación de su aplicabilidad a nada menos que la totalidad de los aspectos del pensamiento y de la conducta humanos" [46]. La "tendencia a restringir el relativismo a la moral, la ética, y los valores, ha tenido la desafortunada consecuencia de situar nuestros problemas fuera de foco, puesto que prescinde del factor endoculturativo en el aprendizaje de la cultura en general". El "relativismo se aplica a los juicios de tiempo, espacio y volumen, al igual que a la conducta. Pero no es este el sitio para considerar el problema de la naturaleza de la verdad, por más tentador que resulte el explorar los múltiples senderos por los que nos conduciría un análisis de esta cuestión llevado a cabo en términos relativistas. Volvamos, pues, al punto de que nos ocupábamos: la importancia de las dimensiones no-éticas del relativismo. Hemos aquí en un terreno donde las diferencias perceptuales y cognoscitivas pueden ser establecidas en términos de un estandar mensurable, hasta un grado mucho mayor que el posible cuando solamente los juicios éticos son tomados en consideración" [47]. Como se verá más adelante, esto y no otra cosa es el "principio lingüístico de la relatividad" que inspira las concepciones metalingüísticas whorfianas.

Hay un hecho que es verdad innegable: el de la incidencia de factores culturales en el conocimiento [48]. Lo falso es el extraer conclusiones apresuradas de la evidente relación cultura/conocimiento; conclusiones que sólo pueden ser de tipo relativista, si se niega apriorísticamente la existencia de toda realidad exterior de índole meta-epistémica, es decir, si se re-

chaza la realidad de lo que yo suelo denominar "Lo Extramental" en cuanto "en sí" diferenciado del sujeto cognoscente.

Esta posición del relativismo cultural en su aspecto gnoseológico, no deja de tener mucho de prudente al tender a evitar que una parte de la humanidad pudiera llegar a ser considerada como perteneciente a una **especie** sicológica diversa. En este sentido, son acertadas las críticas que Herskovits formula a Lucien Lévy-Bruhl, aunque es preciso aclarar que tales críticas deben en gran parte desaparecer, si se considera la totalidad de la obra del filósofo francés, y, muy especialmente, sus "Carnets". Al respecto, afirma Herskovits que no "se puede sostener actualmente que "los" pueblos 'primitivos' no pueden distinguir entre la realidad y lo sobrenatural, como sugería la teoría de su 'mentalidad prelógica' expuesta por el filósofo francés L. Lévy-Bruhl. Porque los hechos referentes a muchas culturas demuestran que no hay pueblo alguno que, **a veces,** deje de pensar en términos de causación objetivamente probable, y ninguno que **a veces** no formule explicaciones que relacionan un hecho con una causa **aparente.** Lo que el estudio comparado de la cultura enseña, basándose en el contacto de primera mano con muchos pueblos, es que todos los pueblos piensan partiendo de ciertas premisas que se dan por aceptadas. Cualquiera que sea la cadena de razonamientos que emplea, la lógica la dictan aquellas suposiciones. Concedidas las premisas, la lógica es impecable" [49].

En efecto, el planteo valorativo de los modos típicos del conocer que refuta Herskovits, es evidentemente falso. Pero ello no implica, de ninguna manera que no pueda establecerse una **tipología de sistemas epistémicos, encuanto condicionados según cultura** y, en base a dicha tipología, valorar comparativamente los esquemas cognoscitivos de otros pueblos y los de nuestras propias culturas occidentales.

A este último tipo de juicio valorativo, corresponde la distinción que hace Bidney entre el **pensar científico** y el **pre-científico,** en la crítica que, a su vez, efectúa de las teorías de Lévy-Bruhl. Su "elección del término 'prelógico' — escribe Bidney — no ha sido nada feliz y ha originado muchos malentendidos y críticas respecto a su postura. Al identificar la mentalidad lógica con la científica, llevó a sus críticos a la creencia de que lo afirmado era la ilogicidad del pensamiento de los primitivos; ello a pesar de su constante reiterar de que esto no era, de ningún modo, lo significado" [50], ni por la terminología que empleara, ni por su teoría considerada en conjunto.

"Lo que Lévy-Bruhl significaba realmente mediante el uso del desafortunado término 'prelógico', puede ser extraído del contexto de sus trabajos, y era que el pensamiento primitivo era precientífico al no distinguir claramente el plano teórico-práctico, de lo empírico y verificado; del mito y de la magia. Aceptó que las culturas primitivas incluían muchos datos basados en la observación empírica, pero, al mismo tiempo,

acentuó el hecho de que los primitivos fallaban al pretender diferenciar clara y distintamente, lo empírico de lo no-empírico; las nociones verificables de las no-verificables, y que, por ello, eran indiferentes a las categorías científicas y lógicas que caracterizan nuestra manera de pensar racional y científico. En este aspecto, la mentalidad primitiva puede ser comparada con el folclor de los pueblos civilizados, del que puede decirse que es precientífico, en cuanto se halla constituído por una mezcla de observaciones empíricas e imaginación acrítica. La distinción entre la mentalidad precientífica y la científica, no es de índole sicológica, sino, más bien, cultural, y no incide en la inherente aptitud de un grupo humano al pensamiento lógico.

"Más aún, debido a su formación positivista y antimetafísica, Lévy-Bruhl no apreció debidamente el hecho de que la disparidad entre la mentalidad primitiva y la civilizada, depende más de factores ontológicos, que de procedimientos puramente lógicos. En otras palabras, lo que, a primera vista, aparece como diferencias lógicas o sicológicas, es, en efecto, diversidad de perspectiva metafísica u ontológica. La mentalidad primitiva manifiesta una aceptación acrítica de una 'metafísica natural', que presupone la unidad de toda vida y de una interrelación inherente a las cosas. Por el contrario, la mentalidad científica tiende a dar por sentada la existencia de un ordenamiento uniforme de la naturaleza, cuyo ordenamiento excluye toda influencia síquica o mística sobre los hechos físicos. El propio Lévy-Bruhl mostró una perspectiva etnocéntrica al dar por sentado que solamente era científica la posición positivista y antimetafísica de su época, y que los postulados metafísicos eran, al mismo tiempo, prelógicos y precientíficos. De no ser por este presupuesto, habría aceptado que la mentalidad primitiva era lógica, sin ser científica" [51].

Un último punto que es preciso destacar del conjunto de teorías que configuran el relativismo sistemático de Melville Herskovits, es la distinción que este autor establece entre universales y absolutos, en la consideración de los hechos de cultura:

"Los absolutos están fijos, y por lo que a las convenciones se refiere, no se admite que tengan variación, ni que difieran de cultura a cultura, ni de época a época. Por otra parte, los **universales** son los mínimos denominadores comunes que se pueden sacar inductivamente, de la comprehensión del ámbito de variación que manifiestan todos los fenómenos del mundo natural o cultural" [52].

A esta posición se debe, el que, en el capítulo correspondiente, Herskovits trate a los universales culturales fijándose puramente en su aspecto práctico para el estudioso de la cultura, y, aunque por momentos pareciera superar dicha posición (al apuntar, por ejemplo, la posibilidad de una investigación extracultural del origen de los universales), en última instancia, desecha tal idea que, repugnaría a su postura filosófica a la vez pragmatista y positivista.

La distinción entre universales y absolutos (que, según es llevada a cabo por su autor, no revela en éste una excesiva formación filosófica) implica una posición nominalista en lo referente al "status" ontológico de los universales culturales: los reduce a meros recursos clasificatorios, sin preocuparse acerca de si reflejan, o no, algo de lo que el hombre es "en sí", esto es, en cuanto realidad diferenciada. Esta posición frente a universales y valores culturales, es la esencia misma del relativismo.

Frente a ella, puede afirmarse, por el contrario, que, si bien los universales culturales no son algo "en sí", como tampoco lo son los valores, ambos tienen su razón de ser en una realidad que sí lo es: el hombre. Por ello no carecen, de ningún modo, de una fundamentación absoluta, **de índole metacultural,** que nos permita formular juicios de valor y, al mismo tiempo, nos de un criterio seguro para ello.

La consecuencia de esta posición nominalista es el negar que exista una escala absoluta de valores, sino una pluralidad de ellas. (Para evitar el etnocentrismo absolutista e ingenuo del primitivo, Herskovits sustituye el pluralismo cultural de sus predecesores, por una especie de etnocentrismo seriado) [54].

Por mi parte, creo que, para una escala de este tipo pudiera ser calificada de única y absoluta, debería fundarse en lo que todos los hombres poseen de común, es decir, en lo que constituye la peculiaridad de lo humano en cuanto realidad diferenciada (lo que yo llamaría la **eneauticidad** de "Lo humano") [55]. Al negar lo primero, se niega también lo segundo. Por el contrario, tenemos que "puede afirmarse de los valores morales y estéticos, que son reales en el sentido de que se fundan en la naturaleza, tanto humana como cósmica" [56].

La solución del problema del "status" ontológico de los valores es, así como la del de los universales culturales, de índole esencialmente metacultural. No puede ser de otra manera, pues la cultura dista mucho de ser una realidad "en sí" y, mucho menos, autoexplicativa. Al negar la existencia de una fundamentación absoluta, extracultural de los hechos de cultura, Herskovits cae en la falacia que caracterizara al positivismo durkheimeano: la de erigir nuevos absolutos, por el mero prurito de reemplazar a los viejos, aunque valederos. En este caso, los absolutos son cada una de las múltiples culturas.

## NOTAS

1) Germán Fernández Guizzetti, "La Etnolingüística: del mundo del idioma al mundo de la cultura", en Revista de Antropologia, Vol. 5.º, n.º 1, São Paulo, 1957. Citado, de aquí en adelante, como GFG 1957.

2) GFG 1957, pág. 79. El subrayado obedece a la necesidad de destacar un aspecto que no había incluído específicamente en la definición citada.

3) En su obra "La Langue et la Société", Oslo, 1938 (de aquí en adelante: AS 1938) Alf Sommerfeldt trata de establecer una correlación entre el material fónico, empleado por un grupo idiomático, y el relativo grado

de simplicidad de su correspondiente cultura. Sin embargo, acaba por concluir que "es probable que la naturaleza misma de los hechos fonológicos excluya una correlación más precisa entre los sistemas fonológicos y los grados de cultura. Los fonemas, por ser de naturaleza síquica y por participar del sentido de las palabras, no se hallan, en sí mismos, cargados de significación" (pág. 53).

4) GFG 1957, de pág. 75 a pág. 77.

5) En el terreno de lo diacrónico, interesa destacar dos importantes contribuciones al estudio interdisciplinario del idioma y de la cultura. Son ellas: los estudios de Prehistoria Lingüística, realizados por Antonio Tovar, y los de Glotocronología, realizados, dirigidos o inspirados por Mauricio Swadesh. Ambas abren nuevas vías para la reconstrucción de la Historia Cultural de los pueblos, mediante el análisis de material lingüístico.

6) En síntesis, es ésta la noción de cultura que, teniendo en cuenta la compleja multiplicidad de sus aspectos, expone David Bidney en su Antropología Teorética, al mismo tiempo que rechaza todo intento de definición simplista de lo cultural.

7) David Bidney, "Theoretical Anthropology", New York, 1953 (de aquí en adelante, DB 1953) a), pág. 33.

8) Ibid.. pág. 328.

9) Ibid., págs. 80-81.

10) Ibid., pág. 334.

11) Germán Fernández Guizzetti, "Fronteras epistemológicas entre la Lingüística y la Psicología: la Teoría del Lenguaje", separata del volumen 1° de las Actas del Primer Congreso Argentino de Psicología, Tucumán, 1954. Citado, de ahora en adelante, como GFG 1954.

12) Cfr. DB 1953-a, cáp. 11: "The concept of Personality in Modern Ethnology", págs. 327-334.

13) David Bidney, "The Concept of Value in Modern Anthropology", en "Anthropology Today", Chicago, 1953 (citado, de aquí en adelante, como DB 1953-b), págs. 684-689.

14) Ruth Benedict, "Patterns of Culture", New York, 1934 (de aquí en adelante, citado como RB 1934). La paginación empleada en las citas corresponde a la duodécima reimpresión de la obra, en la colección Mentor Books. Existe, también, una traducción española de León Dujovne, bajo el título de "El hombre y la cultura", Buenos Aires, 1944.

15) Melville Herskovits, "El hombre y sus obras", versión española de M. Hernández Barroso de la obra "Man and his Works", México, 1952. Citado, de aquí en adelante, como MH 1952.

16) DB 1953-a, págs. 394-399.

17) DB 1953-b, pág. 687.

18) Ibid.

19) RB 1934, pág. 41.

20) Ibid., pág. 21.

21) Ibid., pág. 33.

22) Ibid., pág. 34.

23) Ibid., pág. 22 y sgtes.

24) Ibid., cáps. IV, V y VI.

25) Ibid., pág. 29 y sgtes.

26) Ibid., pág. 42.

27) Ibid., págs. 41-42.

28) Esta expresión carece de equivalente exacto en español. Por otra parte, la "Institución" que designa no se ha difundido a la América Latina, ni a la Península Ibérica.

29) RB 1934, pág. 33.
30) Ibid., pág. 42.
31) F. S. C. Northrop, "Cultural Values", publicado en "Anthropology Today", C hicago, 1953, pág. 669.
32) RB 1934, pág. 42.
33) DB 1953-b, pág. 688.
34) Ibid., pág. 689.
35) MH 1952, cáps. V: "El relativismo cultural", y XV: "Los universales de la civilización".
36) Ibid.
37) Esta expresión no es empleada por Herskovits. Por mi parte, la creo muy útil para sintetizar sus posturas con referencia a la posibilidad de los juicios de valor en materia cultural.
38) Este ejemplo es particularmente infeliz y sólo puede justificarse si se prescinde todo estudio comparativo. Por ejemplo, las conclusiones de Westermarck (autoridad indiscutida en la materia) demuestran que solamente la monogamia puede ser considerada como forma universalmente ocurrente y acorde con la naturaleza bio-síquica del hombre. Al respecto, es interesante tener en cuenta la universalidad de los celos, los cuales crean situaciones de conflicto en todo tipo de sociedad, incluso en las poligámicas (cfr. mi estudio inédito "Westermarck's History of Marriage and its Contribution to Ethnology").
39) MH 1952, pág. 77.
40) Ibid., de pág. 79 a pág. 81.
41) Cfr. Sherif, citado por Herskovits en MH 1952, pág. 80.
42) Ibid., pág. 81. Importa destacar que, si bien, en los casos citados, los individuos deben ser valorados dentro de su cultura, ello no impide que la cultura en sí no pueda ser juzgada, entre otros aspectos, en cuanto a su mayor grado de integración; el cual puede ser reflejado por ejemplo, en los estados de crisis de sus miembros, cuando tales crisis adquieren el carácter de habituales.
43) Ibid., págs. 78 y 79.
44) Benjamin Lee Whorf, "An American Indian Model of the Universe", citado, de aquí en adelante, como BLW 1950, según la fecha de la primera publicación), en "Language, Thought and Reality" (véase la nómina completa de trabajos allí incluídos, más abajo en nota n.º 62), pág. 58 y sgtes.
45) Melville Herskovits, "Some Further Comments on Cultural Relativism", publicado en el n.º 2 del vol. LX del American Anthropologist, Menasha-Wisconsin, 1958. Citado, de aquí en adelante, como MH 1958.
46) MH 1958, pág. 269.
47) Ibid., pág. 267.

Resulta de particular interés para aclarar este punto, lo que el autor expone a renglón seguido sobre la influencia que, en las síntesis perceptivas, posee lo cultural, y que él atribuye específicamente a los procesos de endoculturación, es decir, a la actualización de las pautas culturales en cada miembro del grupo.

"Un ejemplo de cómo la experiencia endoculturadora configura la percepción, puede ser obtenido de Ghana, país del África Occidental. Un capataz electricista explicaba un problema con el que se enfrentaba constantemente. "Cuando es preciso excavar una zanja para una tubería, trazo una línea recta entre dos puntos y les digo a mis obreros que la sigan. Sin embargo, al final de cada trabajo invariablemente encuentro curvas". La respuesta era simple, si se la buscaba en términos de los esquemas per-

ceptivos de los obreros, esquemas influídos por la cultura. En efecto, aquellos eran hombres del Norte del país, donde predominan las formas circulares y donde la línea recta juega un papel de menor cuantía. Al no vivir en lo que puede ser llamado un mundo encuadrado (a carpentered world), les era tan difícil seguir una línea recta marcada por una cuerda, cuanto lo sería, para nosotros, trazar a mano un círculo perfecto; dado nuestro aprendizaje en base a una experiencia que acentúa la percepción y la locación en un espacio de formas rectangulares.

"Durante años, Hallowell ha acumulado mucho material ilustrativo de los esquemas de orientación de los indios Salteaux en su mundo espacial y temporal. Algunas de sus observaciones importan a nuestra discusión. "Mientras queda abierto el interrogante acerca de hasta dónde las dimensiones puramente sicofísicas de la percepción pueden ser influenciadas por factores constituídos por una experiencia de índole cultural" escribe, "la percepción esquemática, que implica los aspectos significativos de la experiencia, apenas puede ser comprendida sin su referencia a un mundo articulado de objetos; cuyas relaciones y atributos llegan a ser significativos para el individuo, no simplemente a través de las potencialidades sicológicas innatas que éste aporta a la experiencia, sino, por sobre todo, a través de la significación que, respecto a la experiencia, han llegado a implicar el desarrollo, esquematización, transmisión y acumulación de la experiencia pasada, en forma de patrimonio cultural". Ademés, "el individuo humano se halla siempre provisto de medios, constituídos por la cultura, los cuales se hallan entre las condiciones que la posibilitan participar, junto con sus semejantes, de un mundo cuyos atributos espaciales están, en parte, conceptualizados y expresados en términos comunes. Ontogenéticamente la autoorientación, la orientación objetiva y la orientación espaciotemporal son desarrolladas conjuntamente durante el proceso de socialización" (Hallowell 1955; 185, 184)".

48) Yo mismo he estudiado el problema y lo he resuelto por la afirmativa, en mi monografía: "Esbozo de un planteo del problema del Espíritu y del Inconciente Colectivo", texto de la conferencia solemne pronunciada en representación de la delegación argentina al Primer Congreso Brasilero e Jornada Latinoamericana de Psicología, Curitiba, diciembre de 1953. Citado, de aquí en adelante, como GFG 1953-a; la paginación es la correspondiente a la edición mimeográfica preliminar. Cfr. págs. 15-17.

49) MH 1952, pág. 87.

50) DB 1953-a, pág. 157.

51) Ibid., págs. 157 y 158.

52) MH 1952, pág. 91.

53) Ibid., págs. 259, 260 y 264.

54) DB 1953-a, pág. 423.

55) En una obra titulada "Apuntes para un transcendentalismo crítico", en la cual trabajo desde hace algunos años y que espero concluir alguna vez, intento un estudio interdisciplinario del problema del conocimiento y del consecuente de los criterios de verdad. Allí, caracterizo cierto tipo de realidades por serlo independientemente de su relación epistémica con el sujeto cognoscente; realidades que califico de "en sí". Lo característico de ellas, la propiedad que las diferencia de las demás, es lo que yo llamo "eneauticidad"; sustantivo creado a partir de una frase nominalizada: grieg. **tó en heautó**: i, esto es, "lo en sí".

56) DB 1953-a, pág. 419.

# ASPECTOS GERAIS DO MESSIANISMO

**Maria Isaura Pereira de Queiroz**
(Universidade de São Paulo)

Em trabalho recente [1] examina Vittorio Lanternari a ocorrência atual de diversos movimentos de revivalismo religioso ligados à libertação de povos nativos, avultando pela freqüência e importância os de tipo messiânico. Todos êstes cultos determinados pela reação contra o branco — formação de sociedades secretas, de cultos de fetiches, de seitas em que o transe místico é o fulcro das atividades — são englobados numa mesma categoria sob a denominação de "cultos proféticos de libertação". Acha o autor que, se existem diferenças de condições históricas e culturais entre tais movimentos, estão também ligados entre si por um nexo indissolúvel: decorrem das condições de crise em que se encontra hoje em dia a sociedade colonial.

Os frêmitos de revolta que sacodem várias partes da África e da Oceânia em sua raiz não são mais do que tentativas de renovação religiosa antecedendo forçosamente revoltas políticas e militares contra o branco invasor e dominante. Representando o produto espontâneo do choque entre a cultura hegemônica e as culturas aborígenes, são, no entanto, "estranhos a qualquer propaganda ou jôgo político das grandes potências modernas" [2]. Exprimem a necessidade de renovação da cultura nativa quando posta em contacto com a civilização branca ocidental; mas também se vinculam profundamente às tradições religiosas indígenas e, através delas, às diferentes experiências existenciais aborígenes, embora sofrendo transformações, revisões, redefinições determinadas pela própria sobrevivência dêsses aspectos culturais [3]. E', pois, evidente o dinamismo interior das culturas primitivas, contrariando a pretensa qualificação de estáticas que tantas vêzes lhes foi atribuída [4].

A utilização da religião para veículo de reivindicações resulta da função profana que possui tanto nas culturas nativas quanto nas populares: está voltada para a resolução de crises existenciais concretas determinadas pela dinâmica histórica e desempenha o seu papel por intermédio da instauração de formas adequadas de resgate mítico-ritual.

Na África, é sobretudo a partir de 1921 que o aparecimento de tais cultos se intensifica, desde as pregações de Simão Kimbangu. A história dêste líder é típica. Educado em missão batista britânica, teve contacto com a cultura européia. Repetidos sonhos e visões desvendam-lhe a vo-

cação e levam-no a se tornar pregador da nova fé ao seu povo; alcança muito depressa numeroso séqüito de prosélitos que crêem na sua missão, confirmada por curas milagrosas e por ressurreições. Anuncia iminente a libertação dos negros do domínio dos brancos, a renovação das condições de vida, o retôrno dos mortos, o advento da Idade de Ouro. Perseguido, fugitivo, entrega-se voluntàriamente para sofrer como sofrera Cristo, morrendo no cárcere em 1950. Sua ação, favorecendo por um lado uma atmosfera cada vez mais hostil aos brancos, por outro promove a fundação de uma "igreja nativa". Prisão e sofrimento elevam-no aos olhos do povo ao nível de fundador e mártir de uma religião diretamente revelada por Deus aos negros, sem ação intermediária de sacerdotes brancos.

O kimbanguismo é nìtidamente ambivalente; de um lado, é produto de reações polêmicas a uma política de forçada assimilação religiosa derivada da propaganda missionária e, de outro, representa o veículo de aceitação, por parte dos nativos, de elementos cristãos. Conhecedor da cultura branca, sente o nativo necessidade de profunda renovação cultural, mas o caminho deve ser procurado por êle próprio, fora da imposição dos brancos e contra ela. Teve o líder sucessores e copiadores em tôda a região do Congo: André Matsúa, Simão Mpadi, Mavonda Ntangu e outros mais.

Todavia, em Angola, Kenya, Nyassa, Uganda, outras formas de cultos de libertação apareciam. E na África do Sul, o fenômeno tomou o aspecto da formação de "igrejas separatistas", a partir do protestantismo, proclamando que "a África deve ser dos africanos". Do mesmo tipo são os cultos que apareceram entre os índios norte-americanos em fins do século XIX, Ghost Dance Religion e o culto do peiote. Na América do Sul, ocorreram desde o início da colonização, particularmente entre os índios guaraní. Na Polinésia, propiciaram no século passado a reação contra inglêses e franceses e a um primeiro tempo de luta seguiu-se a organização de uma "igreja" sincrética e nativista, buscando equilíbrio entre os valores tradicionais e o cristianismo. Na Melanésia ainda hoje os indígenas, guiados por messias, abandonam o trabalho e se entregam a grandes cerimônias enquanto esperam o desejado retôrno dos mortos que anuncia a expulsão dos brancos e a distribuição de tôda sorte de riquezas e benefícios. Em Java, tais cultos fomentaram a revolta aberta anti-holandesa, que culminou com a independência em 1949.

Por tôda parte apresentam os movimentos messiânicos os mesmos caracteres: difusão da crença na vinda de um messias libertador, que será anunciado por acontecimentos catastróficos; amálgama entre crenças nativas e crenças cristãs, entre elementos do ritual cristão e do ritual tradicional, constituindo o meio de alcançar a era em que os brancos serão escravos. A Bíblia, nesta conjuntura, adquire novo simbolismo: no primeiro plano estão todos os trechos que possam ser interpretados no sen-

tido da libertação, como o mito de Davi e Golias, encarado como símbolo da luta entre pretos e brancos e de conseqüente vitória dos primeiros. Mas também os elementos religiosos tradicionais são utilizados dentro de um novo quadro de referências: associam-se à função de expulsão dos brancos que não constava da tradição.

Dois motivos aparecem intimamente ligados: o fim e a regeneração do mundo — a expulsão ou o extermínio dos brancos, sendo o primeiro condição para o segundo. Estão na base de todos os cultos proféticos de libertação e exprimem o desejo de uma era de liberdade e bem-estar, em contraposição ao estudo atual de opressão e de miséria. Os acontecimentos catastróficos significam as reviravoltas da ordem atual, comandadas pelo messias, cujas ordens são fielmente cumpridas pelos adeptos e resultarão na vinda da Idade de Ouro. A esperança no renascimento cósmico atira o grupo para o fim do mundo; êle sai ritualmente da história — o que é concretizado pela cessação das atividades econômicas habituais — numa atmosfera de grande exaltação religiosa.

Acha Lanternari que tais movimentos são semelhantes aos observados na antiga cultura israelita. O mosaísmo resultou do choque entre uma civilização pastoril fundada no culto do Ser Supremo e a dos povos agrícolas e sedentários politeístas entre os quais tentava se implantar. Na época do exílio assírio, que ameaçava pela própria raiz a existência do povo hebraico, surge o messianismo bíblico. Procuravam ambos, como os movimentos nativistas atuais, a salvação na luta.

Nestas formações há a considerar duas fases: a da ação imediata e de combate visando à independência (como o kimbanguismo, a Ghost Dance Religion, os movimentos da Polinésia), e uma fase seguinte em que é elaborada religião salvadora de tipo contemplativo e organizatório-eclesiástica (como o culto "bwiti", as igrejas nativas africanas, o peiotismo norte-americano, o ringatu entre os maori).

Os movimentos messiânicos não são, porém, causados sòmente pelo desejo de libertação dos povos nativos. Aparecem também em sociedades primitivas anteriormente ao contacto com o europeu, e no mundo ocidental moderno. Ao contrário das manifestações que examinamos até agora, em que o fator predominante — o choque cultural — é externo, são aquelas endógenas. seus fatôres são de ordem interna. Nesta categoria classifica movimentos brasileiros como os de Canudos, Contestado e Juazeiro, assim como a busca da Terra sem Males, das tribos guaraní.

O exemplo típico, porém, é o próprio cristianismo, que nasceu num momento de tensão aguda entre o sacerdotalismo e as necessidades religiosas do povo judeu; a ação eclesiástica imposta pelas camadas superiores se chocava com exigências religiosas populares, radicadas de modo imediato e espontâneo nas formas de existência coletiva, e que não eram atendidas. Em seguida, em Roma, passa o cristianismo a exprimir a luta

entre o estatalismo e o individualismo. Surge sempre, então, como manifestação popular oposta a fôrças hegemônicas opressivas. Contra estas, só era possível uma reação: condenação global dos valores da existência social vigente, considerando-se como positivos apenas os da existência extraterrena; o advento de um reino transcendente anulará a estrutura social em causa.

Esta é a grande diferença entre os dois tipos de movimentos. Seja qual fôr o nível cultural em que se processem — nativo ou ocidentalizado —, o movimento endógeno efetua uma evasão radical da sociedade e do mundo; funda num plano de extra-historicidade sociedade e mundo próprios, eximindo-se de qualquer ação modificadora direta e combatente contra o exterior. Só é levado à luta quando a sociedade mais ampla, à qual se tornou exterior em virtude do isolamento em que se colocou, se disponha a atacá-lo. Então é que realiza o caráter peculiar dos movimentos de origem externa, cujo aspecto mais importante é o da luta contra as potências hegemônicas para aniquilá-las. Proclamam assim os movimentos endógenos a renúncia aos valores imediatos e imanentes, negam os valores terrenos e buscam refúgio no mundo sobrenatural; ao contrário dos movimentos de origem exterior, que os valores imediatos dominam com seu grande pêso.

No entanto, se é preciso distinguir entre movimentos de origem externa e movimentos de origem endógena, cumpre lembrar que no desenrolar do processo concreto consttiuem antes dois momentos intimamente concatenados entre si. Não há movimento profético de origem externa em que não exista crise de ordem interna; e recìprocamente, nenhuma formação profética de origem interna deixa de ter repercussões importantes nas relações exteriores do grupo. Qualquer choque exterior tanto gera a crise quanto coloca a sociedade, internamente, na alternativa de seguir uma via tradicional já superada pelos fatos ou uma nova via em elaboração no próprio seio da respectiva cultura. Nos movimentos de origem endógena, por sua vez, são recolocadas na pauta as relações do grupo com a sociedade circundante, de que se separa e à qual, portanto, se torna exterior.

Todos os cultos proféticos de libertação, tanto os de origem exterior quanto os de origem endógena, têm como autênticos precedentes históricos os movimentos proféticos e messiânicos de que foi protagonista a civilização religiosa ocidental. Os povos nativos percorrem hoje, devido ao choque súbito com a cultura branca, um itinerário religioso que a cultura ocidental em seu tempo percorreu, no ato de sua fundação e em seus primeiros estágios.

* * *

Resumidas assim as observações de Lanternari, é interessante cotejá-las com os dados que utilizou na marcha de seu raciocínio. Afirma partir de uma abordagem dialético-histórica, isto é, procura descobrir os pro-

cessos que, por sua ação e reação, històricamente levaram ao desenvolvimento dos cultos. E contrapõe esta abordagem a uma outra, estático-morfológica que encontraria os fatôres principais na própria estrutura interna dos respectivos grupos.

Esta posição leva-o a considerar que, nos cultos de libertação, depois de uma fase de ação imediata e de luta, segue-se muitas vêzes a elaboração de uma religião salvadora de tipo organizatório-eclesiástico e contemplativo. Na África, os movimentos ba-kongo seriam o primeiro momento, o culto "bwiti" e as "igrejas separatistas" o segundo. Na América do Norte, a Ghost Dance Religion seria o primeiro momento, o culto do peiote o segundo.

No entanto, a cronologia do aparecimento de tais cultos não é respeitada. Em 1902, Maurice Leenhardt chamava a atenção para as "igrejas separatistas", que existiam desde os fins do século XIX, advertindo que se desenvolviam no sentido de reivindicações sócio-políticas [5]. O culto "bwiti" se dissemina no Gabon a partir de 1900 [6]. Ora, o kimbanguismo se origina em 1921 — não há a relação de precedência apontada.

Culto "bwiti", kimbanguismo, "igrejas separatistas" passam-se outrossim entre povos geogràficamente separados e culturalmente diferentes. Os ba-kongo (kimbanguismo) habitam o Congo Belga, o Congo Francês, parte de Angola; os fang (culto "bwiti") pertencem ao Camerum, à Guiné Espanhola, ao Gabon; as "igrejas separatistas" existem na África do Sul. Ora, a África não é uma só, é imensa colcha de retalhos de culturas as mais diversas, não havendo nela a unidade sócio-cultural implícita nos raciocínios de Lanternari. Nessa diversidade está, segundo Balandier, a diferença das reações manifestadas pelas tribos diante da experiência comum de colonização.

E o que é mais, não só tais cultos não aparecem na sucessão indicada pelo autor, como todos êles coexistem até hoje na África, circunscritos aos diferentes povos em que se originaram e que apontamos atrás.

O culto do peiote, por sua vez, surge contemporâneamente ou mesmo um pouco antes do desenvolvimento da Ghost Dance Religion, cujos primórdios são de 1870 mais ou menos; de novo não há aqui precedência. Todavia, aquelas tribos a princípio empenhadas na Ghost Dance Religion, dissolvida esta, adotam o culto do peiote. Bernard Barber, porém, mostra a importância da esperança no primeiro culto: enquanto a Ghost Dance Religion procura reorganizar as condições sócio-culturais insatisfatórias, o culto do peiote reflete subordinação passiva a estas, aceitação resignada de circunstâncias consideradas inamovíveis; ao contrário da Ghost Dance Religion, nada tem de construtivo. Não sendo ameaçador para a cultura branca, persiste, enquanto a Ghost Dance Religion é combatida, reprimida, extinta.

O culto do peiote não pode, pois, nem mesmo ser caracterizado como culto nativo de libertação, uma vez que não se insurge contra o domínio dos brancos; sua adoção decorre da situação desesperadora das tribos diante de um mundo sócio-cultural literalmente em ruínas e que nenhuma ação — nem mesmo a ação sócio-religiosa da Ghost Dance Religion — conseguia mais salvar ou renovar [7].

Com relação às "igrejas separatistas", repara Bengt Sundkler que ao nascer são de tipo agressivamente antibranco; isto é, embora não visem nunca à luta armada [8], sua pregação é deveras ameaçadora. A agressividade tem por fim cimentar a coesão interna do grupo e, bem sucedida a nova seita, o movimento toma forma mais pacífica; continua plenamente antibranco, mas a agressividade se ameniza a fim de que seja possível continuar existindo dentro do mundo colonial [9].

Não há, pois, o processo apontado por Lanternari no desenvolvimento dos "cultos de libertação", entre um movimento messiânico antecedente e um culto contemplativo conseqüente. O próprio movimento messiânico pode apresentar fases agressivas e pacíficas. Outros existem em que não há senão um aspecto, como o kimbanguismo, que continua tendo hoje os mesmos caracteres que apresentou em seu início. Ou as fases podem estar invertidas: no movimento do Contestado (Brasil), a uma primeira fase inteiramente pacífica segue-se a "guerra santa", proveniente dos ataques do govêrno central contra os jagunços.

* * *

Um dos estudos utilizados por Lanternari para base de suas reflexões é o de Georges Balandier, sôbre as reações dos fang e dos ba-kongo à colonização. Colocados em situação comum, "a ação do colonizador, que abre uns e outros às influências exteriores" [10], apresentam movimentos diferentes — o movimento "bwiti" entre os primeiros, o kimbanguismo entre os segundos.

Do ponto de vista do processo, realmente parece não haver que distinguir entre ambos, e as "igrejas separatistas" estudadas por Bengt Sundkler também são semelhantes: tentativas para ultrapassar as conseqüências do choque entre cultura nativa e cultura branca. No entanto, a forma que assumem é suficientemente diferente para constituir a razão de ser de um trabalho como o de Georges Balandier, que parece uma continuação da análise de Bernard Barber; êste, no final de seu artigo colocava a questão: visto que o choque cultural se observa em largas áreas, por que o messianismo se circunscreve a determinados povos? Diante de um fator externo, que é o mesmo em ambos os casos, acha Balandier necessário averiguar "como intervém, em que sentido e em que grau, o fator **interno**, a estrutura e a organização destas sociedades no que possuem de mais específico" [11].

Nunca dispuseram os Fang de verdadeira hierarquia e sim de um conjunto de precedências submetidas ao contrôle de todos os membros adultos

do grupo; entre êles não existia nem mesmo um têrmo pelo qual se pudesse traduzir a palavra "chefe", só havia um único nível social. Uma liderança efêmera que chegasse a se estabelecer era submetida à mais estreita vigilância. Havia forte sistema de defesas contra a concentração do poder em mãos de um só, e esta sociedade militar conquistadora nunca apresentara nem mesmo os rudimentos mais simples de uma estrutura feudal. O culto "bwiti" congrega todos os que desejem penetrar na seita, submetidos a uma iniciação que permite ao neófito participar, de maneira igual à dos outros adeptos e no mesmo nível, de uma sabedoria extraordinária.

Mantinham os ba-kongo, ao contrário, relativa centralização concretizada na pessoa do "chefe coroado", que ocupava o supremo pôsto tribal, com direitos sôbre tôda a terra e autoridade sôbre todos os homens. Os messias que ali surgem, a partir de Simão Kimbangu, têm os mesmos direitos dos antigos chefes tribais; seguem, nas relações com os adeptos, o modêlo do antigo "chefe coroado" tradicional.

A forma que assumem os dois movimentos é, pois, essencialmente diferente. Resta verificar se há influência da estrutura interna do grupo sôbre êles, isto é, verificar a hipótese de Balandier, através do exame de outros casos.

O mesmo fenômeno foi observado por Bengt Sundkler nas "igrejas separatistas". A sociedade zulú tinha o rei como chefe supremo, "dono da terra e do povo"; realizava as cerimônias religiosas mais importantes, dispunha da maior riqueza, a qual devia ser utilizada para ajudar generosamente sua gente. O líder religioso das diferentes seitas separatistas é como o antigo rei zulú, e a seita constitui a sua tribo. Quanto mais foi a realeza tribal perdendo sua importância, mais o padrão real foi enèrgicamente projetado sôbre o líder religioso, conclui Sundkler [12].

Esta aliança entre estrutura social centralizada e movimento messiânico não é peculiar apenas aos movimentos decorrentes do choque cultural. Observa-se nos casos brasileiros, por exemplo, que segundo Lanternari são endógenos. Nas tribos guaraní, a posição social mais elevada é a do pajé, médico-feiticeiro, chefe político, autoridade suprema, detendo todos os meios de contrôle sôbre a vida profana e sobrenatural do grupo [13]. Ora, o movimento guaraní repete a estrutura habitual da tribo.

Na antiga estrutura rústica brasileira, por sua vez, um grande proprietário local podia tornar-se chefe de determinada zona, alta autoridade, orientador político, conselheiro dos subordinados. Trata-se novamente e uma organização social centralizada em tôrno de um chefe total — regioso até. Pois a escassez de padres no Brasil fêz com que não raro os oronéis" se arvorassem em organizadores das cerimônias religiosas; aina quando um padre se instalava em seus domínios, só se mantinha na meda em que lhe acatava o mando. Com relação ao grupo que reúnem à

sua volta, a solidariedade é principalmente patrimonial; os agregados se prendem ao chefe pelos benefícios recebidos.

Ora, nos movimentos messiânicos, além de o líder reunir tôda a autoridade em suas mãos, não era apenas a crença em seu poder divino que atraía e fixava os romeiros em tôrno dêle, mas também os benefícios que dêle receberam. A ligação era perfeitamente patrimonial: o jagunço se referia sempre ao benefício que recebera do líder para justificar sua adesão, além da crença na essência religiosa daquele [14].

O exame de casos diferentes confirma, pois, a hipótese de Georges Balandier sôbre a importância do meio social interno e caracteriza também o tipo de influência que êste exerce, tanto sôbre os movimentos de origem exterior quanto sôbre os endógenos. O sofrimento coletivo, tomado isoladamente, pode determinar reações as mais variadas; associado à estrutura centralizada em tôrno de um chefe, orienta-a em determinada direção. A estrutura social interna não pode, pois, ser afastada por quem estuda o messianismo; associa-se a outros fatôres concorrentes, mas designa o modêlo que a reação tomará ao se desenvolver. Eis o que verificamos em trabalho anterior, não a partir de uma posição teórica tomada de antemão, e sim depois do exame de casos brasileiros e de casos estrangeiros [15].

No entanto, a verificação da importância da estrutura não significa que a análise do processo seja posta de lado; quer apenas dizer que, para que exista um processo, é imprescindível que existam estruturas e que estas estruturas influenciam o processo — o qual, por sua vez, modificará as estruturas. As abordagens pela estrutura e pelo processo não se excluem, completam-se.

As duas ordens de movimentos — os de origem endógena e os de origem exterior — seriam no entanto, segundo Lanternari, essencialmente diferentes. O movimento messiânico de origem exterior tenderia a colocar o caminho da salvação "na ação imediata, na luta, na polêmica direta e decidida contra as instituições estrangeiras...". O de origem endógena ligaria a salvação "à ação religiosa e moral" muito mais "do que à ação política externa", polarizando-se "em tôrno do **escaton** ou fim do mundo (...) enquanto se proclama a renúncia aos valores imediatos e imanentes de utilidade terrena", justamente aquêles que dominam "com seu grande pêso os movimentos nativistas de nível etnológico" [16]. Vimos que os movimentos brasileiros são classificados entre os endógenos.

No entanto, êstes visam antes de mais nada à transformação da ordem política local [17]. Os messias rústicos não reivindicam uma reforma total da estrutura social vigente (não pedem que a camada dos caboclos tome o lugar da dos "coronéis"; a cultura nativa, ao contrário, pretende o lugar ocupado pela cultura hegemônica). O que desejam é a substituição de determinados chefes locais por outros, a renovação da estrutura política em suma, de que é símbolo o desejo de reinstalação da monarquia.

Um dos jagunços do Contestado assegurava que lutava pela volta da monarquia, mas só largaria as armas quando o Coronel Chiquinho de Albuquerque fôsse substituído, no poder municipal, pelo coronel Henriquinho de Almeida... [18]. Na sedição de Juazeiro, depois de vencido Franco Rabelo, presidente do Ceará, marchariam para Pernambuco, a fim de derrubar Dantas Barreto, e então "nóis grita a Monarquia", afirmava um combatente [19].

O alvo a atingir é, pois, político — vem se inscrever entre os "valores imediatos e imanentes de utilidade terrena", que Lanternari achara característicos dos movimentos de origem exterior — tenta-se substituir um chefe, que se hostiliza, por outro, que é simpático. Os movimentos estão, assim, orientados para a vida profana.

Realmente, todos os movimentos messiânicos que conhecemos, seja de nível etnológico, seja passados na civilização ocidental, têm por meta algo de objetivo e prático, decorrente das dificuldades e tensões da vida social e visando a ultrapassá-las; a modificação é alcançada pelo recurso à construção de um novo mundo terreno. Os meios de que se lança mão, de tipo sobrenatural, não só garantem a renovação pretendida, mas tornam transcendente o novo mundo criado. As catástrofes anunciadas são o prenúncio da transformação do mundo profano em mundo sobrenatural; o indivíduo se salva das calamidades ingressando no movimento, o qual o integra num novo mundo ao mesmo tempo religioso e profano, terreno e paradisíaco.

A maioria dos autores que se têm ocupado com o messianismo chama a atenção para esta ambigüidade, para o aspecto ao mesmo tempo histórico e extra-histórico com que aparece aos fiéis. Bernard Barber nota que o messianismo dos índios norte-americanos se refere sempre a uma restauração de valores terrestres, que serão, porém, gozados em ambiente transcendental; nos novos tempos não haverá nem morte nem doenças, só felicidade eterna. O mesmo se pode afirmar dos movimentos indígenas brasileiros.

Nas "igrejas separatistas" da África do Sul, o local onde se instala a nova seita é a realização, nesta terra, do paraíso terrestre. Os líderes religiosos zulú não distinguem sagrado e profano — para êles, o céu é a localidade onde se instala a seita. Nos livros sagrados de Shembe, messias dos mais célebres, Ekuphakameni, sede de sua igreja, é cantada de maneira exultante, sua beleza deslumbrante fortalece a convicção de que realmente é ali o Éden [20].

E' geralmente difícil a europeus de formação racionalista conceber um mundo terreno que seja ao mesmo tempo sobrenatural, mas esta maneira de pensar está inteiramente conforme à mentalidade dos povos primitivos e à das camadas populares de certos países de civilização ocidental. O próprio Lanternari admitira a princípio a ambigüidade quando assim se exprimira a respeito dos movimentos de origem exterior: "de fato, a inteira

coletividade (...) entra por assim dizer no fim do mundo, sai ritualmente da história (da ordem), numa atmosfera de exaltação religiosa que, através da cessação de tôda atividade econômica comum e através da espera do renascimento cósmico, realiza a seu modo o mito" [21]. Reconhece, pois, que os movimentos de origem exterior também realizam uma "fuga da história", mas não trepida, páginas adiante, em afirmar que para êsses movimentos o aspecto mais importante é o desejo de renovar o mundo profano, enquanto a fuga caracteriza de modo peculiar os movimentos endógenos.

Sob o aspecto da "fuga da história", no entanto, uns e outros são semelhantes, não há que distingui-los, e parecem enquadrar-se na qualidade de "autísticos" que Bernard Baber atribui à Ghost Dance Religion. Não endossamos essa qualificação, pois os indivíduos que se entregam a movimentos messiânicos não buscam no sonho refúgio contra situações sociais adversas. Já o notara Hans Kohn: por tôda a parte, o movimento messiânico é uma fôrça viva e ativa; seus integrantes não se contentam em "esperar", agem para gozar o paraíso aqui mesmo na terra e em plena vida, pondo em prática os meios que o líder indica como capazes de consegui-lo [22].

* * *

Muito mais do que simples reação agressiva contra os brancos, são os movimentos messiânicos tentativas de reorganização social.

James Mooney, contemporâneo da Ghost Dance Religion e que a estudou minuciosamente, observa: "Só aquêles que conhecem o ódio mortal que uma vez animara uns contra os outros os Ute, os Cheyenne, os Pawnee, são capazes de apreciar o contraste com o espírito atual de fraternidade mútua, podem compreender o resultado a que chegou a Ghost Dance Religion..." [23]. Superando dissensões tribais, reestruturava o mundo indígena.

Balandier conclui o mesmo em seus estudos sôbre o messianismo bakongo; êste permite "um reagrupamento que ultrapassa os particularismos e as imbricações que implicam as divisões clânicas e a interdisposição dos grupos clânicos; tenta esta reconstrução de agrupamentos ampliados, na base da adesão voluntária à nova fé..." Dêsse modo, servem para "reintroduzir elementos de organização no seio de sociedades profundamente alteradas" [24].

O fator externo (choque cultural) passa então para o segundo plano, enquanto o fator interno (reorganização sócio-cultural) constitui realmente a mola mestra dos referidos movimentos. Tanto assim que só há reação quando há desorganização interna do grupo — e, mais ainda, certo grau de desorganização. Se a tribo conserva intacta sua estrutura, não há movimento; noutros casos, êle não aparece porque a desorganização foi de tal ordem que destruiu a esperança nativa — como mostra Bernard Barber.

No entanto, mais profundamente ainda do que a estrutura tribal, a própria estrutura da personalidade indígena, que se mostra atingida, pode readquirir equilíbrio através do movimento.

A propósito do movimento "jonfrum" nas Novas Hebridas (Melanésia), nota Patrick O' Reilly que não são nem os que conservaram mais ou menos intactos os valores tribais, nem os nativos convertidos ferventemente ao protestantismo os atingidos, e sim os "haf haf", isto é, os que tinham experimentado o regime das missões sem abandonar completamente seu comportamento pagão [25].

Kroeber refere que a Ghost Dance Religion não se desenvolveu em nenhuma das tribos da área missionária dos Estados Unidos, isto é, não alcançou nenhuma das tribos cuja desorganização sócio-cultural tivera lugar, mas em que a reorganização se processara também em têrmos do cristianismo [26]. Bernard Barber conta como rejeitaram os Navaho a pregação do novo culto, ridicularizando os emissários — mas os valores da vida antiga funcionavam ainda entre êles, não sentiam nenhuma necessidade social de um redentor.

A reorganização se exprime no sincretismo religioso que Lanternari apontou existir nos cultos africanos e que é notada tôdas as vêzes que o movimento resulta do choque cultural. E' visível, por exemplo, no culto de Smohalla, o primeiro grande profeta da Ghost Dance Religion: no ritual que institui unem-se elementos católicos de mistura com outros tomados a paradas militares, juntamente com aspectos revividos da antiga religião tribal [27].

Êste processo de reorganização é o mais importante no que tange os movimentos messiânicos. Êle indica novamente que os fatôres de ordem interna são os que mais pesam na determinação dêles, mesmo quando resultam do choque cultural. Com relação a êste aspecto, não há também que distinguir, portanto, entre movimentos de origem exterior e de origem endógena.

* * *

Resumindo, podemos concluir:

1. Os cultos proféticos de libertação não constituem mero combate aos brancos e tentativa de se libertar de sua hegemonia; seu caráter mais profundo está na reorganização do mundo nativo que procura efetuar, reorganização que vai dos aspectos sócio-culturais aos de reajustamento da personalidade.

2. Os movimentos messiânicos, que podem se incluir entre os cultos proféticos de libertação, constituem todavia uma categoria mais ampla do que êstes, uma vez que podem ser produzidos exclusivamente por condições internas da cultura em causa, sem nenhuma interferência do choque cultural. Ligam-se aos cultos proféticos de libertação porque procuram a

reorganização do mundo nativo; mas separam-se dêles porque são arma utilizada por outras culturas, além das atingidas pelo choque cultural, inclusive a ocidental, para renovação ou reajustamento de determinados aspectos seus internos [27].

3. Além desta maior amplitude dos movimentos messiânicos com relação aos "cultos de libertação" em geral, são também de forma diferente dêstes e agem diferentemente em relação à cultura hegemônica. A forma do movimento messiânico está hoje perfeitamente descrita em numerosos estudos, é reconhecível e inconfundível, e o próprio Lanternari a caracteriza; não a utiliza, porém, em relação aos outros "cultos de libertação", igualando-os indevidamente. A forma, como vimos, apresenta parentesco com a estrutura interna do grupo em que o movimento tem lugar; isto é, há razão para supor que os movimentos messiânicos se ligam a determinados tipos de estrutura social.

4. Dentro dos movimentos messiânicos, não há razão para distinguir movimentos endógenos e movimentos de origem exterior. A importância dos fatôres endógenos é a mesma em ambos, e ambos constituem tentativas para superar a contradição interna criada pelo choque cultural ou por tensões próprias à cultura. A distinção prêsa aos objetivos desejados pelos dois tipos de movimento também vimos não se sustentar: ambos promovem a ida para um Paraíso Terrestre que simbòlicamente designa o desejo de uma nova organização sócio-cultural ou de uma renovação sócio-política. Quanto às fases que atravessam, não apresentam nenhuma unidade para permitir que delas provenha também qualquer diferenciação.

De que se conclui, por fim, que não há razão para se opor uma abordagem dialético-histórica a uma abordagem estático-morfológica: mostramos a importância da estrutura social para o processo messiânico, mas não pudemos deixar de encarar como se desenvolve e de que maneira vai agir sôbre a mesma estrutura — isto é, o aspecto reorganizatório que assume. Não é, pois, adotando uma posição teórica **a priori** que se chega a uma visão clara do objeto de estudo. Os aspectos que êste apresenta é que nos podem inclinar a preferir uma ou outra abordagem, conforme o que se deseja esclarecer — abordagens que não se opõem, mas se completam, quando respeitados os dados que estudam.

## NOTAS

1) Vittorio Lanternari, Fermenti religiosi e profezie di libertà fra i popoli coloniali, **Nuovi Argomenti**, n.º 37, março-abril de 1959, Turim.

2) **Id., l. c.**, pág. 54.

3) Em excelente artigo, Jacqueline Eberhardt analisa êste aspecto do problema em algumas "igrejas separatistas" da África do Sul: Messianisme

en Afrique du Sud, **Archives de Sociologie des Religions,** n.º 4, julho-dezembro de 1957, Paris.

4) Robert Lowie também já estudara êste aspecto: Le messianisme primitif: contribution à un problème d'Ethnologie, **Diogène,** n.º 19, 1957, Paris.

5) Maurice Leenhardt, **Le Mouvement Éthiopien au Sud de l'Afrique** (1896-1899), Cahors, 1902.

6) Georges Balandier, **Sociologie Actuelle de l'Afrique Noire,** Presses Universitaires de France, Paris, 1955.

7) Bernard Barber, Acculturation and messianic movements, **American Sociological Review,** vol. VI, n.º 5, 1941.

8) Os movimentos messiânicos de que temos conhecimento se apresentam como pacíficos; a luta armada é sempre provocada pela cultura hegemônica ou pela sociedade circundante. Bernard Barber repara que a Ghost Dance Religion era de paz; a revolta dos Sioux resulta de evidente provocação branca, — o que afirma James Mooney, contemporâneo dela. G. Balandier fala do caráter pacífico do kimbanguismo, e Bengt Sundkler, do das "igrejas separatistas". A mesma peculiaridade têm os movimentos brasileiros, que só combatem para se defender do poder central.

9) Bengt Sundkler, **Bantu Prophets in South Africa,** Lutterworth Press, Londres, 1948, págs. 106-107, 116.

10) Georges Balandier, **l. c.,** pág. IX.

11) **Id., l. c.,** pág. IX. O grifo é do texto.

12) Bengt Sundkler, **l. c.,** pág. 106.

13) Egon Schaden, **A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil,** Serviço de Documentação, Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1959, pág. 118.

14) Maria Isaura Pereira de Queiroz, **La "Guerre Sainte" au Brésil: Le Mouvement Messianique du Contestado,** Faculdade de Filosofia da U. S. P. Boletim n.º 187, São Paulo, 1957, pág. 229.

15) **Id.,** L'influence du milieu social interne sur les mouvements messianiques brésiliens, **Archives de Sociologie des Religions,** janeiro-junho de 1958, n.º 5.

16) V. Lanternari, **l. c.,** pág. 85.

17) J. O. Pinto Soares, **A questão dos limites entre Paraná e Santa Catarina,** Rio de Janeiro, 1930, pág. 86; Demerval Peixoto, **A Campanha do Contestado,** Rio de Janeiro, 1920, págs. 229-230.

18) **A Tribuna,** Curitiba, Paraná, 2 de fevereiro de 1914.

19) Lourenço Filho, **Juazeiro do Pe. Cícero,** Cia. Melhoramentos de São Paulo.

20) Bengt Sundkler **l. c.,** págs. 213, 292, 294.

21) V. Lanternari, **l. c.,** pág. 59.

22) Hans Kohn, Messianism, **Encyclopedia of the Social Sciences.**

23) James Mooney, The Ghost Dance Religion and the Sioux outbreak of 1890, **Bureau of American Ethnology, XVI Annual Report,** Smithsonian Institution, 1892-1893, Part 2, Washington, 1896.

24) G. Balandier, **l. c.**, págs. 426, 449.

25) Patrick O' Reilly, Prophétisme aux Nouvelles Hébrides, **Le Monde non-chretien**, Nouvelle Série, abril-junho de 1949, Paris, n.º 10.

26) A. L. Kroeber, **Handbook of the Indians of California**, Bureau of American Ethnology, Bulletin 78, 1925, Washington.

27) Neste ponto discordamos outra vez de Lanternari, quando afirma que os movimentos messiânicos são todos herdeiros daquêle que se iniciou na religião judaico-cristã, e que as culturas nativas, sob o impacto da cultura branca, percorrem hoje "um itinerário religioso que a cultura ocidental percorreu em seu tempo" (pág. 62). O fato de tais movimentos existirem em culturas nativas que não experimentaram choques com os brancos invalida tal hipótese, recolocando a questão nos têrmos vistos por Wilson D. Wallis, isto é, de que "não constituem (os movimentos messiânicos) posse exclusiva", da corrente judaico-cristã, mas "pertencem antes à humanidade", constituindo "uma fase da vida humana que encontra paralelismo em regiões do globo extremamente separadas e não relacionadas històricamente" (**Messiahs, Christian and Pagan**, Richard G. Badger, Boston, pág. 9). O paralelismo entre o movimento e determinados tipos de estrutura social concorre para fortalecer êste ponto de vista.

# NOTICIÁRIO

## IV REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**Curitiba, 15-18 de julho de 1959**

Promovida pela Associação Brasileira de Antropologia, entidade que reune os especialistas dêsse campo científico no país, a IV Reunião Brasileira de Antropologia realizou-se em Curitiba, Paraná, de 15 a 18 de julho de 1959. Teve ainda o alto patrocínio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I.B.E.C.C.), órgão nacional da UNESCO, e a colaboração da Universidade do Paraná, do Govêrno Estadual e da Prefeitura de Curitiba. Foi possível no decorrer do período da Reunião o desenvolvimento de um programa científico altamente qualificado, completado pela realização de atividades sociais, que contribuíram para maior aproximação entre os especialistas ali reunidos.

Estiveram presentes vinte e seis membros efetivos da Associação, sendo que cinco haviam sido eleitos para o quadro social em Assembléia Geral Extraordinária realizada na manhã do dia 15, antes de se instalarem os trabalhos da Reunião. Compareceram ainda três membros correspondentes e vários membros colaboradores, êstes pertencentes às Secções Regionais do Paraná e do Distrito Federal.

A Associação Brasileira de Antropologia fizera dirigir convite a instituições culturais, centros de pesquisa, órgãos públicos com atividades relacionadas à Antropologia, e outras entidades de natureza científica, a fim de que se fizessem representar na Reunião, levando sua contribuição aos respectivos trabalhos. Numerosas instituições designaram representantes; infelizmente, outras não corresponderam ao convite da Associação.

As Universidades, instituições, centros de pesquisa etc., que se fizeram representar, foram as seguintes: Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I.B.E.C.C.); Pontíficia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Pontíficia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Reitoria da Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia de Londrina; Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa; Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul; Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba; Faculdade de Filosofia de Florianópolis; Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil; Faculdade do Serviço Social da Prefeitura do Distrito Federal; Escola de Sociologia e Política de São Paulo; Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Summer Institute of Linguistics; Serviço de Proteção aos Índios; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal; Museu Histórico Nacional; Museu Nacional; Museu Paulista; Museu Goeldi; Museu do Estado de Pernambuco; Museu Paranaense; Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense; Serviço Social Rural; Comissão Nacional Católica de Imigração; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; Comitê

Intergovernamental de Migrações Européias; Escritório Regional da União Pan-Americana; Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais do SENAC.

Convidadas, não se fizeram representar as seguintes instituições: Universidade Católica de Pernambuco; Universidade da Bahia; Universidade Católica de São Paulo; Universidade de Minas Gerais; Universidade do Ceará; Fundação Getúlio Vargas; Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais; Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

## Comissão Organizadora

Os trabalhos preparatórios da IV Reunião estiveram a cargo da Diretoria da Associação, então presidida pelo prof. Loureiro Fernandes. Posteriormente foi constituída uma comissão organizadora local, que ficou assim formada: Membros — Prof. José Loureiro Fernandes (Presidente da A.B.A.); Prof. Brasil Pinheiro Machado (Catedrático de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná); Prof. Máximo Pinheiro Lima (Professor de Antropologia da Faculdade Católica de Filosofia); Prof. Oldemar Blasi (Secretário do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas); Secretárias — Marília Duarte Nunes (Assistente da Secção de Antropologia do Museu Paranaense) e Profa. Altiva Pilatti Balhana (Professôra de História da América da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná); Tesoureira — Profa. Maria de Lourdes Muniz (Professôra de Etnografia Geral e do Brasil da Faculdade Católica de Filosofia).

Foram proclamados presidentes de honra da Reunião, tendo em vista o prestígio com que colaboraram para sua realização, os Srs. Dr. Moysés Lupion, Governador do Estado, prof. Flávio Suplicy de Lacerda, Magnífico Reitor da Universidade do Paraná, General Iberê de Matos, Prefeito de Curitiba, e Sr. João Eugênio Cominesi, Prefeito de Paranaguá.

## Instalação da IV Reunião

Na manhã do dia 15 de julho, teve lugar a sessão de instalação da IV Reunião Brasileira de Antropologia, presidindo-a o Magnífico Reitor da Universidade do Paraná, prof. Flávio Suplicy de Lacerda, com a presença do Sr. Dr. Nivon Weiger, Secretário da Educação, representando o Exmo. Sr. Governador do Estado, do Sr. Bispo Auxiliar, representando o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, do Desembargador Lacerda Pinto, Presidente do Tribunal de Justiça, de outras autoridades, dos membros da Associação, de representantes credenciados e pessoas gradas. Falou, inicialmente, o prof. Loureiro Fernandes, presidente da Associação e da IV Reunião, que fêz um relato do desenvolvimento das atividades da entidade. Em seguida, o prof. Darcy Ribeiro, em nome dos participantes da Reunião, dirigiu uma saudação ao Paraná e especialmente à Universidade; seguiu-se com a palavra o prof. Manuel Diégues Júnior, Secretário-Geral da Associação, lendo o relatório das atividades da Associação no último período, o qual vai transcrito em anexo. Falou, por fim, encerrando a sessão, o Magnífico Reitor Flávio Suplicy de Lacerda.

## As sessões de estudos

Foram realizadas cinco sessões de estudos, durante as quais membros da Associação prèviamente inscritos fizeram a leitura ou resumo de suas

comunicações, a seguir comentadas. Cada sessão de estudos teve um presidente e um relator, os quais foram os seguintes, respectivamente:

1a. (Antropologia Cultural): presidente, prof. Darcy Ribeiro, e relator, prof. Eduardo Galvão;

2a. (Antropologia Física): presidente, prof. Tarcísio Messias, e relator, profa. Suely Machado;

3a. (Lingüística): presidente, prof. Rosário Farâni Mansur Guérios, e relator, prof. Dale Kietzman;

4a. (Arqueologia): presidente, prof. Fernando Altenfelder Silva, e relator, prof. Peter Paul Hilbert;

5a. (Assuntos diversos): presidente, prof. Loureiro Fernandes, em substituição ao prof. Fróes da Fonseca, que, escolhido, não pôde comparecer no dia, e relator, profa. Altiva Pilatti Balhana.

Foram apresentadas às sessões de estudos 28 comunicações, assim distribuídas: na 1a., sete; na 2a., seis; na 3a., cinco; na 4a., quatro, e na 5a. seis. Os títulos e autores das comunicações são os seguintes:

1a. sessão de estudos:

Marília Duarte Nunes — Notas preliminares para o estudo da cestaria no Paraná; Lígia Estêvão de Oliveira — Técnica e economia de uma comunidade de jangadeiros do litoral pernambucano; Fernando Altenfelder Silva — A abordagem estrutural no estudo de comunidades; Herbert Baldus — A Etnologia Histórica no Brasil; Protásio Frikel — Os Tirió do Alto Trombetas; Eduardo Galvão — Áreas culturais indígenas; Heloísa Alberto Tôrres e Fernando Segadas Viana — Comunicação sôbre aspectos ecológicos.

2a. sessão de estudos:

Maria Júlia Pourchet, Eny Maranhão e Loureiro Fernandes — Contribuição à Antropologia Física dos Kaingangues de Palmas; Suely Cardia Machado e Maria Luiza Sertã Camões — Contribuição ao estudo antropofísico do adolescente do sexo feminino do Distrito Federal (dados cefalométricos); Isah Gurjão — Estudo da época do aparecimento das primeiras regras em mulheres brasileiras e apreciação de fatôres mesológicos e antropológicos que possìvelmente a influenciam; Letícia Macedo — Correlação entre os índices rádio-pélvico e tíbio-pélvico; Maria Cremilda de Araújo — Índice de Manouvrier em escolares do Distrito Federal; Fróes da Fonseca — Pesquisas raciais (nota prévia).

3a. sessão de estudos:

J. Matoso Câmara Júnior — A análise mórfica das listas vocabulares indígenas; Ursula Wiesemann — Notas para um estudo comparativo dos dialetos Kaingang; Dale Kietzman — Modêlo de uma cartilha Terêna; Loraine Bridgeman — Um plano para pesquisas nas línguas Tupí; Sarah Gudschinsky — Ofayé-Xavánte, uma língua Jê.

4a. sessão de estudos:

Wesley Hurt e Oldemar Blasi — Nota prévia sôbre as escavações no sambaqui de Macedo, Alexandra 52 B, Paraná; Anette Laming Emperaire — Escavações nos sambaquis do litoral do Paraná (Corisco e Guaraguaçu). Sítios de pedra lascada no interior do Paraná (Barracão-José Vieira); Peter Paul Hilbert — Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Ama-

zonas; Tarcísio Messias e Marília C. de Melo e Alvim — Uma contribuição ao estudo do homem de Lagoa Santa.

5a. sessão de estudos:

Maria Júlia Pourchet — Estandardização nos métodos de pesquisas de Antropologia Física; Oswaldo Cabral — Fritz Müller; Maria de Lourdes Muniz — Alberto Fritch e os índios do Paraná; René Ribeiro — Aplicação da sociometria à didática da Antropologia; Roberto Cardoso de Oliveira — O papel dos "Postos Indígenas" no processo de assimilação: dois estudos de casos; Heloísa Fenelon — Desenhos de crianças Karajá.

Vale salientar que a sessão de estudos sôbre Arqueologia se realizou em Paranaguá, em sala do Museu de Arqueologia e Artes Populares, depois de uma visita ao sambaqui do Macedo, em Alexandra. As demais sessões de estudos realizaram-se no anfiteatro do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná.

## Seminários

Três seminários haviam sido programados e foram realizados. Versaram êles sôbre os seguintes temas: I — Problemas de Antropologia Aplicada em relação ao indígena brasileiro; II — Problemas de classificação das línguas indígenas do Brasil; e III — Problemas de Assimilação Cultural do Imigrante no Sul do Brasil. Cada seminário teve um coordenador, que apresentou com antecedência o documento de trabalho; foram coordenadores os professôres Herbert Baldus (Museu Paulista), quanto ao primeiro, Matoso Câmara Júnior (Museu Nacional), quanto ao segundo, e Thales de Azevedo (Universidade da Bahia), quanto ao terceiro. Como o coordenador dêste último, apesar de ter enviado o respectivo documento, não pôde comparecer pessoalmente, foi substituído pelo prof. Manuel Diégues Júnior.

Após a leitura ou resumo da exposição do coordenador, foram feitos comentários pelos debatedores, prèviamente escolhidos. Debateram o tema de Antropologia Aplicada os professôres Egon Schaden, Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão; de Lingüística, os professôres Rosário Farâni Mansur Guérios, Jürn Philipson, Dale Kietzman e Sarah Gudschinsky; e de Assimilação Cultural, os professôres Manuel Diégues Júnior e Egon Schaden; neste último seminário fizeram também comentários os professôres Otávio Ianni, Altiva Pilatti Balhana e Ruth Corrêa Leite Cardoso, dando conhecimento de pesquisas que estão realizando sôbre problemas de assimilação em relação, respectivamente, aos poloneses no Paraná, aos italianos também no Paraná e aos descendentes de japonêses em São Paulo. Além dêsses, participaram dos debates os professôres Darcy Ribeiro e José Bonifácio Rodrigues.

As conclusões apresentadas pelos seminários foram submetidas após à Assembléia da A.B.A., que as aprovou.

## Conferências

Dois centenários ocorridos em 1959 deram ensejo a que a IV Reunião Brasileira de Antropologia prestasse homenagem à memória de Paul Broca e de Charles Darwin: o da fundação da Société d'Anthropologie de Paris, e o da publicação do livro "On the Origin of Species by means of natural selection".

A homenagem constou de duas sessões plenárias, durante as quais os professôres Castro Faria e Egon Schaden pronunciaram conferências, respectivamente, sôbre "A contribuição de Broca à Antropologia Física" e sôbre "A obra científica de Darwin e sua importância para a Antropologia". As duas sessões plenárias tiveram a presidência do prof. Loureiro Fernandes e contaram com a presença de autoridades e numeroso público.

## Visita a Paranaguá

A visita a Paranaguá constituiu um acontecimento marcante no programa de trabalhos da Reunião. A viagem foi feita em dois carros especiais atrelados ao trem do horário. Os antropólogos desceram na estação de Alexandra, de onde foram conduzidos ao sítio do Macedo, onde se encontra o sambaqui em exploração. No local, o prof. Oldemar Blasi deu explicações sôbre as pesquisas arqueológicas, que ali vêm sendo realizadas, com êxito. Vários presentes fizeram indagações, sendo prestados esclarecimentos.

Após essa visita, dirigiram-se a Paranaguá, onde lhes foi oferecido um "barreado", comida típica local. Em seguida, realizou-se a visita ao Museu de Arqueologia e Artes Populares, cuja organização está em fase final. Num dos salões do Museu, localizado no antigo convento dos Jesuítas, teve lugar a sessão de estudos sôbre Arqueologia, que durou das 14 às 16 horas. Logo em seguida, verificou-se a viagem de regresso a Curitiba.

## Sessões da A.B.A.

Durante os trabalhos da IV Reunião Brasileira de Antropologia, que constituiu a assembléia geral da Associação Brasileira de Antropologia, na forma de seus estatutos, o Conselho Diretor desta realizou duas sessões promovendo igualmente duas sessões plenárias. Na primeira sessão, o Conselho Diretor estudou propostas para novos membros da Associação, levando, posteriormente, ao plenário as indicações feitas, e aprovou, ao mesmo tempo, moção de solidariedade ao prof. Herbert Baldus; na segunda estudou as conclusões apresentadas pelos seminários e preparou as respectivas conclusões para apreciação do plenário.

A primeira sessão plena de assembléia geral, realizada na manhã do dia 15, antes da instalação solene da IV Reunião, aprovou as propostas do Conselho Diretor. Estas propostas indicavam novos membros para a Associação, que foram eleitos pelo plenário. São êstes os nomes eleitos: **membros efetivos:** Professôres Odorico Machado de Souza; Artur Hehl Neiva; Pedro E. Lima; Jürn Philipson; Oswaldo Rodrigues Cabral; Rosário Farâni Mansur Guérios; Otávio Ianni; Fernando Henrique Cardoso; Ruth Corrêa Leite Cardoso; Maria Isaura Pereira de Queiroz; Eunice Ribeiro Durham; Frederico Barata; Carlos de Araújo Moreira; Marília de Carvalho Alvim; Maria Alice Pessoa; e Emílio Willems; **membros colaboradores:** Professôres Antônio Theodoro da Silva Neiva; Francisco de Alencar e Amadeu Duarte Lana; **membros correspondentes:** professôres Sarah Gudschinsky; Dale Kietzman; Anette Laming Emperaire; Henri Vallois; Betty Meggers; Clifford Evans; Richard N. Adams; Angel Palerm; Eric R. Wolf; Padre José Rafael Arboleda; Robert F. Murphy; e Marvin Harris.

O plenário aprovou igualmente uma moção de solidariedade ao Professor Herbert Baldus, em face de ataques que lhe foram dirigidos em reportagem da revista "O Cruzeiro". Esta moção está assim redigida;

"A Associação Brasileira de Antropologia, por proposta de seu Conselho Diretor, e em assembléia geral hoje reunida, tomou conhecimento de conceitos emitidos em reportagem da revista "O Cruzeiro", sôbre o Festival do Índio Brasileiro, os quais atingem a idoneidade científica e profissional, bem como a honorabilidade de nosso companheiro Herbert Baldus e de outros cientistas de reputação conhecida. Depois de considerar a importância e significação do assunto, resolveu dirigir a êsses confrades o testemunho de seu aprêço e de solidariedade, e ao mesmo tempo manifestar à direção daquela revista sua mais profunda estranheza pela divulgação de ataques dessa ordem veiculados por um órgão informador da opinião pública, com responsabilidades perante seus leitores, condição essa que deveria precavê-lo de tornar-se veículo de atitudes pessoais merecedoras da mais completa repulsa. Atentando contra a reputação internacionalmente reconhecida de professôres e profissionais brasileiros, publicação dessa natureza presta um desserviço à cultura de nosso país, no que ela tem de mais lídimo, praticando sobretudo uma injustiça contra pesquisadores e homens de ciência que têm dado o melhor de seus esforços para a formação de especialistas e para incentivar os métodos e as técnicas de trabalho científico em nosso meio universitário.

Esta Associação expressa sua repulsa a publicações dêsse gênero, e está certa de que não só será dada, pela direção da referida revista, aos colegas agredidos, a necessária reparação moral, como também de que aquêle órgão, para melhor servir aos seus leitores e honrar os padrões de ética da imprensa brasileira, jamais recairá em semelhante lapso.

Curitiba, em 15 de julho de 1959".

Na segunda sessão plenária, realizada às 17 horas do dia 18 de julho, foram aprovadas conclusões dos diferentes seminários, bem como outras propostas encaminhadas pelo Conselho Diretor. Na mesma ocasião procedeu-se à eleição da nova Diretoria da Associação Brasileira de Antropologia e à renovação do têrço do Conselho Científico, na forma prescrita pelos estatutos. Foram aprovados votos de pezar pelo falecimento dos seguintes antropólogos: Paul Rivet, sócio correspondente da Associação; Robert H. Lowie; Joseph Emperaire; e Robert Redfield.

As resoluções e moções aprovadas foram as seguintes:

**Resolução N.º 1**

A IV Reunião Brasileira de Antropologia, no seu Seminário sôbre Problemas de Antropologia Aplicada em relação ao indígena brasileiro, considerando

a contribuição que as pesquisas etnológicas interessadas nos problemas de sobrevivência e de integração das populações indígenas podem dar na formulação e na execução de uma política indigenista cientificamente fundamentada e capaz de assegurar melhores perspectivas de vida às populações indígenas do Brasil;

o grande número de grupos indígenas que foram levados ao extermínio logo depois dos primeiros contactos com nossa sociedade e que várias tribos foram chamadas ao nosso convívio nos últimos anos, estando igualmente ameaçadas de extermínio por carência dos serviços assistenciais criados para ampará-las;

as repetidas tentativas de espoliação das terras em que vivem grupos indígenas, cuja propriedade lhes é assegurada pela Constituição e por copiosa legislação e indispensável à sobrevivência dos referidos grupos;

as condições precárias e extremamente complexas em que os índios Xetá da Serra dos Dourados estão entrando em interação com a sociedade nacional e a ameaça de pronta descaracterização e extinção que possam sofrer os mesmos,

Resolve:

1. Sugerir ao Serviço de Proteção aos Índios e ao Conselho Nacional de Proteção aos Índios a conveniência de recorrer a etnólogos profissionalmente qualificados na elaboração e na execução dos serviços de assistência às populações indígenas.

2. Encarecer ao Serviço de Proteção aos Índios a necessidade de prestar à opinião pública esclarecimentos precisos sôbre o que está ocorrendo com grupos recentemente pacificados como os Xaváante e os Kayapó, uma vez que sòmente com o apoio da mesma poderá preservar-se a ação indigenista instaurada por Rondon e que constitui um orgulho para o nosso povo.

3. Solicitar a atenção da opinião pública e da Procuradoria Geral da República para o fato extremamente grave e atentatório à dignidade nacional de que os índios brasileiros estão ameaçados de perder a parcela mínima de terras que ainda detêm — como é o caso dos Kadiueu do sul de Mato Grosso — em benefício de interêsses locais subalternos.

4. Dirigir um apêlo ao Estado do Paraná, à Universidade do Paraná e ao Ministério da Agricultura sôbre a necessidade imperiosa de instituir-se o Parque Florestal da Serra dos Dourados, dotando-o de administração própria, autônoma e integrada por cientistas capazes de tratar adequadamente o problema de assistência aos índios Xetá, da preservação do patrimônio florístico e faunístico da área, bem como de coordenar as pesquisas científicas naquele laboratório de estudos do Homem e da Natureza.

Curitiba, 18 de julho de 1959.

**Resolução N.º 2**

A IV Reunião Brasileira de Antropologia, considerando

o desenvolvimento dos estudos de Antropologia Aplicada no Brasil, principalmente pela orientação científica que podem oferecer ao encaminhamento e solução de problemas administrativos e técnicos,

a necessidade de dar orientação antropológica à política de administração no campo dos problemas indígenas, de imigração e de colonização, de organização e desenvolvimento de comunidades rurais e, de modo geral, de desenvolvimento, em seu sentido lato, como processo de mudança cultural,

a conveniência de se articularem técnicos e especialistas nestes diferentes campos de administração para o estudo e elaboração de um programa de trabalho que, apoiado nos princípios e métodos da Antropologia, possa contribuir para melhor encaminhar e resolver tais problemas,

o alto prestígio, no ambiente cultural do país, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I.B.E.C.C.), desempenhando papel de relevante influência, seja como órgão nacional da UNESCO, seja ainda pelo fato de nêle estarem integrados os principais órgãos da administração brasileira e entidades científico-culturais,

Resolve:

1. Formular encarecido apêlo ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I.B.E.C.C.) para que tome sob seu alto patrocínio promover a realização, no Brasil, de um simpósio destinado ao estudo dos problemas de administração, em que possam ser utilizados os princípios e os métodos da Antropologia na orientação e execução da política a ser traçada e seguida no encaminhamento e solução de programas administrativos em diferentes campos de interêsse das populações brasileiras.

2. No caso de ser aceito o apêlo acima formulado, é sugerido em particular:

a) sejam especialmente discutidos problemas da Antropologia Aplicada em relação à política indigenista brasileira, de relações étnicas e de cultura entre grupos diferentes, de imigração e assimilação cultural do imigrante, de colonização, de organização e desenvolvimento de comunidades rurais, de desenvolvimento, em particular desenvolvimento econômico e suas implicações sociais, e de mudança cultural, com ênfase nas culturas caboclas sofrendo impactos modificadores;

b) sejam convocados a participar do simpósio não apenas especialistas em ciências sociais nesses diferentes campos, mas ainda órgãos oficiais nacionais, intergovernamentais, internacionais e instituições privadas, desde que tenham atividades relacionadas com os assuntos previstos;

c) seja obtida das instituições interessadas e de órgãos do Govêrno ajuda material para a realização do simpósio.

3. A Associação Brasileira de Antropologia assegurará, dentro dos limites de suas possibilidades, tôda a colaboração ao I.B.E.C.C. para a realização do simpósio.

Curitiba, 18 de julho de 1959.

**Resolução N.º 3**

A Associação Brasileira de Antropologia, em assembléia geral reunida, recomenda

1. Que nos centros de ensino médico onde a pesquisa anatômica tenha desenvolvimento apreciável sejam periòdicamente realizados cursos de introdução à Antropologia Física (pressupostos teóricos e problemática atual), a fim de que as pesquisas de morfologia humana possam enriquecer-se de novas perspectivas;

2. Que a Associação Brasileira de Antropologia promova por todos os meios adequados uma aproximação mais intensa e regular entre os especialistas em Antropologia Física e Genética Humana, a fim de que em trabalho interdisciplinar, devidamente entrosado com os pesquisadores de Antropologia Cultural, possam contribuir para a renovação e intensificação das pesquisas sôbre os problemas brasileiros de população

Curitiba, em 18 de julho de 1959.

**Resolução N.º 4**

A IV Reunião Brasileira de Antropologia, no seu Seminário sôbre Problemas de Assimilação Cultural do Imigrante no Sul do Brasil, considerando

a exposição em que foi focalizado o desenvolvimento dos estudos de assimilação cultural no Brasil;

os comentários e debates verificados no decorrer do Seminário, bem como as sugestões apresentadas em relação a diferentes aspectos do problema da assimilação cultural do imigrante,

Resolve ressaltar os seguintes pontos:

1. Os estudos de assimilação cultural do Brasil tendem a abandonar uma abordagem simplesmente culturalista para progredirem para uma abordagem global das relações entre imigrantes e a sociedade nacional como fenômenos de natureza estrutural que condicionam e orientam a aculturação.

2. A assimilação do imigrante pode ser abordada ou como um problema de psicologia individual ou como um problema social de integração política e cultural de grupos estrangeiros em sociedades imigrantistas.

3. O interêsse pelo processo de aculturação continua vivo embora não em forma correspondente à riqueza dos elementos existentes em grande parte do país, elementos êstes que representam sugestões para estudo.

4. O processo de assimilação tem apresentado diferenciações sensíveis no seu desenvolvimento se consideradas as áreas urbanas e rurais, em que se verifica o contacto de culturas; o conservatismo rural contribui para a manutenção e preservação das formas culturais, enquanto é necessário estudar o processo nos meios urbanos, tendo em vista as condições em que se desenvolveu a industrialização e a urbanização, influenciando a assimilação do imigrante. Essa diferenciação estende-se igualmente à naturalidade do grupo imigrado.

Curitiba, em 18 de julho de 1959.

## Nova direção da A.B.A.

Durante a IV Reunião, procedeu-se à eleição da nova Diretoria da Associação e à renovação do têrço do Conselho Científico. A nova diretoria da Associação, eleita em sessão plenária da tarde de 18 de julho, foi empossada na sessão de encerramento, realizada no mesmo dia às 18 horas. A atual direção da A.B.A., para o período 1959-61, é a seguinte: Presidente — Professor Darcy Ribeiro (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, D. F.); Secretário-Geral — Professor Manuel Diégues Júnior (Pontíficia Universidade Católica do Rio de Janeiro, D. F.); Tesoureiro-Geral — Professôra Maria Júlia Pourchet Passos (Serviço de Antropometria, Instituto de Pesquisas Educacionais, D. F.).

Com a renovação de seu têrço, na forma estatutária, o Conselho Científico para o biênio 1959-61 está assim constituído: Professôres Egon Schaden (Universidade de São Paulo), Eduardo Galvão (Museu Goeldi, Pará), Herbert Baldus (Museu Paulista), Matoso Câmara Júnior (Museu Nacional), René Ribeiro (Universidade do Recife), Thales de Azevedo (Universidade da Bahia), Luís de Castro Faria (Museu Nacional), Fernando Altenfelder Silva (Faculdade de Filosofia de Rio Claro, S. P.), e Octavio da Costa Eduardo (Escola de Sociologia e Política, S. P.).

## Encerramento da IV Reunião

O encerramento dos trabalhos da IV Reunião realizou-se em sessão plenária, no anfiteatro do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia. Aberta a sessão pelo prof. Loureiro Fernandes, foi lido o relatório geral da IV Reunião, a cargo do prof. Octavio da Costa Eduardo. O relator fêz uma apreciação sumária dos trabalhos realizados, lamentando

que, dada a estreiteza de tempo, não pudesse desenvolver suas observações; contudo, iria redigir posteriormente o documento respectivo.

Em seguida, foi empossada a nova diretoria da Associação, tendo antes o professor Loureiro Fernandes agradecido a colaboração recebida de todos durante a sua gestão como presidente e especialmente, o comparecimento dos colegas de diferentes Estados a Curitiba para aquela Reunião. Finalizou dando posse na presidência ao Prof. Darcy Ribeiro, pouco antes eleito Presidente da Associação. Êste, assumindo a presidência, incumbiu o Secretário-Geral de, em nome da nova Diretoria, agradecer a escolha e encerrar os trabalhos da Reunião.

O prof. Manuel Diégues Júnior, depois de considerar as responsabilidades que pesavam sôbre os novos dirigentes da Associação e, de modo geral, sôbre todos os membros da Associação, em virtude da escolha feita, féz sentir o agradecimento de todos os presentes pela excelente e agradável acolhida recebida em Curitiba. Agradeceu a cooperação dos auxiliares do prof. Loureiro Fernandes aos trabalhos da Secretaria da Reunião. salientou o espírito de camaradagem que dominou a todos, sem quebra do alto nível científico em que decorreram as discussões e, finalmente, fêz votos para que todos pudessem daqui a dois anos, encontrar-se novamente, em Belo Horizonte, sede escolhida para a próxima Reunião. E encerrou os trabalhos da IV Reunião Brasileira de Antropologia.

## Programa Social

Completando a parte científica dos trabalhos da Reunião, foi levado a efeito um programa social, que se destacou sobretudo pelo prestígio com que o acompanhou a sociedade curitibana. O Govêrno do Estado ofereceu aos participantes da Reunião um almôço no Country Club; na ausência do Governador do Estado, que se encontrava no Rio de Janeiro, o Dr. Nivon Weiger, Secretário da Educação, saudou os visitantes, em nome de quais respondeu o prof. René Ribeiro. O Prefeito de Curitiba ofereceu almôço na Cascatinha, em Santa Felicidade, zona de colonização italiana; foi servida uma refeição típica local. À saudação do homenageou agradeceu o prof. José Bonifácio Rodrigues, em nome dos participa Também a Comissão Organizadora ofereceu um almôço aos congres em Pinheirinho, quando igualmente foram servidos pratos regionais dados pelo prof. Brasil Pinheiro Machado, os congressistas agradece la palavra do prof. René Ribeiro.

Dois coquetéis foram oferecidos aos membros da IV Reunião: Sr. Vice-Cônsul da França, Mr. Pierre Lapallu, nos salões da Allia çaise, e outro pelo Magnífico Reitor, na Cantina da Faculdade de No dia do encerramento da Reunião, o casal Loureiro Fernande nou os participantes, em sua residência, sendo saudado pelo Ribeiro, novo presidente da A.B.A., que salientou a amizade dos os antropólogos brasileiros àquele distinto casal.

## ANEXO N.º 1

### Relatório apresentado pelo Secretário Geral à IV Reunião Brasileira de Antropologia

Ao Secretário Geral da Associação Brasileira de Antropologia incumbe, por designação do Presidente, a tarefa de relatar as atividades da entidade no período que decorre entre a última e a presente assembléia geral e or-

dinária. Por coincidência, não direi feliz, mas sugestiva, cabe êste encargo ao mesmo companheiro a que, ao encerrar-se a Reunião do Recife, tocou fazer o relatório geral do que foi aquêle encontro. De modo que, podemos concluir, é uma continuidade no tempo de uma mesma tarefa. Entre o último dia da Reunião do Recife e o primeiro desta, de Curitiba, perdoem a insistência: é uma mesma pessoa quem relata.

Deixando o Recife no dia seguinte daquela noite em que vimos desfilar, na cidade, frevos e maracatus, saímos todos animados do propósito de empreender esforços pelo progresso de nossa Associação. E mais animados estavam os então recém-eleitos membros da Diretoria: um presidente, um secretário-geral e um tesoureiro-geral que vêm a esta Reunião certos de que não traíram o compromisso assumido; o que demonstra — creio — esta prestação de contas.

Fizeram o que foi possível pelo desenvolvimento da Associação, sobretudo consolidando-a em bases estáveis, dando-lhe um sôpro de vida mais permanente, animando os contactos entre os companheiros espalhados em diferentes Estados, recebendo e aceitando sugestões. Não lhes faltou a coadjuvação dos companheiros do Conselho Científico, juntos formando — a Diretoria e o Conselho Científico — o Conselho Diretor da Associação, sôbre cujas responsabilidades recaem os êxitos por ventura alcançados.

A primeira tarefa com que se defrontou a nova Diretoria foi dar sentido jurídico à Associação, registrando-lhe os Estatutos. Tal passo iniciou-o a Diretoria logo nos primeiros meses de sua gestão, e já em agôsto eram registrados no cartório correspondente, no livro adequado, os Estatutos da Associação Brasileira de Antropologia. Somos hoje uma entidade jurìdicamente legal. Para completar tal providência, demos os primeiros passos para que a Associação fôsse declarada de utilidade pública. Ainda não o alcançamos; é tarefa, esperamos, venha a marcar o início de gestão dos nossos sucessores, a serem escolhidos na Assembléia que hoje se instala.

Três reuniões realizou, neste período de um ano e quatro meses, o Conselho Diretor: a primeira a 16 de julho do ano passado, a segunda a 30 de março último, e a terceira ontem. Neste interregno deliberações foram sugeridas e tomadas por correspondência, tal como o prescrevem os Estatutos. Na reunião de julho de 58 pudemos assentar as primeiras providências para a atual Reunião de Antropologia, discutindo-se quase domèsticamente, pela própria natureza do ambiente doméstico e agradável em que estavamos reunidos, as idéias que tínhamos em ebulição para transformá-las em fatos objetivos destinados ao êxito do encontro de Curitiba. Em março passado, nossa Reunião foi mais variada. Não apenas voltamos a tratar de medidas necessárias à organização da IV Reunião, mas nos preocupamos igualmente com a ampliação do nosso quadro social, adotando providências para a inclusão de novos sócios efetivos, e também tivemos a agradável oportunidade de aprovar outras deliberações, entre elas a da fundação das duas Secções Regionais, até então criadas: a do Paraná e a do Distrito Federal. Ao lado dessas, outras providências foram adotadas, algumas sujeitas à aprovação posterior dos membros ausentes, na forma estatutária, o que, aliás, um mês depois se verificava. A terceira sessão, ontem realizada, deliberou sôbre vários assuntos de interêsse interno da Associação.

A Secretaria expediu, neste interregno de tempo, cinco circulares, em julho, setembro e novembro de 1958, e janeiro e maio de 1959. Ao lado dessa correspondência geral, vale lembrar a correspondência individual, com um ou outro associado, e em particular entre a presidência e a secretaria-

geral, na troca de informações, de providências ou de sugestões relacionadas com as atividades da Associação.

Em março fizemos divulgar o primeiro número de nosso boletim de informações, veículo destinado à intercomunicação dos associados. Circunstâncias diversas fizeram com que não saísse êsse primeiro número com o aspecto material que seria de desejar, ou que, pelo menos, o secretário geral desejaria; seria supérfluo arrolar tais circunstâncias, variadas, de diferentes origens, causas que tiveram a má idéia de juntar-se num só efeito. Contudo, de outro lado, creio que foi fartamente informativo, ou seja, divulgou uma série de notícias que talvez nenhum dos nossos consócios tivesse assim reunidas em uma só publicação. E' certo que, apesar da insistência, não raro mal-educada mesmo, do Secretário-Geral, não nos chegaram às mãos maiores informações para a respectiva divulgação.

Espera a atual Diretoria que a sua sucessora retome o boletim de informações, dando-lhe melhores características, fazendo-o mais bem feito e sobretudo mais atraente não apenas do ponto de vista material, senão ainda do ponto de vista informativo. A êsse voto desejam os atuais diretores acrescentar o seu propósito de dar aos novos diretores tôda a sua colaboração para que a iniciativa prossiga com bom êxito.

Fato que merece assinalar-se é o de haver o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão nacional da UNESCO no Brasil, o já conhecido por suas obras e atividades IBECC, incluído a Associação Brasileira de Antropologia entre as entidades que o integram. Passou assim a nossa jovem instituição a integrar um conjunto de ilustres entidades que, reunidas no IBECC, vêm realizando uma tarefa verdadeiramente útil à cultura nacional, mormente pelas ligações mantidas com a UNESCO. Acrescente-se a êsse fato, já por si significativo, a colaboração que a diretoria do IBECC vem dando à Associação, em particular no que toca à realização dessa IV Reunião Brasileira de Antropologia. O que, creio, merece o nosso mais completo agradecimento ao ilustre presidente do IBECC, prof. Temístocles Brandão Cavalcanti.

E já agora começa a projeção da Associação em âmbito internacional; é assim que vem de ser convidada a participar da União Internacional de Ciências Antropológicas, tendo, na manhã de hoje, a Assembléia Geral autorizado essa inclusão.

Agradecimentos devemos ainda formular a várias instituições, de diferente natureza, que neste período cooperaram materialmente com os trabalhos da Associação. Desejo referir-me de modo todo especial às instituições que nos ajudaram no preparo de circulares, de correspondência, de textos mimeografados: Comissão Nacional de Política Agrária, Serviço Social Rural, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Graças, em grande parte, a essa cooperação foi possível à Secretaria Geral comunicar-se com os nossos associados. Devemos ainda agradecer a tôdas as instituições que, convidadas pela direção da Associação, designaram representantes a essa IV Reunião, evidenciando sua confiança na atividade de nosso órgão.

Duas Secções Regionais já iniciaram suas atividades. A primeira, a do Paraná, na qual o nosso ilustre presidente, Professor Loureiro Fernandes, congregou a quantos se interessam pelos estudos antropológicos neste Estado. Já está em plena atividade, e tão fecunda que não são poucas as contribuições científicas que os companheiros dessa Secção Regional trazem a esta Reunião.

A outra, a do Distrito Federal, que reune especialistas e estudiosos residentes no Rio de Janeiro, também já iniciou suas atividades. Comprova-o o bom número de comunicações que nos trazem vários companheiros do Distrito Federal. E' de esperar agora, dessas primeiras iniciativas, duplo resultado: primeiro, o de que as duas Secções Regionais continuem a trabalhar proficuamente, e é de convir que assim sucederá; segundo, o de que constitua essa atividade estímulo para que nossos colegas dos demais Estados promovam as necessárias medidas para a criação das Secções Regionais respectivas.

A situação financeira da Associação, infelizmente, não é boa; desculpem-me a franqueza e a lealdade de dizer. A êsse respeito talvez houvesse que desfiar um rosário de amarguras, é certo não tanto amargas, mas principalmente fraternas: queixas em família. Lamenta a diretoria dizer que a péssima situação financeira da Associação não decorre da má aplicação da receita, nem mesmo de despesas supérfluas; é produto exclusivamente da falta de receita. Quero dizer: a renda estatutária proveniente da contribuição dos sócios foi muito fraca, resumindo-se a mais ou menos uma dezena os que pagaram sua quota de 1958 e a uns poucos a de 1959. Todavia, não é de estranhar; atividade científica no Brasil, pura e desinteressada, como a que realizam os membros da Associação, ainda não dá dinheiro.

Como já assinalei, o Conselho Diretor tomou várias deliberações por correspondência na forma do que permitem os estatutos sociais. Tais deliberações, de interêsse interno, visaram ao bom funcionamento da Associação. Que tudo saiu certo, parece que sim, e prova disso aqui está quando nos reencontramos para a IV Reunião Brasileira de Antropologia. Alegra-nos a oportunidade dêsse novo encontro, na terra sempre hospitaleira do Paraná, cercados da convivência agradável dos paranaenses, em particular os também estudiosos das ciências antropológicas, reunidos todos para o estudo e debate de idéias no campo disciplinar da Antropologia.

Se devemos, os que estamos a terminar o nosso mandato na diretoria da Associação Brasileira de Antropologia, o nosso agradecimento muito sincero e cordial a todos os companheiros, pela cooperação que nos deram e, principalmente, pelo atendimento ao convite para êsse encontro em Curitiba, devemos também já agora, todos os integrantes da Associação, seus diretores, seus membros efetivos, seus membros colaboradores, as nossas homenagens aos companheiros do Paraná. Homenagens que expressam nosso reconhecimento pela acolhida fraterna que nos promovem, homenagens pela maneira como organizaram êste nosso encontro, homenagens ainda pelo trabalho científico que aqui vêm realizando.

Rendendo essas homenagens aos companheiros do Paraná, permitam-nos igualmente dizer-lhes, meus caros colegas da Associação, que estamos tranqüilos e certos de que êsses dezesseis meses de direção foram preenchidos com dedicação, com entusiasmo, com interêsse pelo nosso órgão de atividades científicas. Essa a satisfação com que, nas vésperas de terminarmos o nosso mandato. os atuais dirigentes da Associação podem repetir, nas palavras mais agradáveis e sempre sonoras de Machado de Assis, que essa é a glória que fica, honra, eleva e consola.

## ANEXO N.º 2

## Quadro Social da Associação Brasileira de Antropologia

### I — Membros efetivos

**Rio de Janeiro, D. F.**

LUíS DE CASTRO FARIA, Museu Nacional. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão.
DARCY RIBEIRO, Rua Souza Lima, 245, 9.º andar, Copacabana.
MANUEL DIÉGUES JÚNIOR, Rua da Matriz, 92, Botafogo.
JOSE' BONIFÁCIO RODRIGUES, Hotel Monte Alegre, Rua Monte Alegre, 6.
ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão.
ÁLVARO FRÓES DA FONSECA, Rua Siqueira Campos, 274, apartamento 1004, Copacabana.
HELOÍSA ALBERTO TÔRRES, Rua Paissandu, 228, apartamento 201, Flamengo.
MARINA DE VASCONCELOS, Rua Domingos Ferreira, 171, apartamento 206, Copacabana.
J. MATOSO CÂMARA JÚNIOR, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista. São Cristóvão.
TARCÍSIO TÔRRES MESSIAS, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão.
JOSILDETH GOMES CONSORTE, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rua Voluntários da Pátria, 107, Botafogo.
ORACY NOGUEIRA, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rua Voluntários da Pátria, 107, Botafogo.
MARIA JÚLIA POURCHET PASSOS, Instituto de Pesquisas Educacionais, Avenida Almirante Barroso, 81, 7.º andar.
JOSE' BASTOS DE ÁVILA, Rua David Campista, 40, Botafogo.
EDISON CARNEIRO, Rua Cupertino Durão, 121, apartamento 202, Leblon.
RENATO ALMEIDA, Rua Conde de Irajá, 439, Botafogo.
BERTA G. RIBEIRO, Rua Souza Lima, 245, 9.º andar, Copacabana.
PEDRO E. LIMA, Rua Figueiredo Magalhães, 403, apartamento 202, Copacabana.
ARTUR HEHL NEIVA, Rua República do Peru, 486, apartamento 701, Copacabana.
MARIA ALICE PESSOA, Fundação Getúlio Vargas, Praia de Botafogo, 186, Botafogo.
MARÍLIA DE CARVALHO ALVIM, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão.

**São Paulo**

EGON SCHADEN, Caixa Postal 5459.
HERBERT BALDUS, Museu Paulista, Caixa Postal 8032.
FLORESTAN FERNANDES Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Caixa Postal 8105.
PADRE GUILHERME SAAKE, Seminário do Espírito Santo, Caixa Postal 12605, Santo Amaro.
GIOCONDA MUSSOLINI, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Caixa Postal 8105.

OCTAVIO DA COSTA EDUARDO, Escola de Sociologia e Política, Rua General Jardim, 522.
FERNANDO ALTENFELDER SILVA, Faculdade de Filosofia, Rio Claro.
ANTÔNIO RUBBO MÜLLER, Escola de Sociologia e Política, Rua General Jardim, 522.
ANTÔNIO CÂNDIDO, Rua Perdões, 131.
RENATO LOCCHI, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.
JÜRN PHILIPSON, Caixa Postal 3175.
OTÁVIO IANNI, Rua Maria Antônia, 294.
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, Rua Maria Antônia, 294.
RUTH CORRÊA LEITE CARDOSO, Rua Maria Antônia, 294.
MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ, Caixa Postal 8105.
EUNICE RIBEIRO DURHAM, Caixa Postal 8105.
ODORICO MACHADO DE SOUZA, Avenida Angélica, 1894.

**Pará**

EDUARDO GALVÃO, Museu Goeldi, Caixa Postal 399, Belém.
PETER PAUL HILBERT, Museu Goeldi, Caixa Postal 399, Belém.
FREI PROTÁSIO FRIKEL, Caixa Postal 660, Belém.
FREDERICO BARATA, "Província do Pará", Belém.
CARLOS DE ARAÚJO MOREIRA, Museu Goeldi, Caixa Postal 399, Belém.

**Pernambuco**

RENE' RIBEIRO, Rua Henrique Dias, 281, Recife.

**Alagoas**

THÉO BRANDÃO, Avenida Tomás Espíndola, 351, Farol, Maceió.

**Bahia**

THALES DE AZEVEDO, Avenida Princesa Isabel, 31, Salvador.
FREDERICO EDELWEISS, Faculdade de Filosofia, Avenida Joana Angélica, 183, Salvador.
CARLOS OTT, Alto dos Bandeirantes, 64, Salvador.

**Minas Gerais**

CID REBELO HORTA, Rua Ouro, 200, Belo Horizonte.
AYRES DA MATA MACHADO FILHO, Sua Siderosa, 147, Belo Horizonte.

**Paraná**

JOSE' LOUREIRO FERNANDES, Departamento de Antropologia, Rua General Carneiro, 460, Curitiba.
OLDEMAR BLASI, Rua Augusto Stelfeld, 1080, apart. 5, Curitiba.
ARION DALL'IGNA RODRIGUES, Departamento de Antropologia, Rua General Carneiro, 460, Curitiba.
ROSÁRIO FARÂNI MANSUR GUÉRIOS, Rua Chile, 1787, Curitiba.

**Santa Catarina**

OSWALDO RODRIGUES CABRAL, Rua Esteves Júnior, 138, Florianópolis.

**Estados Unidos**

EMÍLIO WILLEMS, Dept. of Anthropology and Sociology, Vanderbilt University, P. O. Box 1510, Nashville 5, Tenn., U. S. A.

HARRY W. HUTCHINSON, Department of Sociology and Anthropology, Vanderbilt University, Nashville 5, Tenn., U. S. A.

## II — Membros correspondentes

MELVILLE J. HERSKOVITS, Northwestern University. Coll. of Liberal Arts, Evanston, Illinois, U. S. A.
CHARLES WAGLEY, Dept. of Anthropology, Columbia University, New York 27, N. Y., U. S. A.
BETTY MEGGERS, 2621 I Street, N. W. Washington 7, D. C., U. S. A.
CLIFFORD EVANS, Div. of Arch., U. S. National Museum, Smithsonian Institution. Washington 25, D. C., U. S. A.
RICHARD N. ADAMS, Dept. of Sociology and Anthropology, Michigan State University, East Lansing, Michigan, U.S.A.
ANGEL PALERM, 305 Walnut St. Falls Church, Virginia, U. S. A.
ERIC R. WOLF, Dept. of Anthropology, Yale University, New Haven, Connecticut, U. S. A.
ROBERT F. MURPHY, Dept. of Anthropology, University of California, Berkeley 4, California, U. S. A.
MARVIN HARRIS, Dept. of Anthropology, Columbia University, New York 27, N. Y., U. S. A.
ALFRED MÉTRAUX, Unesco, 2, Place de Fontenoy, Paris 7e, França.
JORGE DIAS, Avenida Carlos Silva, 26, 2.º, Santo Amaro de Oeiras, Lisboa, Portugal.
HENRI VALLOIS, Institut de Paléontologie Humaine, 1, rue René Penhard, Paris, França.
PADRE JOSE' RAFAEL ARBOLEDA, Departamento de Antropología, Universidad Javeriana, Carrera Fa., N. 40-62, Bogotá, Colômbia.
SARAH GUDSCHINSKY, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro, D. F.
DALE KIETZMAN, Caixa Postal 43, Tijuca, Rio de Janeiro, D. F.
ANETTE LAMING EMPERAIRE, a/c Departamento de Antropologia, Rua General Carneiro, 460, Curitiba, Paraná.
CHESTMÍR LOUKOTKA, Kremická 56, Praha 10 — Strasnice, Tchecoslováquia.

## III — Membros colaboradores

**Nacionais** (enquanto não houver Secção Regional no respectivo Estado)

AMADEU DUARTE LANA, Faculdade de Filosofia de Marília (São Paulo).
ANTÔNIO THEODORO DA SILVA NEIVA, Faculdade de Filosofia, Goiânia (Goiás).
FRANCISCO DE ALENCAR, Instituto de Antropologia, Fortaleza (Ceará).
HARALD SCHULTZ, São Paulo (São Paulo).
LÍGIA ESTÊVÃO DE OLIVEIRA, Recife (Pernambuco).
MARIA DAVID DE AZEVEDO, Salvador (Bahia).
WILMA SCHULTZ, São Paulo (São Paulo).

**Distrito Federal**

CLÁUDIA FERRERO, Faculdade de Filosofia, Universidade do Brasil.
GERARDO ALVES DE CARVALHO, Museu Histórico Nacional (Curso de Museus).
HELOÍSA FENELON, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, São Cristóvão.
HUMBERTO NABUCO DOS SANTOS, Museu do Índio.

ISAH GURJÃO, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.
LECTICIA MOREIRA DE MACEDO, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.
MARCELO MORETSZOHN DE ANDRADE, Avenida Rui Barbosa, 40, ap. 1501, Botafogo.
MARIA CREMILDA DE ARAÚJO, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.
MARIA LAIS MOURA MOUZINHO, Rua Prof. Ortiz Monteiro, 15, apart. 702, Laranjeiras.
MARIA LUIZA SERTÃ CAMÕES, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.
MÁRIO FERREIRA SIMÕES, Museu do índio, Maracanã.
NEYDE CARDOSO CASEIRA, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.
SUELY CARDIA MACHADO, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.
ZILENE DE FARIA JANNIBELLI, Serviço de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais.

**Paraná**

ALTIVA PILATTI BALHANA, Rua Fernando Simas, 247, Curitiba.
BRASIL PINHEIRO MACHADO, Rua Carlos de Carvalho, 1663, Curitiba.
ENY DE CAMARGO MARANHÃO, Avenida 7 de setembro, 5599, Curitiba.
JOSE' WILSON RAUTH, Museu de Arqueologia e Artes Populares, Paranaguá.
MARGARIDA DAVINA ANDREATTA, Rua Castro Alves, 1037, Curitiba.
MARIA DE LOURDES TAVARES, Rua Ângelo Sampaio, 2051, Curitiba.
MARIA DE LOURDES LEMOS MUNIZ, Rua Duque de Caxias, 476, Curitiba.
MARIA JOSE' MENEZES, Rua Saldanha Marinho, 1119, Curitiba.
MARÍLIA DUARTE NUNEZ, Coronel Dulcídio, 1176, Curitiba.
MÁXIMO PINHEIRO LIMA, Rua Buenos Aires, 457, Curitiba.
VALDEREZ DE SOUZA MÜLLER, Rua Ângelo Sampaio, 1700, Curitiba.
VLADIMIR KOZAK, Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Rua General Carneiro, 460, Curitiba.
WALDOMIRO BLEY JÚNIOR, Rua Cabral, 313, Curitiba.

# BIBLIOGRAFIA

CHARLES DARWIN: **The Origin of Species.** Introduction by Sir Julian Huxley. XV + 479 págs. Mentor Books. The New American Library. Nova York, 1958.

Com tôda razão afirma Ashley Montagu que, depois da Bíblia, nenhuma obra exerceu tamanha influência sôbre o espírito humano como "A Origem das Espécies" de Darwin. O centenário de sua primeira edição, que se comemora êste ano, dá ensejo, em todo o mundo científico, a uma tomada de consciência do profundo sentido revolucionário que as idéias expostas nesse livro tiveram para a Biologia, a Antropologia, a Psicologia e outros domínios de investigação.

Graças aos trabalhos de uma infinidade de pesquisadores no decorrer dêste últimos cem anos, principalmente no campo da Genética e da Paleontologia, ciências de formação recente, estamos hoje em condições de compreender melhor os múltiplos aspectos do problema da evolução dos sêres vivos, mas também, por outro lado, de avaliar com maior justeza o alcance da contribuição genial de Darwin. Indo, ou parecendo ir de encontro às mais ararigadas convicções religiosas, filosóficas, sociais ou científicas de representantes de diferentes esferas do pensamento humano, foi a teoria darwinista submetida, como nenhuma outra, aos rigores da crítica implacável e por vêzes violenta. Não obstante, falharam tôdas as tentativas de destruí-la. Tem resistido aos argumentos que se lhe opuseram e, entre os biólogos, os paleontólogos e os antropólogos de nossos dias, não há pràticamente quem a rejeite. Mesmo os poucos céticos concordam em que não dispomos de outra teoria científica em que se enquadrem, com a mesma naturalidade e lógica, os fatos observados. Certo, o princípio da seleção natural, como o formulou Darwin, não basta por si só para explicar todo o processo evolutivo dos sêres vivos, nem foi esta a pretensão de seu autor, mas a natureza causal dêsse mecanismo na diferenciação de plantas e animais ficou fora de dúvida desde a demonstração rigorosa e convincente feita pelo próprio Darwin. Quando, nos primeiros decênios dêste século, se constituiu a Genética, ciência da hereditariedade, não foram poucos os que julgavam incompatíveis os seus resultados com a teoria darwinista. Hoje êstes mesmos resultados servem para corroborá-la. Tanto maior o nosso respeito pela inteligência e pela capacidade de intuição de Charles Darwin, que, ignorando totalmente as leis biológicas da transmissão dos caracteres hereditários, e aceitando mesmo a transmissão das modificações adquiridas, conseguiu determinar um princípio básico do mecanismo pelo qual a natureza cria formas novas. Antes dos resultados da Genética experimental não havia prova concreta da possibilidade de uma espécie se poder transformar em outra; por seu turno, os efeitos da seleção natural sôbre a formação das raças, em Antropologia, ou variedades, em Zoologia e Botânica, eram de há muito reconhecidos mesmo pelos adversários da evolução. Os que continuam em posição de ceticismo ou que, pelo menos, não consideram "provada" a teoria evolucionista distinguem

entre micro-evolução ou evolução intra-específica, que já ninguém põe em dúvida, e macro-evolução, ou transespecífica, a que preside à formação de espécies novas e que naturalmente constitui postulado básico de tôda consideração de ordem filogenética. Se é certo que as próprias limitações inerentes às nossas possibilidades, já por causa da lentidão do processo, não nos permitem presenciar ou observar a emergência de espécies novas nas circunstâncias normais da natureza, e, com isso, fornecer aos céticos a "certeza" que exigem, não é menos certo que a evidência fornecida pela Genética experimental e pela Paleontologia de nossos dias, completando-se uma à outra, não deixaram de convencer a quase totalidade dos cientistas de que as espécies não são fixas, mas mutáveis. Há também céticos que, concordando embora em que a evolução vale de modo geral para as plantas e os animais, excetuam o homem, em virtude da posição especial que lhe cabe no conjunto dos sêres vivos. Entretanto, os dados da Antropologia somática e da Paleoantropologia moderna não justificam a exceção. Em todos os sentidos, o homem, enquanto animal, se enquadra perfeitamente nas leis que regem os demais sêres vivos. Por outro lado é claro que a natureza humana não se esgota na animalidade. Como o único ser criador de culturas, isto é, de suas próprias formas de vida, o homem se destaca de maneira inequívoca dentre todos os sêres vivos. Todavia, não temos, por enquanto, nenhum método científico para verificar se as manifestações de inteligência no mundo animal devem ou não ser interpretadas como estágios rudimentares da inteligência humana, nem tampouco para evidenciar que nos animais a capacidade de aprender é de fato essencialmente similar à faculdade humana de receber das gerações ascendentes o patrimônio integrado de experiências, de soluções e valores tradicionais do grupo, de saber, enfim, até que ponto são simplesmente quantitativas as diferenças entre os animais e o homem na adaptação eficiente a novas situações. Embora seja da alçada de psicológos e antropólogos a tarefa de investigar o problema pela aplicação dos métodos de que dispõem, a sua discussão é ainda da competência da especulação filosófica e do pensamento religioso. Conquanto Darwin afirmasse, algo tìmidamente, no capítulo final da "Origem das Espécies", que a teoria da seleção lançaria alguma luz sôbre o enigma das origens humanas, o que aliás, o seu livro posterior sôbre "A Descendência do Homem" e todo o desenvolvimento da ciência antropológica viriam comprovar em sentido pleno da palavra, e conquanto Julian Huxley, fazendo um retrospecto sôbre um século de estudos com recurso à teoria da evolução, não hesite em dizer que esta lançou luz até mesmo sôbre o destino da humanidade, reconhecemos que se trata de assuntos em que, como em nenhum outro, exceto o da origem da vida e da própria matéria, se manifestam os limites da ciência, cujas fronteiras aí se confundem com as da filosofia.

Isto em nada diminui a importância da contribuição de Darwin, antes a evidencia. Uma teoria científica comprova a sua grandeza na medida em que é capaz de ultrapassar-se a si própria e de fornecer uma perspectiva de pensamento que, transcendendo as questões particulares, determina as linhas mestras de tôda uma imagem do mundo, em que é capaz, enfim, de nos colocar ante a possibilidade de uma apreciação dos valores que prezamos e que motivam as nossas ações. Não há, pois, nenhum mal, muito ao contrário, em que uma teoria científica seja também uma teoria filosófica. Nem por isso ela precisa afetar as convicções religiosas, suposto que não deve haver nenhuma contradição entre a ciência e a religião, e

muito menos entre a Filosofia e a Fé, tôdas elas empenhadas no conhecimento da verdade, que é uma só.

**Egon Schaden**

BRIGITTE HANKE: **Darwin.** 70 págs. Orion-Bücher, Band 124. Verlag Sebastian Lux. Murnau, Munique, Innsbruck, Basiléia 1959.

Completou-se em 1959 o primeiro centenário da publicação de "A Origem das Espécies", de Charles Darwin, fato que se comemorou em todo o mundo com estudos sôbre a personalidade e a obra científica do grande naturalista inglês. O livrinho de Brigitte Hanke situa a obra de Darwin em face das idéias de seus precursores, estuda o papel decisivo de suas observações durante a viagem em tôrno do mundo na elaboração da teoria que o celebrizou, discute a essência do darwinismo e a reação dos críticos, as formulações neodarwinistas, a posição atual da teoria com relação às pesquisas modernas, especialmente no campo da Genética, e apresenta, a título de conclusão, uma sinopse da vida do sábio.

Trabalhos como êste, destinados não apenas a especialistas em Biologia e Antropologia, mas a qualquer leitor instruído, se tornam cada vez mais oportunos e mesmo necessários; em primeiro lugar, porque o interêsse pela teoria da evolução já não se restringe à esfera dos cientistas e filosófos, e, em segundo, por serem errôneas muitas das noções correntes a seu respeito. Arrancados do seu contexto, e passando para o domínio comum, expressões como "luta pela vida" e "sobrevivência do mais apto" foram destituídas de seu verdadeiro sentido, levando a uma visão caricatural de todo o sistema explicativo em que se enquadram. O descrédito do darwinismo perante muitas pessoas que dêle ouviram falar não é devido sòmente a velhos preconceitos, nem apenas a uma reação emocional à idéia da "ascendência simiesca" do homem ou a escrúpulos de ordem moral ou religiosa, mas em grande parte também a uma distorção, por vêzes inconsciente, do pensamento de seu autor. O centenário da grande obra foi ensejo oportuno para se recolocar em seus devidos têrmos, e em linguagem acessível a todos, o significado original das formulações darwinianas e, o que é igualmente importante, mostrar a posição que lhes cabe na fase atual do conhecimento científico.

O pequeno volume de Brigitte Hanke corresponde perfeitamente a essa tarefa. Da exposição, singela, mas sempre bem pensada, ressalta com admirável clareza que a solidez da contribuição de Darwin decorre, antes de mais nada, de duas características essenciais de seu espírito: de um lado, a capacidade de observar, com paciência a argúcia, os fenômenos da natureza viva; em segundo, a de relacionar entre si, através de princípios explicativos gerais, por sua vez integrados num sistema de compreensão mais amplo, a multiplicidade dos fatos observados. A vida científica de Charles Darwin é um dos exemplos mais ilustrativos de uma verdade elementar notória, mas muitas vêzes esquecida: de que "gênio" é, em sua maior parte, esfôrço sério e dedicação incansável ao trabalho. Essenciais embora, a inteligência arguta e a intuição não bastam, por si sós, para criar grandes obras científicas ou filosóficas. "A Origem das Espécies" é o fruto de mais de vinte anos de estudos e de meditação. As primeiras notas preliminares coligiu-as o sábio por volta de 1837; o livro foi publicado em 1859. E não fôra a coincidência de na mesma época um

outro naturalista inglês, Wallace, ter chegado a conclusões semelhantes às de Darwin sôbre a mutabilidade das espécies, o lançamento da obra dêste se teria adiado por mais uns dez ou vinte anos.

O autor da teoria da seleção natural sabia muito bem que êsse mecanismo, se bem que fundamental, é insuficiente para explicar o processo da formação das espécies. Na época em que seu livro saiu à luz nada se sabia das leis fundamentais que regem a hereditariedade. Eram os dias em que Mendel realizava as experiências que resultariam no conhecimento dessas leis. Nelas se alicerça a ciência da Genética, um dos ramos mais complexos da Biologia atual. Os dados da Genética, associando-se aos princípios darwinistas, e modificando-os em parte, vieram fundamentar a moderna teoria da evolução. Brigitte Hanke teve o cuidado de explicar, resumidamente, a maneira pela qual as pesquisas sôbre a hereditariedade em plantas em animais se ligam às idéias do naturalista inglês.

Não há dúvida de que o livrinho contribuirá bastante para uma compreensão mais justa da personalidade de Darwin e uma avaliação melhor de sua obra científica.

**Egon Schaden**

P. FR. ANSELMO SCHERMAIR E.: **Vocabulario Sirionó-Castellano**. Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft. Sonderheft 5. (Im Selbstverlag des Sprachwissenschaftlichen Seminars der Universität Innsbruck. 507 págs. Innsbruck, 1958.

O "Vocabulário Sirionó-Castellano" de Fr. Anselmo Schermair, dedicado ao 33.º Congresso Internacional de Americanistas, vem contribuir de maneira apreciável para o estudo dos dialetos do tupí-guaraní, cuja bibliografia, infelizmente, é bastante falha, quando confrontada com a riqueza da literatura do tupí e do guaraní dos primeiros séculos. O autor viveu mais de vinte anos de vida em comum com grupos nômades de Sirionó (Bolívia), ainda sem contactos acentuados com os brancos, e falando a sua língua primitiva. Tendo adquirido conhecimento profundo dêste dialeto, e desejoso de facilitar os serviços dos missionários europeus na faina de catequese, preparou êste copioso vocabulário bilíngüe e já tem pronto para publicação o vocabulário reverso (castellano-sirionó), além de uma gramática da língua, citada freqüentemente em grande número de verbetes.

A obra é das mais completas no seu gênero, pois compreende tôda classe de noções e nomes: plantas e sua utilização, animais com seus hábitos e características; doenças; parentesco, costumes, crenças etc. Através dos minuciosos verbetes, o autor não nos dá sòmente uma magnífica noção da estrutura da língua, remontando às suas raízes, mas desce a detalhes atinentes à flexibilidade ou elegância de formas, além de esclarecer peculiaridades fonéticas. Se o filólogo tem no "Vocabulário" de Fr. Schermair um verdadeiro manancial para os estudos dos dialetos tupí-guaraní, o etnólogo, por sua vez, também nêle encontrará informes dos mais valiosos sôbre diferentes aspectos da cultura dos Sirionó, incluídos em abono do conceito do vocábulo. Alguns exemplos, colhidos entre centenas de outros contidos no "Vocabulario", servirão para ilustrar nossas palavras:

— **ikwã** — lo que vive en el agua — es un animal fabuloso que, según las creencias de los Sirionós, vive dentro del agua de ciertas lagunas

(de ahí su nombre). Allí tiene sus "casas", hechas de hojas de palmera llamada "motacú". Los indios consideran a este animal como hombre-animal; dicen que tiene cabellos largos; que anda erecto como persona; que tiene pechos como mujer; que persigue a hombres para matarlos.

— **iratey** — árbol que causa dolor; árbol grande (llamado "ochoo"); tiene muchas espinas; su corteza contiene un jugo muy venenoso para los ojos; este jugo blanco sirve también para extraerse dientes enfermos, sin sentir dolor; sale a los dos o tres días el diente.

— **inãkõ** — especie de canasto grande que los Sirionós usan para llevar utensilios y cargas; lo dicen también "panacu" (Guarayismo).

Tais exemplos, supomos, deixam patente a maneira pela qual o autor orientou a redação dos verbetes, e quão preciosas são as suas informações. Todavia, ao lado destas qualidades positivas da obra, encontramos um aspecto inteiramente problemático, qual seja o da penetração do autor no campo da etimologia, no afã de "descifrar todas las palabras bisilábicas e polisilábicas para descubrir las raíces de que estuvieran compuestas". Se, por uma parte, os seus esforços em tentar atingir êste objetivo merecem louvores, por outro lado não é menos verdade que devem ser acatados com certa cautela, pois, conforme suas próprias palavras, **teve que dirigir aos índios** incontáveis e intermináveis perguntas; teve que examinar crìticamente as respectivas respostas e fazer rigorosas reflexões para poder formar, por último, deduções escrupulosas e irrefutáveis. Embora afirme que procedeu com absoluta crítica e até com ceticismo, pondo à margem tudo o que se lhe afigurava duvidoso, não desejando afirmar senão o certo e incontestável, não sabemos até que ponto as informações dos índios podem ser tidas como fidedignas. Aliás, o próprio autor reconhece que nem sempre a explicação dada pelos índios merece totalmente fé. Veja-se, p. ex., o verbete **a-ndua,** no qual, ao lado da significação ("hacerlo venir todo, a saber: a la memoria") encontramos a seguinte ressalva: "pero esta explicación dada por los mismos indios, no me satisface, ni me convence". Melhor teria sido, parece-nos, que o autor se tivesse limitado a dar o(s) significado(s) das palavras; o seu emprêgo na frase (como, aliás, o fêz de maneira brilhante); o uso correto desta ou daquela partícula etc., sem penetrar no campo etimológico.

Não queremos com isto dizer que as suas deduções sejam errôneas, mas ùnicamente salientar o fato de que sempre poderão existir dúvidas quanto à gênese dêste ou daquele vocábulo, principalmente considerando-se que o sirionó é um dialeto da grande família tupí-guaraní e que muitas das etimologias apresentadas pelo autor não encontram confirmação em outros cultores da língua (V., p. ex., Antonio Ruyz de Montoya e Batista Caetano de Almeida Nogueira). Além do mais, parece-nos que Fr. Schermair, para justificar muitas das suas deduções, partiu do principio de que os vocábulos foram "criados" pelos Sirionó, baseando-se em fatos relacionados com os padrões de comportamento dêstes índios. Os exemplos seguintes tornarão patente o que vimos afirmando:

— **a-karu** — traer algo agradable (a la boca); comer (en sentido absoluto).

— **karu** — tarde; en la tarde; tiene este sentido porque los Sirionós suelen comer en la tarde, cuando regresan de sus cacerías; durante el día se dedican a la caza, y en la tarde (casi al anochecer) se reunen a tomar su verdadera comida.

— **ñeenda** — lugar en que se habla, camino; la palabra **ñeenda** tiene este significado por la siguiente razón: los Sirionós casi siempre andan

por las selvas muy espessas y tupidas que no permiten ver muy lejos; logicamente, ven siempre y en todas partes peligros (sea de parte de dieras sea de parte de otros indios salvajes, enemigos suyos); por eso guardan el silencio más absoluto quando estan en plena selva, por donde vagan en sus cacerías; solamente cuando llegan a puntos más seguros y por donde tienen sus caminos se atreven a hablar; o con otras palabras: donde no hay peligro, se puede hablar; y, por donde no hay peligro, hay caminos.

— **e-resa** — es todo; todo el ser; sentido y explicación que me han dado los indios: en los ojos o en la vista está concentrada toda la vida; los ojos son lo más necesario para la vida; ojos, vista.

— **egatoguti** — c. (probablemente): **egato** + **guti:** "egato" amor que tiene su sede en el corazón, que se encuentra en el lado isquierdo del cuerpo; entonces sería la traducción literal: "por el lado del amor ( = corazón), lado isquierdo.

Não há dúvida, como êstes poucos exemplos deixam patente, que as deduções do autor devem ser acatadas com reservas.

Escoimada dêste aspecto, a obra de Fr. Schermair, reafirmamos, é de valor incontestável, e será de consulta obrigatória a todos os estudiosos do tupí-guaraní.

**Carlos Drumond**

ESTÊVÃO PINTO: **Muxarabis & Balcões e outros ensaios.** 362 págs., edição ilustrada. Brasiliana, vol. 303. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1958.

Justifica-se plenamente a decisão de Estêvão Pinto de reunir neste livro uma série de artigos e ensaios anteriormente publicados em revistas nacionais e estrangeiras. E' que as contribuições para a Antropologia brasileira, notadamente as que tratam de nossas populações aborígenes, estão, em sua maioria, espalhadas em periódicos de acesso nem sempre fácil, o que não raro significa grande perda de tempo para quem as precise consultar. O recente volume da Brasiliana deve, pois, ser recebido com aplausos. Nêle se enfeixam, além do trabalho "Muxarabis e balcões", que dá o título ao conjunto, os seguintes ensaios etnológicos e histórico-biográficos: Dados históricos e etnológicos sôbre os Pancararu do Taracatu (remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco), Sincretismo religioso afro-brasileiro, Primitivo e linguagem, O Arroz e os Tupiniquim da baía Cabrália, A "santidade", Práticas medicinais dos Tupí-Guaraní, Aspectos da educação entre os nossos remanescentes indígenas, Alguns ritos característicos dos Tupinambá do Brasil, Um mito cosmogônico dos Tupinambá, Introdução à história da Antropologia indígena no Brasil, Tendências atuais da Antropologia; O inglês "Henrique da Costa", Um homem que viveu a jogar com o destino, Um apaixonado do Recife antigo. Em alguns dêstes trabalhos os temas são tratados de forma relativamente sistemática, outros se reduzem a ligeiras observações sôbre o assunto.

Escritos em épocas diversas, vários dêles tiveram de ser atualizados, o que o autor procurou fazer através de notas no fim dos respectivos capítulos. E' claro que não se haveria de exigir que reescrevesse os textos para pô-los em dia. Caberia, porém, uma revisão mais cuidadosa, a fim de se eliminarem os lapsos principais.

Nem sempre, o que é inevitável, o leitor acompanhará o autor em suas conceituações ou interpretações. O muxaribi, tipo de balcão comum

na arquitetura colonial brasileira, e descrito como elemento característico da "cultura berbero-arábica", é designado como "complexo cultural", por causa de sua ligação com "costumes sociais de formação mourisca" (pág. 24). Tal emprêgo do conceito de "complexo cultural" não nos parece feliz; a nosso ver a escolha de um determinado elemento no intuito de através dêle, caracterizar todo um complexo deveria incidir de preferência num elemento não acidental, mas nuclear, ou pelo menos essencial para a compreensão do conjunto. E' o que se faz quando, em Antropologia, se fala no complexo da mandioca, no do cavalo e assim por diante.

Vários assuntos mereceriam tratamento menos superficial. Escudado numa bibliografia de dezenas de títulos, Estêvão Pinto estuda, num capítulo de quatro páginas, as analogias ou correspondências entre os pajés tupinambá e as "santidades", como a que chefiou o movimento sebastianista de Pedra Bonita. Chega à conclusão de que a "santidade" "tem as suas raízes no pajé" (pág. 84), sem, no entanto, aprofundar a discussão do problema das origens culturais do sebastianismo brasileiro e sem analisar satisfatòriamente a liderança religiosa entre os Tupinambá. A êste respeito, ensina-nos, numa nota, ter sido refutada por Florestan Fernandes uma teoria nossa, "a de o poder político dos pajés basear-se em suas fôrças sobrenaturais" (pág. 88). Entretanto, não há aí nenhuma teoria, mas apenas duas opiniões contrárias.

Ao discorrer sôbre as tendências atuais da Antropologia, Estêvão Pinto perdeu excelente oportunidade de dar ao leitor brasileiro uma idéia precisa dos temas centrais da moderna Ciência do Homem e dos métodos nela empregados. Quais as bases teóricas da atual imagem científica da natureza humana? Quais as conseqüências a que levam as diferentes perspectivas — a histórico-cultural, a funcionalista, a estruturalista e outras mais — na formulação e no tratamento dos problemas que o antropólogo se propõe investigar? Estará certo que a "própria finalidade" da Antropologia moderna se resumiria, preponderantemente, no estudo "dos fenômenos provenientes dos contactos de cultura"? Estas e outras perguntas fá-las-á por certo o leitor desprevenido das poucas páginas com que o autor remata a segunda parte do volume.

O trabalho melhor do livro, e também o mais extenso, é o dedicado à contribuição seiscentista para o conhecimento das culturas indígenas do Brasil. Apesar de algumas pequenas contradições, entre elas a caracterização baseada em Almir de Andrade, do Padre Nóbrega como a um tempo intolerante e objetivo em sua atitude em face dos índios (pág. 194), o autor informa, de maneira sempre viva e interessante, sôbre o conteúdo etnográfico dos relatos deixados pelos primeiros viajantes, cronistas e missionários que estiveram entre os índios da faixa litorânea e salienta também, de permeio, a forma assumida pelas relações entre os aborígenes e os adventícios. Trata-se de um dos melhores estudos históricos até hoje escritos sôbre aquela fase inicial, pré-científica, da Etnografia brasileira. A sua leitura deve ser recomendada principalmente aos estudantes universitários que procurem ter uma primeira orientação segura sôbre a matéria.

Com seus altos e baixos, os seus trabalhos de cunho mais analítico alternando com páginas ligeiras, escritas ao correr da pena, o volume, encarado em conjunto, representa sem dúvida um enriquecimento da literatura antropológica do Brasil.

**Egon Schaden**

CHARLES WAGLEY e MARVIN HARRIS: **Minorities in the New World.** Six Case Studies. XVI + 320 págs. Columbia University Press. Nova Iorque, 1958.

Êste livro é mais um de tantos excelentes trabalhos que vêm surgindo como resultado do interêsse da Unesco com relação aos grupos minoritários. Na realização do programa apresentado em 1952, a Unesco convidou especialistas de diversos países para elaborarem uma série de monografias independentes sôbre grupos minoritários específicos. Resultaram daí seis relatórios: o de Darcy Ribeiro, sôbre as populações indígenas do Brasil; o de Michel Leiris, sôbre as populações não-européias das Índias Ocidentais Francesas; o de um grupo de estudiosos sob a direção de Alfonso Caso, sôbre as populações indígenas do México; o de Harry J. Walker, sôbre o negro nos Estados Unidos; o de Gabriele Wulker, sôbre as populações de origem estrangeira na República Federal Alemã; e, finalmente, o de Milos Radojcovic, sôbre os grupos minoritários da Iugoslávia.

Na tentativa de unificar as conclusões e sugestões dêsses diferentes trabalhos, a fim de se chegar a generalizações válidas para as minorias em geral, a Unesco convidou os autores dêste livro a prepararem uma obra de síntese, utilizando as seis monografias. No planejamento do trabalho, entretanto, os autores preferiram considerar apenas as quatro monografias sôbre minorias americanas e, incluindo, além disso, dois estudos originais sôbre grupos minoritários de origem européia, a saber, os franceses do Canadá e os judeus dos Estados Unidos, limitar o estudo de casos ao quadro de referência comum oferecido pelas Américas.

O objetivo do livro é duplo. Em primeiro lugar, tornar acessível ao público os resultados dos relatórios apresentados originàriamente à Unesco, dos quais apenas dois até agora publicados: o de Alfonso Caso e o de Harry J. Walker. Além disso, os autores procuram, através do método de estudo de casos, e utilizando a abordagem comparativa em Antropologia, chegar a generalizações que possam ser eventualmente testadas em condições mais variadas.

O primeiro dêsses objetivos foi plenamente alcançado. Indubitàvelmente, a apresentação dos resultados de quatro dos relatórios iniciais, acrescidos dos dois estudos sôbre minorias de origem européia na América, enriquece sobremodo o material existente sôbre o problema. De particular interêsse para nós é o excelente capítulo sôbre os indígenas brasileiros, mormente pela reprodução concisa e fiel dos principais aspectos do estudo de Darcy Ribeiro. O capítulo inclui uma apreciação histórica do contacto das populações indígenas com a população de origem européia, bem como uma análise das atuais situações de contacto. Nesta se evidencia a inoperância da política oficial de caráter humanitário, iniciada com Rondon, enquanto persistem as condições que trouxeram, no passado, a extinção de tantos grupos indígenas. Incluem elas a mortalidade decorrente do contágio de moléstias contra as quais os grupos indígenas não possuem imunidade os problemas de choque cultural e conseqüente desorganização social decorrentes da enorme diferença de cultura entre as populações em contacto. Dentro dêste esquema, a preservação dessas minorias só poderia ser alcançada pelo seu isolamento e contrôle das condições de mudança. Entretanto, hoje, como no passado, êsse isolamento não pode ser estabelecido em virtude do interêsse na exploração econômica das áreas ocupadas pelas populações indígenas, interêsse que decorre da expansão da fronteira econômica da sociedade nacional. Nessas condições, a ação do Ser-

viço de Proteção aos Índios só pode se limitar, como de fato se tem limitado, a evitar conflitos armados na situação de contacto inicial, sem que sua ação posterior tenha conseguido prevenir a quase \total extinção dos grupos tribais depois de estabelecidos contactos permanentes com a população brasileira.

Quanto à parte mais geral do trabalho, encerra ela poucos elementos teóricos novos para a investigação científica do problema das minorias. A contribuição positiva se prende menos à originalidade das conclusões do que a uma revisão muito bem feita e extraordinàriamente sugestiva dos problemas teóricos já levantados sôbre o assunto, de modo a fornecer um esquema de investigação, de caráter antropológico, pelo qual se possam orientar futuros pesquisadores em quaisquer situações concretas. Através da análise das características dos grupos minoritários e do emprêgo do método histórico-comparativo em Antropologia, os autores isolam os elementos centrais para a discussão do problema. Êstes incluiriam a compreensão 1) do processo geral de formação das minorias como resultantes da constituição de unidades políticas complexas de tipo estatal; 2) das relações entre grupos minoritários e grupo dominante ("minority" e "majority", na terminologia dos autores), nos seus aspectos estruturais, especialmente quanto às possibilidades de conflito criadas pelas próprias condições de existência das minorias, que envolvem o etnocentrismo e a endogamia; 3) das causas de conflito, que são relacionadas à existência de competição entre maioria e minoria pela posse de elementos valorizados pela sociedade mais ampla. Dentro dêste esquema geral é que são colocados os problemas de análise das situações concretas em que se manifesta o conflito. Nesta análise os autores distinguem dois elementos principais: 1) a "capacidade adaptativa da minoria", definida como "aquêles elementos da cultura da minoria que a provêm de uma base para competir mais ou menos efetivamente com o grupo dominante..." (pág. 264); 2) a "arena da competição", definida como "os recursos e 'valuables' pelos quais a minoria e a maioria competem, as vantagens que a maioria procura tirar da presença da minoria e da perpetuação de seu status subordinado, as oportunidades gerais ou as barreiras à ascensão inerentes às condições econômicas ideológicas e de organização social da sociedade mais ampla" (pág. 264).

Definido êste sistema de referência, é êle usado para a análise da situação em que se encontram as minorias apresentadas na parte descritiva, definindo-se os elementos do esquema de referência para cada uma das situações concretas.

Finalmente, os autores procuram definir as possibilidades de ajustamento das minorias estudadas, levando em consideração tanto os objetivos de cada uma (conforme a tipologia de Louis Wirth) como as condições para a sua consecução existentes na sociedade mais ampla.

Essa análise evidencia a utilidade e praticabilidade do esquema interpretativo, que constitui a contribuição mais importante do trabalho.

**Eunice Ribeiro Durham**

AUGUSTO CARDICH: **Los Yacimientos de Lauricocha.** Nuevas interpretaciones de la Prehistoria Peruana. VI + 65 págs., com 27 figs. no texto e 19 pranchas. Studia Praehistorica. Centro Argentino de Estudios Prehistóricos. Buenos Aires, 1958.

Augusto Cardich, engenheiro-agrônomo e aluno da "Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata", vem se dedicando há

vários anos a pesquisas geográficas e arqueológicas na região alto-andina do Peru, interessando-se especialmente pelas culturas pré-cerâmicas e pré-agrícolas, sôbre as quais os dados são ainda tão escassos. Êste livro apresenta o resultado de escavações por êle realizadas na região do lago Lauricocha, que revelaram uma série de documentos sôbre essas culturas mais primitivas.

A avaliação inicial do material das escavações e uma revisão dos estudos já realizados sôbre êste período da pré-história peruana levam Cardich a propor uma nova cronologia em que se incluem as jazidas investigadas. Se confirmados por estudos posteriores, êsses resultados duplicarão o período conhecido da pré-história andina, pois as camadas mais antigas descobertas por Cardich teriam, segundo êle, uma idade de uns 10.000 anos.

O estudo das características geográficas primitivas das várias regiões andinas leva o Autor a uma apreciação positiva das possibilidades de subsistência para povos de cultura pré-agrícola, nas zonas de altitude superior a 3.700 m, que teriam constituído um verdadeiro corredor de migração para os antigos povoadores da região meridional da América do Sul. E' justamente nesta região mais elevada que se realizaram as escavações de Lauricocha, em número de sete, tôdas férteis em elementos líticos de grande antigüidade. O autor distingue aí cinco estratos culturais diferentes, das quais apenas os dois mais recentes com restos de cerâmica. Cinco escavações realizadas a 30 km de Lauricocha, em altitudes menores, não revelaram traços dessas culturas pré-cerâmicas mais antigas.

O volume inclui uma descrição das características geográficas e geológicas da região, ilustrada com grande número de fotografias, assim como uma descrição das jazidas, ilustrada com gráficos. Segue-se uma descrição sumária dos achados, completada com fotografias de objetos das camadas mais recentes e desenhos de alguns dos instrumentos encontrados nos três estratos mais inferiores.

**Eunice Ribeiro Durham**

# PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

**ACOSTA SAIGNES, MIGUEL: Historia de los Portugueses en Venezuela.** 79 pp. Publicaciones de la Dirección de Cultura de la Universidad Central de Venezuela. Caracas, 1959.

**ADAMS, RICHARDS N.: A Community in the Andes. Problems and Progress in Muquiyauyo.** XIV + 251 pp., with 3 maps and 2 figs. University of Washington Press. Seattle, 1959.

**AULER, GUILHERME: A Companhia de Operários 1839-1843.** Subsídios para o estudo da imigração germânica no Brasil. VII + 113 pp. Arquivo Público Estadual. Imprensa Oficial. Recife, 1959.

**AZEVEDO, THALES DE: Gaúchos. A Fisionomia Social do Rio Grande do Sul.** 2a. edição, revista e ampliada. 146 pp. Coleção de Estudos Brasileiros, Série Cruzeiro, vol. 15. Livraria Progresso Editôra. Salvador, 1958.

—— **Ensaios de Antropologia Social.** 183 pp. Publicações da Universidade da Bahia. Salvador, 1959.

—— **Problemas Sociais da Exploração do Petróleo na Bahia.** 18 pp. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador, 1959.

**AZEVEDO, THALES DE; SAMPAIO, NELSON DE SOUZA; MACHADO NETO A. L.: Atualidade de Durkheim.** 128 pp. Publicações da Universidade da Bahia, 11-16. Salvador, 1959.

**BALDUS, HERBERT: Contribuição à lingüística gê.** Sep.: Miscellanea Paul Rivet, pp. 23-41, com uma fotografia. México, 1958.

—— **Cândido Mariano da Silva Rondon, 1865-1958.** Sep.: Revista do Museu Paulista, n. s., 10, pp. 283-293, com 1 fot. São Paulo, 1956-58.

**BASTIDE, ROGER; FERNANDES, FLORESTAN: Brancos e Negros em São Paulo.** 2a. edição, revista e ampliada. XIX + 371 pp. Brasiliana, vol. 305. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1959.

**BLIXEN, OLAF: La obra de Paul Rivet en la lingüística americana.** Sep.: Revista del Instituto de Estudios Superiores, 3, pp. 350-358. Montevideo, 1958.

**BOONE, OLGA: Bibliographie Ethnographique du Congo Belge et des régions avoisinantes.** 1955, 300 p.; 1956. 325 pp.; 1957, 231 pp. Musée Royal du Congo Belge. Tervuren, 1957, 1958 e 1959.

**BREITINGER, EMIL; HAEKEL, JOSEF; PITTIONI, RICHARD** (Herausgeber): **Beiträge Österreichs zur Erforschung der Vergangenheit und Kulturgeschichte des Menschheit.** Bericht über das erste österreichische Symposion auf Burg Wartenstein bei Gloggnitz, 8-12. September 1958. 238 pp. Ferdinand Berger. Horn, 1959.

**BRUENING, P. HUBERTO: A Avoante.** 19 pp. Coleção Mossoròense, n.º 53. Mossoró, 1959.

**CADOGAN, LEÓN: The Eternal Pindó Palm and Other Plants in Mbyá-Guaraní Myth and Legend.** Sep.: Miscellanea Paul Rivet, pp. 87-96. México, 1958.

**CARDICH, AUGUSTO: Los Yacimientos de Lauricocha. Nuevas interpretaciones de la Prehistoria Peruana.** VI + 65 pp., con 27 figs. y 19 láminas. Studia Praehistorica, I. Centro Argentino de Estudios Prehistóricos. Buenos Aires, 1958.

**CARVALHO NETO, P. DE: "La Rúa": Una danza dramática de moros e cristianos en el folklore paraguayo.** Sep.: Miscellanea Paul Rivet, pp. 617-644, con ilustr. México, 1958.

**CASLEY-SMITH, J. R.: Blood Pressures in Australian Aborigines.** Sep.: The Medical Journal of Australia, 9 de maio de 1959, pp. 627-633.

**CASTRO, MAVIGNIER DE: Amazônia Panteísta.** 177 pp. Sérgio Cardoso & Cia. Ltda. Manaus, 1958.

**CASTRO, FARIA, L. de: A Arte Animalista dos Paleoameríndios do Litoral do Brasil.** 15 pp., com 22 figs. fora do texto. Publicações Avulsas, n.º 24. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1959.

—— **A contribuição de E. Roquette-Pinto para a Antropologia Brasileira.** 14 pp., com 5 figs. fora do texto. Publicações Avulsas. n.º 25. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1959.

—— **A Figura Humana na Arte dos Índios Karajá.** 15 pp., com 18 figs. fora do texto. Publicações Avulsas, n.º 26. Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1959.

**COMAS, JUAN: La deformación cefálica intencional en la región del Ucayali, Perú.** Sep.: Miscellanea Paul Rivet, pp. 109-119, con 5 figs. México, 1958.

—— **El índice cnémico en tibias prehispánicas y modernas del Valle de México.** 55 pp., con 4 figs. Cuadernos del Instituto de Historia. Série Antropológica, n.º 5. Universidad Autónoma de México. México, 1959.

—— **Crítica científica y espíritu universitario.** 47 pp. México, 1959.

—— **L'Anthropologie américaine et le diffusionisme de P. Laviosa Zambotti.** Sep.: Volume de Homenagem ao Prof. Doutor Mendes Corrêa, pp. 43-52. Pôrto, 1959.

—— **La Misión Andina y la aculturación indígena.** Sep.: América Indígena, 19, pp. 169-177. México, 1959.

**CRUXENT, J. M.; ROUSE, IRVING: An Archeological Chronology of Venezuela.** Vol. I. XIV + 277 pp. Social Science Monographs, VI. Pan-American Union. Washington, 1958.

**DRUCKER, PHILIP; HEIZER, ROBERT F.; SQUIER, ROBERT J.: Excavations at La Venta, Tabasco, 1955.** With Appendixes by Jonas E. Gulberg, Garniss H. Curtis, and A. Starker Leopold. VIII + 312 pp., with 81 text figures and 63 plates. Bulletin 170. Bureau of American Ethnology. Smithsonian Institution. Washington, 1959.

**ESPEJO NÚÑEZ, JULIO: Monumentos Arqueológicos en el "piso" superior del Valle de Chavín.** Sep.: Actas del Segundo Congreso Nacional de Historia del Perú. Lima, 1958; págs. 123-136, con ilustr. Lima, 1959.

**ESPEJO NÚÑEZ, TEÓFILO: Formación Universitaria de Julio C. Tello.** 73 pp. Lima, 1959.

**FERNANDES, FLORESTAN: Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica.** XIX + 378 pp. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1959.

**FERNANDES, JOSE' LOUREIRO: Os índios da Serra dos Dourados (os Xetá).** Sep.: Anais da III Reunião Brasileira de Antropologia, pp. 27-46. Recife, 1959.

**FLACHSKOPF, LUDWIG; TRIMBORN, HERMANN** (Herausgeber): **Volksdichtung der Ketschua.** In den Tälern von Cochabamba gesammelt von Jesús Lara. 166 pp. Dietrich Reimer. Berlim, 1959.

**FREYRE, GILBERTO: Problemas Brasileiros de Antropologia.** 2a. edição, revista e aumentada. LXXIV + 323 pp., com 8 ilustrações. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1959.

—— **Ordem e Progresso.** 2 tomos. CLXIX + 793 pp., com 37 ilustrações. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1959.

**FREIRE-MAIA, NEWTON: Inbreeding in Brazil.** Sep.: American Journal of Human Genetics, 9, pp. 284-298, with 3 figs. 1957.

—— **Effect of inbreeding levels of populations on incidence of hereditary traits due to induced recessive mutations.** Sep.: Effect of Radiation on Human Heredity, pp. 151-156. Genebra, 1957.

—— **Inbreeding levels in different countries.** Sep.: Eugenical News, 4, pp. 127, with 2 figs. and 9 tables. Nova York, 1957.

—— **Consanguineous marriages in Brazil.** I. Structure of such marriages. II. Factors of geographic distribution. Sep.: Eugenics Quarterly, 5, pp. 105-114. Nova York, 1958.

—— **Consanguineous marriages in Brazil.** III. A note on the relation of inbreeding with deaf-mutism, mental retardation and speach defects. Sep.: Revista Brasileira de Biologia, 18, pp. 219-222. Rio de Janeiro, 1958.

—— **Efeitos genéticos das radiações no homem.** Sep.: Revista Brasileira de Radiologia, 1, pp. 126-132. 1958.

**FREIRE-MAIA, N.; QUELCE-SALGADO, A.; AMUNDSEN KOEHLER, R.: Hereditary bone aplasias and hypoplasias of the upper extremities.** Sep.: Acta Genetica et Statistica Medica, 9, pp. 33-40. Basiléia e Nova Iorque, 1959.

**FREIRE-MAIA, N; QUELCE-SALGADO, A; FREIRE-MAIA: Hand clasping in different ethnic groups.** Sep.: Human Biology, 30, pp. 281-291. 1958.

**GENOVÉS T., SANTIAGO: El Oreopithecus en la Evolución de los Homínidos.** Cuadernos del Seminário de Proglemas Científicos y Filosóficos, 2a. série, n.º 16 (pp. 97-114). Universidad Nacional de México. México, 1959.

**GENOVÉS T., SANTIAGO; MESSMACHER, MIGUEL: Valor de los patrones tradicionales para la determinación de la edad por medio de las suturas en craneos mexicanos (indígenas y mestizos).** 55 pp. Cuadernos del Instituto de Historia. Série Antropológica, n.º 7. Universidad Nacional de México. México, 1959.

**GIRARD, RAFAEL: Guatemala en el XXXIII Congreso Internacional de Americanistas.** 88 pp., con fotografías. Guatemala, 1958.

**GRIMM, HANS: Die Plastik der vorderen Rumpfwand als Kennzeichen des "Kleinkindertypus".** Sep.: Ärztliche Jugendkunde, 52, pp. 18-23, mit 10 Abb. Leipzig.

—— **Völkerkunde und moderne Medizin.** Sep.: Wissenschaftliche Zeitschrift der Karl-Marx-Universität Leipzig, 8. Jahrg., Gesellschafts- und Sprachwissenschaftliche Reihe, Heft 2. 1958/59.

**GUDSCHINSKY, SARAH G.: Mizatec Dialect History. A Study in Miniature.** Sep.: Language, 34, pp. 469-481, with 1 map. 1958.

**HEITHERSAY, G.: A Dental Survey of the Aborigines at Haast's Bluff, Central Australia.** Sep.: The Medical Journal of Australia, 30 de maio de 1959, pp. 721-729, 6 figs.

**HILBERT, PETER PAUL: Achados arqueológicos num sambaqui do baixo Amazonas.** 22 pp., com 2 mapas e 17 estampas. Publicação n.º 10. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Belém, 1959.

**IBARRA GRASSO, DICK EDGAR: Das Altpaläolithikum in Amerika.** Sep.: Zeitschrift für Ethnologie, 82 pp. 170-197, mit 6 Abb. Brunsvique, 1958.

**KOPPERS, WILHELM: Prophetismus und Messianismus als völkerkundliches und universalgeschichtliches Problem.** Sep.: Saeculum, 10, pp. 38-47. 1959.

**LAMBERT, JACQUES: Os dois Brasis.** 288 pp. Série Sociedade e Educação. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro, 1959.

**LAMING, ANETTE; EMPERAIRE, JOSE': A jazida José Vieira. Um sítio guarani e pré-cerâmico do interior do Paraná.** 142, com ilustr. Arqueologia N.º 1, Secção I. Departamento de Antropologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade do Paraná. Curitiba, 1959.

**LONGACRE, ROBERT E.: Items in Context. Their Bearing on Translation Theory.** Sep.: Language, 34, pp. 482-491. 1958.

**Los Selvícolas en Marcha.** 95 pp., ed. ilustr. Lima, 1959.

**MCKAUGHAN, HOWARD: The Inflection and Syntax Of Manarao Verbs.** VIII + 59 pp. Publications of the Institute of National Language. Manila, 1958.

**MATTESON, ESTHER; PIKE, KENNETH L.: Non-Phonemic Transition Vocoids in Piro (Arawak).** Sep.: Miscellanea Phonetica, 3, pp. 22-30. 1958.

**MATTOSO CAMARA JR., J.: Princípios de Lingüística Geral.** 3a. edição, revista e aumentada. 406 pp. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro, 1959.

**MEGGERS, BETTY J.; EVANS, CLIFFORD: Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas.** Sep.: Arquivos do Museu Nacional, 44, pp. 9-33, com 4 figs. Rio de Janeiro, 1958.

**MONTENEGRO, ABELARDO F.: História do fanatismo religioso no Ceará.** 77 pp. Fortaleza, 1959.

**MONTEIRO, MARIO YPIRANGA: Memória sôbre a cerâmica popular do Manaquiri.** 39 pp., com 15 figs. e 1 mapa. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Antropologia, Publicação n.º 1. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Rio de Janeiro, 1957.

**NASCIMENTO, VAMIREH CHACON DE ALBUQUERQUE: Introdução ao Problema da Sociologia do Direito.** 118 pp. Recife, 1959.

—— **Soziologische Forschungen in Lateinamerika.** Sep.: Soziale Welt, 10, pp. 66-69. Göttingen, 1959.

**OBEREM, UDO: Diego de Ortegóns Beschreibung der "Gobernación de los Quijos, Zamuco y la Canela".** Ein ethnographischer Bericht aus dem Jahre 1577. Sep.: Zeitschrift für Ethnologie, 83, pp. 230-251, mit 1 Abb. Brunsvique, 1958.

**ORTA NADAL, RICARDO: La doctrina de las edades del mundo en la tradición de la India brahmánica.** 35 pp. Estudios Orientales, n.º 4 (A). Rosario, 1958.

—— **Los inicios de la actividad histórica en las sociedades ágrafas.** 32 pp. Sep.: Anuario del Instituto de Investigaciones Históricas, 3. Rosario, 1959.

**PEREIRA JÚNIOR, JOSE' ANTHERO: Escôrço sôbre sambaquis.** Repr. de "Geográfica", VII, n.º 7, dezembro de 1957. Texto corrigido. 6 pp., com ilustr. São Paulo, 1958.

**PHILIPSON, J.: A conversa de Ñandejára dos índios Kayuá.** Sep.: Miscellanea Paul Rivet, pp. 431-433. México, 1958.

**PIKE, KENNETH I.: Interpretation of Phonology, Morphology, and Syntax,** Sep.: Proceedings of the VIII International Congress of Linguists, pp. 363-387.

—— **Grammemic Theory.** Sep.: General Linguistics, 2, pp. 35-41. Lexington, 1957.

**RIBEIRO, RENE': Vitalino, Ceramista popular do Nordeste.** Fotos de Marcel Gautherot e Cecil Ayres, resumos de Samuel Mac Dowell Filho. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 1959.

**RICHTER, ERWIN: Das Osterei in der Volksmedizin.** Sep.: Therapeutische Berichte, 30, 71. 1958.

—— **Psychologische Voraussetzungen und weltanschauliche Grundlagen eines Krankheitsglaubens mit Ostereiern als Volksheilmittel.** Sep.: Medizinische Monatsschrift, Heft 7, pp. 443-448. Stuttgart, 1959.

**ROBERTS, JR., FRANK H. H.** (Editor): **Rivers Basin Surveys Papers.** Inter-Agency Archeological Salvage Program, Numbers 9-14. IX + 392 pp., with 78 plates, 13 figs. and 9 maps. Bulletin 169. Bureau of American Ethnology. Smithsonian Institution. Washington, 1958.

**RUSSEL, ROBERT: Algunos morfemas de Amahuaca (Pano) que equivalen a la entonación en castellano.** Sep.: Perú Indígena, 6, pp. 29-33, com 2 fot. y un mapa. Lima, 1958.

**SARMENTO, ALEXANDRE: Novos subsídios para o estudo dos grupos sanguíneos nos mestiços de Angola.** Sep.: Jornal do Médico, 38, pp. 362-367. 1959.

—— **Contribuição para o estudo da Sero-Antropologia dos Huambos.** Sep.: Medicamenta, n.º 335, pp. 3-6, com 3 figs. Lisboa, 1959.

—— **População indígena de Angola. II — Distrito de Benguela.** Sep.: O Médico, n.º 401, 13 pp. 1959.

**SCHWARTZ, COLIN J., CASLEY-SMITH, JOHN R.: Serum Cholesterol Levels in Atherosclerotic Subjects and in the Australian Aborigines.** Sep.: The Medical Journal of Australia, 19 de julho de 1958, pp. 84-86.

**SERRANO, ANTONIO: Manual de la Cerámica Indígena.** 15 pp., con 65 dibujos y 60 ilustraciones fuera de texto. Editorial Assandri. Córdoba, 1958.

**SPENCER, ROBERT F.: The North Alaskan Eskimo: A Study in Ecology and Society.** 490 pp., with 2 text figures, 4 maps and 9 plates. Bulletin 171. Bureau of American Ethnology. Smithsonian Institution. Washington, 1959.

**SWANSON, JR., EARL H.: Theory and History in American Archaeology.** Sep.: Southwestern Journal of Anthropology, 15, pp. 120-124. Albuquerque, 1959.

**THOMAS, WILLIAM I.; ZNANIECKI, FLORIAN: The Polish Peasant in Europe and America.** 2a. edição, revista. 2 vols. XV + 2250 pp. Dover Publications, Inc. Nova York, 1958.

**TRIMBORN, HERMANN: Das Alte Amerika.** 160 pp., mit 112 Tafeln, sowie 4 Farbtafeln. Grosse Kulturen der Frühzeit, Neue Folge, Band 4. Gustav Kilpper Verlag. Stuttgart, 1959.

**VÁSQUEZ, W.: Los Karayá: Una Sociedad Ágrafa.** 26 pp., con 6 figs. Facultad de Humanidades y Ciencias. Montevidéu, 1959.

**VIDART, DANIEL D.: El Caballo y su Influencia en América Indígena.** 56 pp. Publicación N.º 2. Departamento de Sociología Rural. Ministerio de Ganaderia y Agricultura. Montevidéo, 1958.

**VOLKER, T.: The Japanese Porcelain Trade of the Dutch East India Company after 1683.** 92 pp., XXIV pl. Mededelingen van het Rijksmuseum voor Volkenkunde, N.º 13. Leide, 1959.

**WHITE, LESLIE A.: The Concept of Culture.** Sep.: American Anthropologist, 61, pp. 227-251, 1959.

—— **The Concept of Evolution in Cultural Anthropology.** Sep.: Evolution and Anthropology: A Centennial Appraisal: 22 pp. Washington, 1959.

**WILBERT, JOHANNES: Datos antropológicos de los indios Piaroa.** Sep.: Memoria de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, 18 (N.º 51), pp. 155-183, con 5 fotogr. Caracas, 1958.

—— **Zur Kenntnis der Yabarana.** 72 pp., mit Abb. Antropológica, Supplementband N.º 1. Colônia, 1959.

**WILKINSON, GWENDOLINE K.; DAY, ALLAN J.; PETERS, J. ANDREW; CASLEY-SMITH, J. R.: Serum Proteins of Some Central and South Australian Aborigines.** Sep.: The Medical Journal of Australia, 2 de agôsto de 1958, pp. 158-160.

**WISE, MARY RUTH: Diverse Points of Articulation of Allophones in Amuesha (Arawak).** Sep.: Miscellanea Phonetica, 3, pp. 15-21. 1958.

**ZERRIES, OTTO: Einige völkerkundliche Notizen über die Puinave-Indianer.** Sep.: Miscellanea Paul Rivet, pp. 583-598, mit 1 Karte und 11 Abb. México, 1958.

—— **Beiträge zur Anthropologie der Waika- und Schiriana-Indianer im Grenzgebiet zwischen Venezuela und Brasilien.** Sep.: Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie, 50, pp. 31-41, mit 5 Tafeln und 1 Kartenbeilage. Stuttgart, 1959.

## PERIÓDICOS

**Acta Praehistorica.** II; 1958. Buenos Aires.

**Alma Mater.** N.ºs 1-2; janeiro-junho de 1959. Belo Horizonte.

**América Indígena.** Vol. XIX, n.ºs 2 e 3; abril e julho de 1959. México.

**Anales del Instituto Nacional de Antropología e Historia.** Tomo IX, n.º 38; 1957. México.

**Anales de Arqueología e Etnología.** Tomo XIII; 1957. Mendoza.

**Anais do Museu Histórico Nacional.** Vol. IX; 1948. Rio de Janeiro.

**Annali Economico-Sociali della Sardegna.** Serie I, vol. I; 1958. Cagliari.

**Anthropologica.** N. S., Vol. I, n.ºs 1-2; 1959. Ottawa.

**Anthropological Quarterly.** Vol. 32, n.ºs 2 e 3; abril e julho de 1959. Washington.

**Anthropos.** Vol. 54, fasc. 1-2 e 3-4; 1959. Posieux.

**Antiquity and Survival.** Vol. II, n.º 4; 1958. Haia.

**Antropológica.** N.º 6; 31-1-1959. N.º 7; 31-5-1959. Caracas.

**Archives Suisses d'Anthropologie Générale.** Tomo XXIII; 1958. Genebra.

**Baessler-Archiv.** N. F., Bd. VI (XXXI. Bd.), Heft 2; 1958. Bd. VII (XXXII. Bd.), Heft 1; 1959. Berlim.

**Blumenau em Cadernos.** Tomo II, n.ºs 4-11; de abril a novembro de 1959. Blumenau.

**Boletim Alagoano de Folclore.** Ano III, n.º 3; maio de 1958. Maceió.

**Boletim do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais.** Ano II, n.ºs 2 e 3; maio e julho de 1959. Rio de Janeiro.

**Boletim do Instituto de História Natural,** Geologia, 1 e 2; 1958. Curitiba.

**Boletim Geográfico.** Ano XV, n.ºs 140 e 141; setembro-outubro e novembro-dezembro de 1957. Ano XVI, n.ºs 142-145; de janeiro-fevereiro a julho-agôsto de 1958. Rio de Janeiro.

**Boletín de la Biblioteca Nacional.** Anos XIII-XIV, N.ºs 19-20; 1956-1957. Lima.

**Boletín del Instituto de Folklore.** Vol. III, n.º 5; agôsto de 1959. Caracas.

**Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research.** N.º 1, 1958. Viena.

**CEPS Boletim (Boletim do "Centro de Estudos e Pesquisas de Sociologia),** Vol. II, n.º 4; abril de 1959. São Paulo.

**Ciencias Políticas y Sociales.** Ano IV, n.ºs 13 e 14; julho-setembro e outubro-dezembro de 1958. Ano V, n.º 15, janeiro-março de 1959. México.

**Cuadernos Hispanoamericanos.** N.ºs 113-117; de maio a setembro de 1959. Madri.

**Deutsches Jahrbuch für Volkskunde.** Vol. 1.º, n.ºs 1-2; 1955. Berlim.

**Educação e Ciências Sociais.** Ano III, vol. 3, n.º 9; dezembro de 1958. Ano IV, vol. 4, n.º 10; abril de 1959. Rio de Janeiro.

**Estudios Americanos.** N.ºs 84-85; setembro-outubro de 1958. Sevilha.

**Forschungen und Fortschritte.** Ano 33, n.ºs 4-10; de abril a outubro de 1959. Berlim.

**Geologia,** N.º 1, Secção II, (Instituto de Geologia, Universidade do Paraná); 1959. Curitiba.

**Homo.** Vol. IX, n.ºs 3-4; 1958. Vol. X; 1959. Göttingen.

**Humanitas.** Vol. I, n.º 1; 1958. Quito.

**Kriterion.** N.ºs 47-48; janeiro-junho de 1959. Belo Horizonte.

**La Palabra y el Hombre.** N.ºs 9 e 10; janeiro-março e abril-junho de 1959. Xalapa.

**Mitteilungen der Geographisch-Ethnologischen Gesellschaft Basel.** Vol. X, 1955-1957. Basiléia.

**Mitteilungen des Instituts für Auslandsbeziehungen.** Ano 9.º, n.º 1; janeiro-março de 1959. Stuttgart.

**Paideuma.** Vol. VII, n.º 1; junho de 1959. Wiesbaden.

**Pesquisa e Planejamento.** Ano 3, vol. 3; junho de 1959. São Paulo.

**Relações Humanas.** Ano II, n.º 5; agôsto de 1959.

**Revista Brasileira de Estudos Políticos.** Vol. III, n.º 6; julho de 1959. Belo Horizonte.

**Revista Brasileira de Geografia.** Ano XIX, n.ºs 3 e 4; julho-setembro e outubro-dezembro de 1957. Ano XX, n.ºs 1 e 2; janeiro-março e abril-junho de 1958. Rio de Janeiro.

**Revista Colombiana de Antropología.** Vol. VII, 1958. Bogotá.

**Revista Colombiana de Folclor.** N.º 3, Segunda Época, 1959. Bogotá.

**Revista de História.** Ano 10, vol. 18, n.º 38; abril-junho de 1959. Vol. 19, n.º 39; julho-setembro de 1959. São Paulo.

**Revista del Museo Nacional.** Tomo XXVII; 1958. Lima.

**Revista do Arquivo Municipal.** Vol. CLXI; 1958. São Paulo.

**Revista do Museu Paulista.** Nova Série, vol. X; 1956-58. São Paulo.

**Revista Mexicana de Sociología.** Ano XX, vol. XX, n.ºs 2 e 3; maio-agôsto e setembro-dezembro de 1958. México.

**Rivista di Antropologia.** Vol. XLV; 1958. Roma.

**Runa.** Vol. VIII, parte segunda; 1956-57. Buenos Aires.

**Sociologia.** Vol. XXI, n.ºs 2 e 3; maio e agôsto de 1959. São Paulo.

**The Commerce.** Vol. I, n.º 1; novembro de 1958. Singapura.

**Wiener Völkerkundliche Mitteilungen.** VI Jg., N. F., Bd. I, Nr. 1-4; 1958. Viena.

PAUL EHRENREICH

*CONTRIBUIÇÕES PARA A ETNOLOGIA DO BRASIL*
*Tradução de Egon Schaden*

Obra clássica sôbre os índios do Araguaia e do Purus, com uma introdução e numerosas notas de Herbert Baldus. Separata da Revista do Museu Paulista.

Volume de 130 páginas, com 48 ilustrações no texto e 15 pranchas em papel especial.

Preço: Cr$ 160,00

À venda na

*LIVRARIA AGIR*
Rua Bráulio Gomes, 125
*São Paulo*

---

*REVISTA MEXICANA DE SOCIOLOGÍA*

PUBLICACIÓN DEL INSTITUTO DE INVESTIGACIONES SOCIALES DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE MÉXICO

Torre de Humanidades, Ciudad Universitaria. Villa Obregón 20, D. F.

Director:

LUCIO MENDIETA Y NÚÑEZ
Doctor en Derecho

La Universidad Nacional Autónoma de México publica un número de la **Revista Mexicana de Sociología,** cada cuatro meses. Precio del ejemplar $7.00. — Números atrasados $7.50